

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Alessandra Ayrão Martins

**O silêncio em Jesus de Nazaré:
Redescobrimo o Deus silencioso
para o discipulado hoje**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientadora: Profa. Lúcia Pedrosa de Pádua

Rio de Janeiro
Agosto de 2013



Alessandra Ayrão Martins

O silêncio em Jesus de Nazaré:

**Redescobrimo o Deus silencioso
para o discipulado hoje**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Lúcia Pedrosa de Pádua

Orientadora
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Joel Portela Amado

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Profa. Blanches de Paula

UMESP

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa
do centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 19 de Agosto de 2013.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da Universidade, do autor e do orientador.

Alessandra Ayrão Martins

Graduou-se em Teologia na UMESP (Universidade Metodista de São Paulo) em 2006, apresentado como trabalho de conclusão de curso a pesquisa intitulada “Um estudo da auto-estima e sua relevância para Igreja como comunidade Terapêutica”. Participou de vários congressos na área de Sistemática e Pastoral. É integrante do corpo pastoral da Igreja Metodista no Rio de Janeiro desde 2007.

Ficha Catalográfica

Martins, Alessandra Ayrão

O silêncio em Jesus de Nazaré: redescobrimo o Deus silencioso para o discipulado hoje / Alessandra Ayrão Martins ; orientadora: Lúcia Pedrosa de Pádua. – 2013.

148 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2013.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Silêncio. 3. Palavra. 4. Meditação. 5. Jesus de Nazaré. 6. Discipulado. 7. Discípulo. I. Pádua, Lúcia Pedrosa de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Para minha mãe, Solange Gonçalves Ayrão,
mulher extraordinariamente inigualável,
e ao meu querido esposo,
Alexandre Alves da Silva,
por acreditar e me apoiar sempre.

Agradecimentos

Ao Deus silencioso que se fez presente em toda essa caminhada.

À minha maravilhosa família que me apoiou e acreditou em mim, me incentivando com suas palavras de encorajamento e silenciando-se em solidariedade nos momentos de crise.

À minha comunidade de fé, Igreja Metodista em Fonte Carioca, que em seus momentos em secreto, no silêncio, orou a Deus por mim.

Aos amigos e amigas que em algum momento se silenciaram para ouvir a minha tagarelice, que parecia ser sem fim, nessa caminhada de desafios enfrentados e conquistas realizadas.

À minha orientadora Professora Dra. Lúcia Pedrosa de Pádua que com suas palavras sábias me orientou e também pelo seu silêncio ao ouvir os meus conflitos, tanto acadêmicos quanto pessoais.

À PUC-Rio e ao CNPq, respectivamente pela bolsa de isenção e sabedoria a mim concedida ao longo dos estudos e pelo fomento financeiro desta pesquisa, sem os quais este trabalho não teria sido realizado.

Aos meus colegas de estudo e pesquisa da PUC-Rio por todas as trocas. Aos professores e funcionários do Departamento de Teologia, meus sinceros agradecimentos pelos ensinamentos e ajuda.

Resumo

Martins, Alessandra Ayrão; Pedrosa-Pádua, Lúcia. **O silêncio em Jesus de Nazaré: redescobrimo o Deus silencioso para o discipulado hoje**, Rio de Janeiro, 2013, 148p. Dissertação – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente dissertação intitulada: *O silêncio em Jesus de Nazaré: redescobrimo o Deus silencioso para o discipulado hoje* foi desenvolvida com o objetivo de descobrir o significado do silêncio na vida de Jesus, para então redescobrir uma nova imagem de Deus, a partir do silêncio, à ser aplicada na dinâmica do discipulado hoje. A luz do referencial bibliográfico levantado percebeu-se que as igrejas precisam retornar a prática do silêncio nas suas mais variadas formas de vivê-lo para redescobrir o Deus silencioso de Jesus, porque Jesus pediu silêncio, respondeu com silêncio e ouviu a resposta silenciosa de Deus em sua vida, ensinando que assim deve ser na vida do seu discípulo.

Palavras-chaves

Silêncio; palavra; meditação; Jesus de Nazaré; discipulado; discípulo.

Abstract

Martins, Alessandra Ayrão; Pedrosa-Pádua, Lúcia (Advisor). **The Silence in Jesus of Nazareth: rediscovering the silent God for discipleship today.** Rio de Janeiro, 2013, 148p. MSc. Dissertation - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation, titled: *The Silence in Jesus of Nazareth: rediscovering the silent God for discipleship today* was developed aiming to understand the meaning of silence in Jesus' life, so one can discover a new image of God, based on silence, one that can be applied in the dynamics of discipleship today. Reviewing the bibliographic references one can realize that Christian Churches need to return to the practice of silence in all different forms of living it therefore rediscovering the silent God of Jesus, and why Jesus asked for silence, answered with silence and listened to the muted response of God in his life, demonstrating that this must be the way in his disciple's life.

Keywords

Silence; word; meditation; Jesus of Nazareth; discipleship; disciple.

Sumário

1	Introdução	10
2	O silêncio no contexto cultural e eclesial	14
2.1.	Dimensões do silêncio	16
2.1.1.	Silêncio e Palavra	18
2.1.2.	Silêncio e contemplação	21
2.1.3.	Silêncio e sofrimento	24
2.2.	Evolução e fragmentação do silêncio na cultura atual	26
2.2.1.	Capitalismo e consumismo	29
2.2.2.	Individualismo e superficialidade	33
2.2.3.	Tecnociência	36
2.3.	Caminhos e descaminhos do silêncio nas tradições eclesiais	39
2.3.1.	Prática da contemplação	40
2.3.2.	Igrejas Midiáticas	43
2.3.3.	Teologia da Prosperidade	46
3	Significado do Silêncio nas etapas da vida de Jesus de Nazaré	50
3.1.	Quanto Jesus pede silêncio: Segredo e revelação	52
3.1.1.	O silêncio na perspectiva do segredo messiânico	54
3.1.2.	Pedagogia do segredo messiânico: silêncio e Revelação messiânica	57
3.2.	Quando Jesus responde com silêncio: A mística de Jesus e o chamado à consciência	59
3.2.1.	Jesus e sua experiência mística de Deus	61
3.2.2.	A oração de Jesus: comunicação com Deus no silêncio	64
3.2.3.	Silêncio que causa admiração	69
3.3.	Quando Jesus experimenta o silêncio do Pai: Relação com o <i>Abbá</i>	73
3.3.1.	Kénosis: A Palavra vive o silêncio	75
3.3.2.	A relação de Jesus com o <i>Abbá</i>	77
3.3.3.	O abandono do Filho no silêncio do Pai	80

3.4. Significado do silêncio de Deus: “Ausência” como presença solidária	85
3.4.1. O Sofrimento de Deus na Cruz	86
3.4.2. Encontro com Deus silencioso	90
3.4.3. Deus é Silêncio amoroso	94
4 Caminhos para o trabalho pastoral: o silêncio no discipulado	101
4.1. O silêncio no discipulado: sua importância na espiritualidade hodierna	103
4.1.1. Meditação e contemplação no discipulado (Auto-conhecimento)	105
4.1.2. Vocação	109
4.1.3. Interação com a natureza (ou mística ecológica)	112
4.2. Redescobrimo o Deus silencioso para o discipulado	115
4.2.1. Saber quando falar e quando calar	116
4.2.2. Liturgia silenciosa (culto)	118
4.2.3. Silêncio Evangelizador	122
4.3. Discipulado e silêncio solidário: A eloquência da solidariedade	125
4.3.1. Responsabilidade social X assistencialismo	127
4.3.2. Silêncio solidário no discipulado	131
5 Conclusão	136
6 Referências Bibliográficas	141

1 Introdução

Quando se fala em silêncio, logo se pensa em vazio, em ausência. No entanto, o silêncio pode ser repleto de sentidos e expressar profundos sentimentos. Há várias expressões que revelam a importância do silêncio na vida do ser humano, como lei do silêncio, minuto de silêncio, etc. Porém, o ser humano está tão submerso nas palavras que encontra dificuldade em viver o silêncio, bem como se expressar por meio desse.

Parece contraditório escrever sobre o silêncio, mas, para ressaltar sua importância, torna-se necessário falar sobre ele. Seria, o silêncio, precioso? Tendo em vista a sociedade atual, considerada ruidosa, responder a essa pergunta pode ser uma tarefa difícil. Por isso, é fundamental lembrar o valor do silêncio, saber como sua prática ou sua ausência tem afetado a sociedade.

Percebe-se uma dinâmica rumorosa nos momentos cotidianos dos indivíduos, em especial nos grandes centros urbanos, despertou o interesse pelo assunto. As pessoas estão constantemente buscando formas de criar barulhos que as isolem dos outros, que possam distraí-las em uma situação de desconforto ou de “perca de tempo”. Esse constante barulho na vida do ser humano é possível por meio dos avanços da tecnologia com objetos como celulares, games, Ipod, tablets, etc. Tal realidade tem favorecido o desenvolvimento de uma sociedade superficial nos seus relacionamentos, fragmentada, que tenta abafar as vozes do sofrimento, do doente, do diferente. Assim, dado que o barulho constante favorece o isolamento, a sociedade torna-se cada vez mais voltada para si.

O silêncio é necessário para a vida do ser humano por diversos motivos. Entretanto, assim como sua ausência pode afetar as pessoas de maneira inimaginável, sua presença em momentos indevidos pode ser angustiante. Por isso, uma reflexão sobre o silêncio e as formas de vivê-lo torna-se não só necessária, mas salutar.

Outro ponto relevante que despertou o interesse pela pesquisa é o fato de as igrejas, que antes eram consideradas locais de silêncio, meditação, de ouvir a

Palavra de Deus, também se encontrarem inseridas nessa realidade de constante ruído. As igrejas que têm sofrido grande influência do pentecostalismo, da Teologia da Prosperidade, têm divulgado a imagem de um Deus mercado, providencialista, falante. Nessas igrejas não há espaço para o silêncio, bem como para o Mistério de Deus. Isso é preocupante por enfatizar um Deus que nem sempre é o Deus de Jesus.

Por isso, esta pesquisa dedica-se a investigar o significado do silêncio na vida de Jesus e, a partir desse significado, compreender como Jesus ouviu e falou por meio do silêncio e redescobriu neste uma imagem de Deus. Sendo assim, pretende-se repensar as implicações pastorais para os dias de hoje na vida do ser humano em meio a essa sociedade ruidosa, através de uma prática mais coerente com o Deus de Jesus, valorizando a presença do silêncio na vida do cristão e no seu caminhar como discípulo de Cristo, mas sem ter a pretensão de esgotar o assunto.

Além disso, é pertinente ressaltar que o silêncio fez parte da vida de Jesus nas suas diversas formas de vivenciá-lo e, para melhor compreender a boa nova de Jesus, bem como o Deus de Jesus, é preciso entender o silêncio presente em sua vida. No entanto, deve-se esclarecer que a boa nova de Jesus não desvaloriza a palavra, mas que essa precisa do silêncio porque, em determinadas situações, este pode ser mais eficaz, ter mais força do que a palavra. Isto é, o silêncio pode ser uma forma de se conhecer Jesus, logo, conhecer a Deus, entretanto, para isso, é necessário compreender que o silêncio de Jesus vai além da mera falta de palavras, podendo assumir características pedagógicas, de solidariedade ou até de protesto.

Para alcançar esse objetivo, a pesquisa será dividida em três grandes partes, tendo como metodologia um levantamento de referências bibliográficas na área da espiritualidade e da cristologia, através do método ver, julgar e agir. No primeiro momento, será estudada a realidade atual da sociedade e das igrejas. Em seguida, será elaborada uma reflexão sobre o silêncio em Jesus. Por último, serão abordadas pistas pastorais para possíveis ações mediante essa temática, lembrando que não são as únicas, mas apenas algumas possibilidades de trabalho.

A dissertação apresentará, no seu segundo capítulo, uma definição do que vem a ser o silêncio, o que se entende desse e algumas de suas possíveis interpretações, inter-relacionando silêncio e palavra, silêncio e contemplação e

silêncio e sofrimento. Em seguida, será feita uma breve análise da realidade usando como base, principalmente, Gilles Lipovetsky e Zygmunt Bauman, sem a intenção de fazer um estudo sobre esses autores, com foco nas características: capitalismo e consumismo, individualismo e superficialidade, e tecnologia. Finalizando com uma apreciação dos caminhos e descaminhos das igrejas, avaliando a prática da contemplação, as igrejas midiáticas e a Teologia da Prosperidade.

O terceiro capítulo contará com uma reflexão cristológica a partir do silêncio em Jesus. Ao se falar em silêncio de Jesus, as pessoas logo se lembram do silêncio na cruz, que na verdade é o silêncio do Pai, esquecendo-se de que Jesus viveu o silêncio em outras situações. A intenção é verificar como o Jesus de Nazaré viveu o silêncio em sua vida e como isso afetou a si e aos outros. Assim, este estudo percorrerá caminhos mais amplos, não se limitando ao silêncio místico ou ao silêncio do Pai. Para isso, apesar de ser um trabalho na área de sistemática, o presente capítulo desenvolverá uma abordagem com base na teologia bíblica, especialmente no estudo do Evangelho de Marcos. Nesta pesquisa será priorizado, sem restringir-se, o pensamento dos teólogos Jürgen Moltmann e Jon Sobrino.

Esse capítulo também tratará minimamente da teologia apofática, já que nada que é possível entender ou explicar pode ser Deus, Deus é mistério e permanece mistério, mesmo ao se revelar. Assim, apresentar-se-á um Deus silencioso e como o silêncio pode favorecer a relação com Ele.

Para alcançar esses objetivos, o capítulo será dividido em quatro partes: 1- “quando Jesus pede silêncio”, na qual será analisada a questão do segredo messiânico para se chegar à pedagogia do silêncio de Jesus; 2- “quando Jesus responde com o silêncio”, ou seja, quando a sua palavra é o silêncio; 3- “quando Jesus experimenta o silêncio do Pai”, enfatizando sua relação com o Pai (*Abbá*); e por último 4- “o significado do silêncio de Deus”, principalmente na relação cruz e ressurreição.

No quarto capítulo, realizar-se-á um levantamento de caminhos para o trabalho pastoral para os dias atuais mediante o que for apresentado nos capítulos anteriores, tendo como meta principal a prática do silêncio na dinâmica do discipulado. Para isso, será abordada a importância do silêncio na espiritualidade atual incentivando a meditação e a contemplação, as quais podem despertar a vocação pessoal e valorizar também a presença e a ação de Deus na natureza.

Além disso, apresenta-se o objetivo de redescobrir o Deus silencioso para o discipulado, enfatizando a importância de saber a hora de falar e a hora de calar; também incentivar, nas liturgias, a presença do silêncio, sem se esquecer da possibilidade de usá-lo como meio de evangelização. E, por último, apontar para o discipulado a prática do silêncio solidário, despertando para a responsabilidade social das igrejas que precisam ir além da mera tagarelice.

É preciso enfatizar que a presente pesquisa não planeja fazer um tratado sobre o discípulo e suas diversas definições e conceituações, no entanto, compreende-se que o discipulado é um estilo de vida. Além disso, ressalta-se que em nenhum momento pretende-se menosprezar a palavra, mas enfatizar a importância do silêncio, devido à sua desvalorização ou mau uso. É preciso compreender que palavra e silêncio caminham juntos.

2

O silêncio no contexto cultural e eclesial

O ser humano acostumou-se aos ruídos, aos barulhos, à fala do outro. É comum, por exemplo, a experiência de entrar em um elevador com outra pessoa, com a qual não se tem intimidade, e, para “quebrar” o constrangimento do silêncio, falar sobre a temperatura: “está quente hoje” ou então “que calor”. Essa, entre outras experiências, revela que o silêncio é algo presente na vida do ser humano e que pode assumir vários sentidos ou interpretações.

Epistemologicamente, o termo silêncio vem de *silentiu*, de *silens* (*silere*), que significa estar em repouso, tranquilidade, descanso. David Le Breton afirma que:

A língua latina distingue duas formas de silêncio: *tacere* é um verbo ativo cujo sujeito é uma pessoa, assinala uma paragem ou uma ausência de palavra relacionada com alguém. *Silere* é um verbo transitivo, não se aplica apenas às pessoas, mas também à natureza, aos objetos, aos animais, designa de preferência a tranquilidade, uma tonalidade agradável da presença que não é perturbada por nenhum ruído. A língua grega, com *siôpân* (calar-se) e *sigân* (estar calado) também distingue o fato de mergulhar no silêncio ou de estar calado [...] *Silere* está principalmente relacionado com a solidão do indivíduo ou com a sua inserção num grupo onde sua presença não tem qualquer afinidade [...] *Tacere* aparece no quadro de uma troca, subentende que um dos protagonistas fica silencioso provocando, assim, um sentido direto susceptível de levantar questões a outros. Nos movimentos incessantes da conversa, *silere* e *tacere* alternam e participam no jogo do sentido, conjugando-se com um terceiro aspecto, mais técnico, relacionado com a necessidade de pausas, para que a língua não fique submergida no excesso de palavras. As palavras e o silêncio misturam-se para chegarem a um intercâmbio.¹

Sendo assim, tanto o *tacere* como o *silere* são fundamentais para a linguagem. Tais termos nos remetem à figura dos silenciosos ou tagarelas, que são chamados assim por causa da ruptura que realizam nos hábitos da comunicação de sua cultura. O silêncio é um traço característico que distingue as culturas, um exemplo disso é que boa parte das sociedades ocidentais temem o silêncio, e o Oriente considera-o como sinônimo de respeito e de sabedoria.²

¹ LE BRETON, D. Do silêncio, Lisboa, Instituto Piaget, 1997, p 23-24.

² Cf. MELLO, R. de. O silêncio faz sentido, disponível em www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_146.pdf acesso em 14/03/2012, acesso em 26/02/2012, p 2589.

Segundo Le Breton não é comum o silencioso aparecer em uma cultura em que o silêncio é uma virtude primordial. É aquele que se põe a escutar, mas não diz nada, sendo muitas vezes mal entendido e visto com desdém pois a sua abstenção a falar, sua reserva, provoca um mal-estar ou desconfiança, porque o “calado parece estar sempre de reserva, numa acusação muda em relação à palavra.”³ Já o tagarela é aquele que não permite espaço para as pausas, ocupando todo o tempo da comunicação e saturando as possibilidades de silêncio, impondo à outra pessoa o desconforto de escutá-lo. O tagarela destrói a reciprocidade do diálogo e ainda corre o risco de fazer repetições inúteis, ele “procura preencher as ameaças de silêncio e condena-se a ser vazio e incansável porque nunca é o último.”⁴ Com a definição do silencioso e do tagarela, compreende-se que ambos os extremos são prejudiciais à comunicação, é preciso encontrar um equilíbrio entre o calar e o falar.⁵

O silêncio é extremamente importante para a linguagem porque a palavra, como o principal meio de comunicação, pode tornar-se uma “arma perigosa” devido ao anseio de compreender todas as possibilidades do ser. Sendo assim, reconhece-se a necessidade de fazer silêncio para que não haja o aprisionamento do ser em palavras, mas mesmo assim é possível verificar o constante falatório, mesmo quando já não há mais o que dizer de necessário.

O imperativo de comunicar é uma acusação contra o silêncio, bem como uma erradicação de toda a interioridade. Não deixa que sobre tempo para reflexão ou lazer porque o dever da palavra o leva. O pensamento exige paciência, deliberação; a comunicação é sempre feita com urgência. Transforma o indivíduo em interface ou retira-lhe os atributos que não estão imediatamente relacionados com as suas exigências. Na comunicação, no sentido moderno do termo, já não há lugar para o silêncio, há uma coação da palavra, de ser obrigado a falar, de dar testemunho, porque a comunicação é tida como a resolução de todas as dificuldades pessoais ou sociais. Neste contexto, o pecado é o comunicar mal e, ainda mais repreensível, mais imperdoável, é ficar calado. A ideologia da comunicação assimila o silêncio ao vazio, um abismo no seio do discurso, não compreende que, às vezes, é a palavra que forma a lacuna do silêncio. Mais do que o ruído, o silêncio é o inimigo reconhecido do homo communicans, a sua vocação.⁶

Com isso, existe a necessidade de ressaltar que o silêncio é uma forma de diálogo, ele faz parte da comunicação, é outra forma de expressão, é linguagem, é

³ LE BRETON, D. *Do silêncio*, p 60.

⁴ *Ibid.*, p 69.

⁵ LE BRETON, D. realiza uma excelente definição do silencioso, tagarela e tagarelice em *Ibid.*, p 56 à 68.

⁶ *Ibid.*, p 12.

o que intercala a conversação. ⁷ “O silêncio vai muito além da ausência de palavras ou ruídos; ele traz consigo significados que, algumas vezes, gritam e, outras vezes, calam a alma.” ⁸

Tendo como pano de fundo uma sociedade ruidosa, barulhenta, o refletir sobre o sentido e a prática do silêncio se torna não só pertinente, mas necessário. Essa sociedade ruidosa é marcada pela forte presença da mídia que informa a todo instante, e as pessoas por sua vez não possuem tempo para refletir e meditar sobre as informações que lhes são passadas; tudo acontece muito rápido, em alta velocidade, o que proporciona ao ser humano cada vez mais superficialidade na sua forma de viver.

É em meio a essa sociedade ruidosa que é preciso ressaltar o valor da prática do silêncio, que pode assumir tanto um caráter saudável, ao ser desenvolvido como momento de meditação e interiorização, ou assustador quando vivido como vazio ou solidão.

2.1. Dimensões do silêncio

De acordo com Maurina Silva, “a palavra e o silêncio pertencem à realização do ser humano, ambos constituem a natureza humana. O ser humano é um ser de palavra e evolui pela palavra” ⁹, mas não há palavra sem silêncio. E pode-se perceber a valorização do silêncio no meio da sociedade devido às inúmeras expressões em nossa linguagem.

Guardar silêncio, impor silêncio, silêncio eloquente, minuto de silêncio, quebrar o silêncio, lei do silêncio, silenciar alguém [...] Expressões como essas nos fazem perceber que há uma gama de possibilidade de significações e de empregos do silêncio e confirmam que ele é algo significante na vida e no discurso. O silêncio é, desse modo, uma forma de expressão outra. ¹⁰

A palavra é concebida como a oportunidade de se conhecer e se fazer conhecer um ao outro e, assim, o silêncio parece ser uma ação na contramão. A

⁷ Cf. CUSTÓDIO, R, C. de F. e. *Outras faces do silêncio*, disponível em www.nelool.ufsc.br/palestras/raquelcardoso.pdf, acesso em 14/03/2012, p 1-3.

⁸ DINCAO, D. B. *Silêncio que Cala, ou Silêncio que Fala?* disponível em www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php, acesso em 01/03/2012, p 259.

⁹ Cf. SILVA, M. *Palavra, silêncio, escritura: a mística de um currículo a caminho da contemplação*, 2008, Tese, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2008, p 22 e 29.

¹⁰ MELLO, R. de. *O silêncio faz sentido*, p 2589.

nossa sociedade tem necessidade de clareza, explicação, ou seja, necessidade de falar, e os que pouco ou nada falam são vítimas de mal-entendidos.¹¹

O silêncio pode adquirir vários sentidos, interpretações, variando de acordo com a cultura, com a situação ou com os envolvidos no momento em que esse se faz presente. Mas é importante diferenciar o silêncio do mutismo. O mutismo se dá com a determinação da pessoa em manter-se silenciosa por tempo prolongado de forma absoluta ou com esporádicas comunicações verbais.¹² Le Breton afirma que “a recusa em entrar na comunicação, isto é, em participar no mundo simbólico da palavra, leva à exclusão do sofrimento, ou seja, de qualquer compromisso com o vínculo social susceptível de magoá-la. O mutismo é a consequência dessa fuga.”¹³

Segundo Eni Orlandi o “silêncio não é vazio, ou sem-sentido; ao contrário, ele é o indício de uma totalidade significativa. Isso nos leva à compreensão do ‘vazio’ da linguagem como horizonte e não como falta.”¹⁴ O silêncio não é algo meramente negativo, ele vai além da palavra, é possuidor de muitos sentidos e intenções. “O silêncio em seus muitos sentidos pode se fazer vida ou morte, alegria ou tristeza, parada ou isolamento, mas será infinitamente o lugar do mistério da palavra que não se fez disfarce e que, por total falta de tradução, permaneceu ausente, aberta a infinitos sentidos”.¹⁵

O silêncio é uma forma de expressão, mas nem sempre possui o mesmo sentido ou significado, alguns fatores são determinantes para o alcance do seu sentido. Sobretudo, nem sempre se alcançará o real sentido do silêncio, podendo assumir a forma de algo não comunicável. Vânia Oliveira declara que Winnicott, ao falar da comunicação e falta de comunicação, “ressalta que há algo de não comunicável, ‘um núcleo da personalidade que corresponde ao eu verdadeiro’ e que merece ser respeitado e preservado como comunicação silenciosa.”¹⁶

¹¹ Cf. MELLO, R. de. *O silêncio faz sentido*, p 2589.

¹² Cf. D'INCAO, D. B. *Silêncio que Cala, ou Silêncio que Fala?*, p 256.

¹³ LE BRETON, D. *Do silêncio*, p 104. Para mais informação sobre mutismo, ler p 102 a 106.

¹⁴ ORLANDI, E. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*, Campinas, Editora UNICAMP, 2007, p 68

¹⁵ OLIVEIRA, V. M. R. de; CAMPISTA, V. do R. *O silêncio: multiplicidade de sentido*, in *Sinais - Revista Eletrônica, Ciências Sociais, Vitória, CCHN, UFES, Ed n.02, V.1, Outubro 2007*, p 118.

¹⁶ *Ibid.*, p 115. A autora usou com fonte bibliográfica o livro WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

O silêncio pode ser considerado um tipo de linguagem, um tipo de discurso, que pode assumir duas diferentes faces: o silêncio imposto, o que é usado como forma de dominação, a pessoa fica sem voz e sem sentido; o segundo é o silêncio proposto, é o que se apresenta com uma forma de resistência, de defesa e proteção.¹⁷

Ainda hoje muitos entendem o silêncio apenas como forma de repressão, de castigo, de indiferença, olhando-o com negatividade, só levando em consideração a sua forma compulsória ou maléfica, esquecendo-se de que o silêncio também pode ser vivido com intenções benéficas, como meditação, interiorização, solidariedade, entre outras. Sendo assim, é de suma relevância estudar as possibilidades de interpretação do não-dito para chegar ao entendimento do que se disse com o não-dito.

O silêncio que separa as falas é tão ou mais importante que as palavras ditas no nível da conversação. O silêncio que invade o diálogo é, de fato, um paradoxo: percebemos o silêncio que precisa ser ouvido, que precisa passar pela linguagem, ser transformado e registrado em forma de discurso. O não-dito é dito; basta escutá-lo. Poderíamos dizer que o “não-dito” é, na verdade, o “não-ouvido.”¹⁸

O ser humano está tão submergido nas palavras que não consegue se comunicar com a presença do silêncio, espera que tudo seja dito com palavras, mesmo quando o silêncio é suficiente para expressar as emoções daquele que está a falar. Assim, muitas vezes o silêncio tem sido o discurso não ouvido.

Há muito que se dizer sobre o silêncio e suas formas de interpretação nas mais diversas culturas, mas a presente pesquisa não tem a pretensão de escrever sobre todos os possíveis sentidos do silêncio, mas ater-se a três dimensões: o silêncio e a palavra, o silêncio e a contemplação e por último o silêncio e o sofrimento, sem esgotar o assunto. Para isso permear-se-á por algumas áreas do saber, principalmente sociologia.

2.1.1. Silêncio e Palavra

O ato de começar uma conversa implica romper o silêncio existente no encontro de duas ou mais pessoas. Quando as pessoas já são conhecidas, entra-se de imediato no assunto, enquanto que, no encontro de pessoas desconhecidas,

¹⁷ Cf. ORLANDI, E. *As formas do silêncio*, p 93-132 ao escrever sobre silêncio e resistência.

¹⁸ MELLO, R. de. *O silêncio faz sentido*, p 2591.

origina-se um breve momento de silêncio para encontrar o termo adequado para iniciar a conversa com algumas expressões típicas de quem deseja dissipar o silêncio, nesse caso, o inimigo a abater. O silêncio súbito no meio de uma conversa pode gerar constrangimento para ambos os participantes, de tal forma que a pessoa se sente exposta diante do outro (sentindo-se como nu). Esse tem sido o preço pago pela invenção da palavra. Le Breton lembra a famosa expressão “passou um anjo aqui” que é muito usada para dissipar o silêncio de uma forma descontraída.¹⁹ Para que o silêncio em uma conversa não seja constrangedor, é preciso que as pessoas se conheçam, tenham cumplicidade.

Para ser possível ficar calado, face ao outro, é conveniente conhecê-lo já intimamente e sentir-se ao abrigo do seu olhar e da sua apreciação. A cumplicidade da amizade ou do amor dispensa a necessidade de estar sempre a falar e proporciona numerosos momentos de abandono. Os estranhos também podem usufruir da serenidade de poderem partilhar longos silêncios sem se sentirem mal. Acontece com as viagens de comboio ou de avião, com os trajetos de metrô ou de ônibus, que fazem justamente funcionar um ritual de comunicação baseado no mutismo recíproco das pessoas que estão em frente uma das outras, mesmo quando a viagem dura algumas horas.²⁰

Nesse caso, o silêncio com as pessoas estranhas pode ser uma forma de reserva, de defesa, demonstrando a intenção de não querer contato com a outra pessoa, é uma forma de manter distância. Ou então, faz-se uso de uma comunicação superficial que é útil para dissipar o silêncio constrangedor.

Palavra e silêncio caminham juntos diante da perspectiva relacional do ser humano. De acordo com Max Picard, o silêncio não é algo negativo e nem é simplesmente falta de palavras, mas a palavra e o silêncio se implicam reciprocamente. “A palavra perece se ela perde a conexão com o silêncio.”²¹ A palavra é, portanto, essencialmente unida ao silêncio. As palavras se carregam do silêncio, e, uma vez pronunciada a palavra, é preciso que haja o silêncio novamente. O silêncio da escuta para adquirir a riqueza do que foi pronunciado. César Izquierdo alega que “o silêncio forma parte da palavra porque o dito está no não dito, o significado.”²² Por isso, a relação de silêncio e palavra não é negativa.

Entretanto, o silêncio e a palavra estão um de frente para o outro. Para Picard, a palavra é o oposto do silêncio, mas não uma oposição com hostilidade e,

¹⁹ Cf. LE BRETON, D. *Do silêncio*, p 33-45.

²⁰ *Ibid.* p 44.

²¹ PICARD, M. *Il mondo del silenzio*, Sotto il Monte, Provincia Di Bergamo, Servitium, 2007, p 17.

²² IZQUIERDO, C. *Palabra (y silencio) de Dios*, Scripta Theologica 41 (2009/3), p 947.

sim, uma outra face do silêncio. Através da palavra é possível sentir o ressoar do silêncio.²³ A palavra e o silêncio são intimamente conectados, o silêncio pode existir sem a palavra; no entanto, a palavra não pode existir sem o silêncio. O silêncio não é superior à palavra, ao contrário, porque é apenas na palavra que a verdade toma forma. Graças à palavra, o silêncio é levado de um estado selvagem, pré-humano, a um estado de instrução, humano.²⁴

César Izquierdo ao estudar os escritos de Tomás de Aquino percebe que:

a análise da palavra vai afirmar que há um duplo (ou triplo) verbum no sentido de que a palavra exterior (falada) procede necessariamente de uma palavra interior (que chama verbum mentis ou verbum cordis) que nada mais é do que o conceito ou conceituação da coisa, ou seja, o conhecimento. Esse conhecimento tem lugar no silêncio, e precisamente esse silêncio do coração é o que dá a conhecer a palavra.²⁵

Também, para Le Breton, o silêncio e a palavra não são contrários, são ativos e significantes, sem sua união não é possível construir um discurso, uma comunicação. Então, na conversação, o silêncio permite que a palavra alcance a sua plenitude, pois, quando as palavras saem dos lábios e desaparecem no momento do anúncio, elas são acolhidas e transformadas na escuta atenta do ouvinte, que prepara a sua resposta.²⁶

Então se o silêncio “não é ausência de sons e palavras” ele é sons e palavras, se “não é vazio” é a própria completude, se não é “ausência” é presença, e evidentemente a presença não ocorre só nas palavras, mas em tudo que se encontre ou não significado, como “as notas musicais, entre as linhas, entre os astros, entre os seres”, ou seja, o silêncio se movimenta em tudo que possa ter significância.²⁷

Sendo assim, o silêncio não é apenas falta de som. O silêncio fala e, em determinados momentos, pode-se dizer que fala mais alto do que a própria palavra. Mas, Le Breton orienta que “calar sem motivo é tão insuportável como falar para não dizer nada”, alertando que palavra e silêncio são apenas meios

²³ Cf. PICARD, M. *Il mondo del silenzio*.

²⁴ *Ibid.*

²⁵ IZQUIERDO, C. *Palabra (y silencio) de Dios*, p 948.

²⁶ Cf. LE BRETON, D. *Do silêncio*.

²⁷ CUSTÓDIO, R. C. de F. e. *Outras faces do silêncio*, p 4. O autor faz essa afirmação como base na declaração de E. Orlandi que diz: “Trata-se do silêncio fundador, ou fundante, princípio de toda significação. [...] é a própria condição de produção de sentido. [...] não é o vazio, ou o sem sentido; ao contrário, ele é o indicio de uma instância significativa [...] silêncio como sentido, como história (silêncio humano), como matéria significante. O silêncio de que falamos é o que se instala no limiar do sentido.[...] ele é o que há entre as palavras, entre as notas de música, entre as linhas, entre os astros, entre os seres.[...] (ORLANDI,2007, p 68)

porque é a intenção do fazê-los que confere o seu valor. Por isso, há palavras e palavras e há silêncios e silêncios.²⁸

Não se pode esquecer que um mundo sem sons ou ruídos não é possível, não existe. Todos os ambientes produzem manifestações sonoras, mesmo que sejam em menor proporção. Mesmo nos lugares considerados mais silenciosos é possível ouvir sons (na floresta, ouve-se o barulho das águas; no monastério, é possível ouvir o canto dos pássaros no pátio ou, então, o sino da igreja). No entanto, segundo Le Breton, “há sons que se juntam ao silêncio sem perturbar a sua ordem.”²⁹

2.1.2. Silêncio e contemplação

Como enfatiza Le Breton, não há lugar sem ruídos, mas há lugares que “não deixam de dar a impressão da chegada do silêncio.”³⁰ Lugar esse que pode ser uma floresta apenas com os sons da natureza, ou uma praia com o maravilhoso espetáculo do pôr do sol ao som das ondas, que desperta o ser humano para a beleza da criação. Esses lugares proporcionam uma sensação de paz, tornam-se criações do silêncio porque o espetáculo que oferecem do mundo vai além de qualquer palavra, fazendo o ser humano voltar para si, para o seu interior, impulsiona-o a refletir, meditar em si mesmo, em Deus (ou transcendente), em sua relação com as outras pessoas e com a própria natureza.³¹

Aliado à beleza de uma paisagem, o silêncio é uma via em direção a nós próprios, à reconciliação com o mundo. Momento de suspensão do tempo onde se abre uma passagem que oferece ao homem a possibilidade de voltar a encontrar o seu lugar, de ganhar a paz. Provisão de sentido, reserva moral, antes do regresso ao ruído do mundo e às preocupações do dia-a-dia. A incidência do silêncio, experimentada em diferentes momentos da existência, pelo recurso ao campo ou mosteiro, ou apenas ao jardim, ao parque, toma o aspecto de um recurso, de um tempo de repouso antes de mergulhar no ruído, entendido em sentido próprio e

²⁸ Cf. LE BRETON, D. *Do silêncio*, p 50.

²⁹ Ibid., p. 142. Para Le Breton “os movimentos do homem no espaço são acompanhados de um traço sonoro, o dos seus passos, dos seus gestos, da sua respiração; a sua imobilidade não anula a respiração ou os ruídos do corpo. A existência palpita sempre e deixa ouvir um rumor que dá conta da existência dos sinais essenciais. Numa sola insonorizada, os batimentos do coração, a circulação do sangue, os movimentos do trânsito intestinal atinge a amplitude inesperada”, p 141.

³⁰ Ibid. p 146.

³¹ Rubio declara que há quatro tipos de relações básicas para a autoconsciência do ser humano como humano, sendo elas: 1- a relação para com Deus; 2- a relação com os animais; 3- a relação inter-humana; 4- a relação com a terra do campo. A. G. RUBIO. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz e da reflexão cristã*, São Paulo, Paulus, 2006, p 163-164.

figurado, de uma imersão na civilização urbana. O silêncio encontrado desta maneira procura um sentimento forte da existência. Marca um momento de despojamento que permite fazer o ponto, marcar limites, voltar a encontrar uma unidade interior, tomar uma decisão difícil.³²

O fato de o ser humano se encontrar a sós consigo é um dos motivos que o faz desejar viver o silêncio, proporcionando uma experiência agradável. Todavia, esse mesmo fato pode ser um fator aterrorizador para outras pessoas que evitam o silêncio a todo custo. Estar a sós consigo leva ao enfrentamento dos temores interiores, é o confronto com as amarguras, com os fracassos e decepções que ocorreram ou poderão ocorrer no desenrolar da vida. Assim, o silêncio pode ser um momento de paz, refrigério ou angústia.

Para Pascal, a infelicidade humana consiste na incapacidade do ser humano de olhar para dentro de si, de viver o silêncio ao descobrir que “toda infelicidade dos homens vem de uma só causa, que é não saberem ficar quietos dentro de um quarto... É o ruído que nos desvia de pensar em nossa condição e nos diverte.”³³ Por isso, os seres humanos gostam tanto dos ruídos e da agitação da vida, o que favorece ao silêncio passa a ser compreendido como horror. O ser humano está sempre procurando uma forma de ser feliz criando cada vez mais ruído.

Merton insta a não nos resignarmos ao barulho de máquinas e aparelhos, mas a resistir, criando espaços de silêncio (salas de leitura, capelas), acabando com as fontes do barulho e, assim, conquistando o silêncio interior (condição para pacificar as paixões e desejos). Quando conquistamos esse silêncio interior, podemos trazê-lo conosco pelo mundo afora e orar em qualquer lugar [...] Contudo, é absurdo falarmos em silêncio interior quando não existe silêncio exterior.³⁴

O ser humano precisa vivenciar essa interiorização, meditação, contemplação por meio do silêncio para aprofundar-se na compreensão de si mesmo, na sua integridade e na sua capacidade de amar, só então possuirá o que compartilhar com o outro.³⁵ O ser humano não nasceu para ser solitário, mas para viver em comunhão com os outros, com Deus e consigo, por isso, precisa viver momentos de silêncio, de contemplação com a finalidade de se ouvir e ouvir Deus.

³²LE BRETON, D. *Do silêncio*, p 14.

³³Cf. PASCAL, B. *Pensamentos*, São Paulo, Difusão Europeia do livro, 1961, p 86-87.

³⁴BERTELLI, G. A. *Mística e compaixão: a teologia do seguimento de Jesus em Thomas Merton*, São Paulo, Paulinas, 2008, p 114. Thomas Merton era um monge trapista (Ordem Monástica da Igreja Católica).

³⁵Cf. MERTON, T. *Contemplação num mundo de ação*, Petrópolis, Vozes, 1975, p 162.

A experiência contemplativa está ligada ao que há de mais básico na existência humana [...] Portanto há contemplativos não só em mosteiros, mas em plena vida secular [...] apesar de o contemplativo viver em silêncio e procurar manter-se livre do envolvimento numa atividade frenética e sem sentido, ele não vira as costas simplesmente ao mundo dos outros homens. Tal como eles, permanece enraizado neste mundo. Ele permanece aberto ao mundo e está pronto, quando necessário, a compartilhar com os outros parte de sua própria experiência, na medida em que isto for possível ou desejável. Também compreende a sua necessidade de ouvir outros homens e de aprender com eles. Mas acima de tudo ele procura aprofundar-se na fonte divina de onde surge toda a vida, e compreende os destinos do homem à luz de Deus.³⁶

Sendo assim, é muito importante para os princípios da vida humana o retirar-se da presença de amigos e conhecidos e recolher-se em silêncio para curar doenças e enfermidades da vida, porque o primeiro e melhor remédio é o silêncio, sem o silêncio os outros remédios fazem pouco ou nenhum efeito.³⁷

O silêncio místico é mais eloquente do que as palavras. Ao falar da sua experiência do Totalmente Outro ele não é capaz de dizer nada, apenas diz "não-palavras", tornando o silêncio as suas palavras. O silêncio do místico é um silêncio que abre novas dimensões da realidade, conscientiza que o máximo que se pode falar do Indizível não é tudo, pois tudo o que se pode falar é uma redução do Infinito (Deus) à finitude da palavra.³⁸ Sendo assim, o silêncio é uma forma mais coerente de preservar a imensidão de Deus. "O silêncio, definitivamente, é um ato de reverência."³⁹

O silêncio é a língua de Deus porque contém todas as palavras, é uma reserva inesgotável de sentido. O homem é convidado a provocar o silêncio em si mesmo, a defender-se das condições normais das conversas, para escutar uma frase que já não passa pelo recorte das palavras [...] Deste modo, numerosos crentes se dirigem a Deus, como uma fala interior, cujo estatuto aparente é o silêncio, mas cuja intenção é ativa.⁴⁰

O silêncio contemplativo não é apenas o afastamento das pessoas, é o silenciar seus pensamentos, suas ansiedades e preocupações para ouvir a Deus, é um direcionar-se a Deus em silêncio exterior e interior. É se por em contato com o mais profundo do seu ser, calando-se diante da imensidade indizível de Deus,

³⁶ MERTON, T. *Contemplação num mundo de ação*, p 163-164.

³⁷ Cf. PALMA, L. *Caminho Espiritual*, in *Obras completas do padre Luis de La Palma de La compania de Jesus*, Recopilación, introducción y notas del P. Camilo María Abad, Madrid, BAC, 1962, Tomo II, p 76.

³⁸ Cf. BALDINI, M. *Il místico fra silenzio e parola*, in *Le forme Del silenzio e della parola*, Brescia, Morcelliana, 1989, p 259.

³⁹ CATALÁN, J. O. *A experiência mística e suas expressões*, São Paulo, Loyola, 2008, p 29.

⁴⁰ LE BRETON, D. *Do silêncio*, p 177.

confiar em Seu amor insondável, deixando-se submergir nesse Deus Mistério que não pode ser explicado com palavras, apenas adorado.

O silêncio contemplativo está correlacionado com a interioridade, mas não possui características egoístas. Na verdade, é uma forma de viver a vida, de ver o mundo, as pessoas, e aprender a escutá-las e amá-las a partir da prática do silêncio. Aquele que vive o silêncio contemplativo é mais sensível ao outro e à natureza por conseguir ouvir os seus gritos de sofrimento e dor.

2.1.3. Silêncio e sofrimento

Como mostrado anteriormente, o silêncio pode assumir vários significados ou interpretações, como ocorre diante de situações de sofrimento e de dor. Ele pode assumir sentido positivo ou negativo, o que vai determinar é a sua intenção ou circunstância.

Entende-se que o silêncio não tem apenas elementos saudáveis, também é possível encontrar elementos escuros, espantosos, hostis; um componente que pode emergir das profundezas do silêncio, como o infernal ou o demoníaco. O silêncio ajuda a compreender uma reflexão e tem sua importância na comunicação, sendo que, imposto pela violência, o seu significado é transformado. Passa a assumir uma característica negativa. Outra característica do silêncio diabólico é o silêncio de omissão, em que o indivíduo fica em silêncio para não ter que se posicionar contra as injustiças desse mundo. Por isso, é tão importante entender que “o significado da palavra ou do silêncio é apenas percebido através das circunstâncias em que lhes dão origem.”⁴¹

O silêncio pode ser o caminho fértil para expressar afetos e gestos. Diante da morte, o silêncio pode ser a palavra mais eficaz para expressar solidariedade ao que sofre, é comum ouvir dizer que diante da morte não há o que dizer. Então, o silêncio torna-se a melhor expressão de amor e afeto para com o enlutado. David Le Breton assegura que “perante o cadáver, a fala fica suspensa nos lábios frementes, receia expor-se ao sofrimento de uma solicitação sem resposta, agravando desse modo uma chaga já aberta.”⁴²

⁴¹ LE BRETON, D. *Do silêncio*, p 6.

⁴² *Ibid.*, p 246. Le Breton escreve um capítulo com o título “o silêncio e a morte”, para mais informações ler p 235-264.

Outra situação semelhante que proporciona a sensação de “nó na garganta” que impede que o ser humano fale é o quadro de enfermidade, principalmente em crianças e jovens em casos terminais, para o qual não há explicação lógica, não há respostas para os porquês, ou então para o “por que eu?” daqueles que sofrem tal realidade. Nesses casos, o silêncio tem sido considerado a melhor resposta.

Mas, nem todo silêncio é de solidariedade ou de condolências diante do sofrimento. Há casos em que o silêncio representa o desrespeito ou indiferença para com a dor do outro. O silêncio pode assumir um sentido de omissão diante do sofrimento, da injustiça. É comum ouvir o ditado popular “quem cala, consente”, pois o ser humano, em determinadas situações, tem se calado diante da injustiça para não assumir um compromisso, para não ter que lutar por justiça, consentindo com a presente realidade, por mais que em suas ações não se encontre injustiças. Le Breton diz que esse ditado é uma:

afirmação de caráter duplo. O silêncio vale como aprovação[...] De boa ou má vontade dá um aval. Tal atitude pode nascer da cumplicidade efetiva, com o indivíduo a aderir à situação sem sentir necessidade de fazer comentários inúteis. Um eventual sorriso, um gesto com a mão acompanham, por vezes, a aquiescência. Mas, a expressão está também associada à ausência de escolha daquele que é colocado perante o fato consumado, [...] o indivíduo procura salvar a face, é obrigado a calar-se e aceitar as circunstâncias, mas não deseja participar. Falar seria tagarelice inútil. O silêncio, então, revela-se um sinal amargo de uma dignidade mal tratada, uma fuga que deixa toda a latitude ao acontecimento.⁴³

Assim, o silêncio apresenta uma dualidade: pode ser uma forma de acomodação, de conformidade, diante das situações da vida; ou pode ser uma tentativa de preservar a vida, a dignidade, mantendo-se calado porque o seu falar seria apenas mais uma tagarelice inútil, já que seria um falar sem ser ouvido. Assim, o calar pode ser para o bem ou para o mal, depende do sentido que se deseja dar a ele. Não esquecendo que a “relação com o silêncio é uma prova que revela atitudes sociais e culturais, mas também pessoais do indivíduo.”⁴⁴

O silêncio também promove momentos de sofrimento. Dependendo da situação em que ocorre, pode ser interpretado como uma resposta desaprovadora, portadora de julgamento, provocando uma tensão que oprime. Conforme Renato de Mello, esse silêncio “pode ser, desse modo, uma verdadeira tortura, algo insuportável.”⁴⁵

⁴³ LE BRETON, D. *Do silêncio*, p 101.

⁴⁴ *Ibid.*, p 157.

⁴⁵ MELLO, R. de. *O silêncio faz sentido*, p 2592.

A violência que subjaz às relações interpessoais não se exprime e não se revela, dessa forma, unicamente pela palavra. O silêncio, assim como todas as outras formas de linguagem não-verbal, é, de fato, portador de agressividade ou pode ser interpretado como tal. O riso, a linguagem corporal, a entonação, o olhar, o silêncio pertencem ao universo da conversação e podem ser observados não só naquele que fala como também naquele que ouve, produzindo os mesmos efeitos e suscitando as mesmas reações que aquelas produzidas pelas palavras.⁴⁶

É preciso conhecer os diversos elementos presentes que envolvem silêncio para entender o seu real sentido, que pode ser bom ou mal. O silêncio imposto, como já mencionado, é caracterizado como negativo e mal e, normalmente, ocorre como censura em época de repressão, ou seja, o silenciamento é antidemocrático, é gerador de sofrimento porque o indivíduo não fica simplesmente impossibilitado de falar, mas fica impossibilitado de ser, de revelar quem ele é ou o que pensa, assumindo uma forma de aniquilamento.

Sendo assim, silêncio pode ser interpretado positivamente como solidariedade, como demonstração de amor aos que sofrem. Mas, também pode ser interpretado negativamente ao ser vivido como indiferença ao sofrimento do outro, como omissão, principalmente no que diz respeito a questões de âmbito sociais. Outra forma negativa do silêncio é quando ele é imposto, passa a ser gerador de sofrimento, admitindo uma característica de abatimento do indivíduo que vivencia tal imposição.

2.2. Evolução e fragmentação do silêncio na cultura atual

É possível afirmar que a sociedade atual tem sido invadida por diversos barulhos, ruídos, das mais diversas formas. Numa sociedade marcada pelo individualismo, pelo capitalismo, pelo consumismo e pelos avanços tecnológicos, o silêncio pode adquirir pouco ou nenhum valor, devido ao imperativo de dizer tudo para não permitir que o silêncio constrangedor se instale. Esse imperativo pode ser uma grande armadilha porque “dissolve-se na ficção de que tudo foi dito, mesmo se deixar sem voz aqueles que teriam coisas diferentes a dizer, ou teriam escolhido um discurso diferente.”⁴⁷

⁴⁶ MELLO, R. de. *O silêncio faz sentido*, p 2591.

⁴⁷ LE BRETON, D. *Do Silêncio*, p 13.

Jose Pagola fala de uma “cultura moderna de ruídos e superficialidade”.⁴⁸ Essa cultura tem gerado seres humanos ruidosos e superficiais com o auxílio dos avanços da tecnologia. Segundo Pagola, a mídia se tornou um grande meio de formação e socialização da presente sociedade, substituindo as igrejas e a família, entre outros núcleos de formação. Não há dúvida do seu efeito positivo, mas, por outro lado, também não há dúvida do seu efeito negativo na construção da sociedade.

A velocidade das informações impede que o ser humano processe, reflita a partir e sobre essas. Dessa maneira, o indivíduo “se informa de tudo, mas quase nada é solidamente assimilado.”⁴⁹ Outra característica dessa sociedade ruidosa é a gama de produtos oferecidos, é uma sociedade de consumo, quanto mais se tem mais se quer. A inovação da tecnologia é extremamente veloz, seduzindo o indivíduo a trocar o “velho” pelo novo, pelo lançamento. Não há mais o absoluto, tudo é efêmero.⁵⁰

Gilles Lipovetsky⁵¹ trata de uma cultura-mundo, na qual o mundo se torna cultura e a cultura se torna mundo, gerando uma estruturação radicalmente nova da relação do ser humano consigo e com o mundo. É uma cultura-mundo que não reflete o mundo, mas o constitui. A cultura-mundo está ligada à globalização porque assume uma desterritorialização generalizada, dirigindo-se para a individualização do ser humano. Com o grande avanço da comunicação, das hipermídias, favorece-se uma concepção de encolhimento do tempo e do espaço, pois o mundo virtual possibilita uma comunicação em tempo real, causando sentimento de simultaneidade, aproximação.

⁴⁸ PAGOLA, J. A. *Silencio y escucha frente a la cultura del ruido e La superficialidad*, disponível em http://www.mercaba.org/FICHAS/Vida_consagrada/silencio_y_escucha_frente_a_la.htm, acesso em 30/11/2011.

⁴⁹ PAGOLA, J. A. *Silencio y escucha frente a la cultura del ruido e La superficialidad*.

⁵⁰ Cf. Ibid.

⁵¹ Lipovetsky divide a história da cultura em 3 grandes eras: 1) o momento religioso tradicional: guiado por normas coletivas, as formas culturais se perpetuavam de geração em geração, não reconhecendo iniciativas individuais; foi a mais longa historicamente; 2) a segunda era coincide com o advento da democracia moderna, surgem sistemas autônomos a ser transformados, também acarretou uma dinâmica de secularização da cultura, seu objetivo era emancipar o ser humano; assim a modernidade inaugurou a primeira fase histórica da cultura-mundo; 3) sobre a terceira era, ele levanta a hipótese de que se estabeleceu há cerca de duas ou três décadas, é um novo regime de cultura, o da hipermodernidade, sendo que além da revitalização das identidades coletivas herdadas do passado, é a hipermodernização do mundo que avança, remodelado que ele está pelas lógicas do individualismo e do consumismo. Para mais informações, consultar: LIPOVETSKY, G. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*, São Paulo, Companhia das Letras, 2011, p 11-13.

Cultura-mundo significa o fim da heterogeneidade tradicional da esfera cultural e universalização da cultura mercantil, apoderando-se das esferas da vida social, dos modos de existência, da quase totalidade das atividades humanas. Com a cultura-mundo, dissemina-se em todo o globo a cultura da tecnociência, do mercado, do indivíduo, das mídias, do consumo; e, com ela, uma infinidade de novos problemas que põem em jogo questões não só globais (ecologia, imigração, crise econômica, miséria do Terceiro mundo, terrorismo...) mas também existenciais (identidade, crenças, crise dos sentidos, distúrbios da personalidade...) [...] Mundo que se torna cultura, cultura que se torna mundo: uma cultura-mundo.⁵²

Na presente pesquisa, ao mencionar cultura-mundo, lê-se hipermodernidade ou pós-modernidade, termo que também é usado pelo escritor Zygmunt Bauman para referir-se à sociedade atual. A cultura-mundo fala da sociedade atual, pós-moderna e um dos traços mais característicos dessa pós-modernidade é uma desorientação excepcional, inédita e em todo o mundo (fruto do excesso de informações).

Lipovetsky alega que "depois da era moderna do engajamento, eis a época hipermoderna da Grande desorientação [...] [de forma que] a incerteza tornou-se a coisa mais bem partilhada do mundo."⁵³ Pode ser considerado um mundo mais confortável (devido aos inúmeros avanços da ciência, tecnologia, etc), mas, ao mesmo tempo, tornou-se mais opressivo, causador de ansiedade e de inquietações de toda a natureza.

Lipovetsky apresenta o mundo estruturado em torno de quatro polos estruturantes que são: hipercapitalismo (força financeira), hipertecnificação (grau de técnica moderna), hiperindividualismo e o hiperconsumo (área mercantil). Essas lógicas em interação compõem uma cultura globalizada como "uma cultura sem fronteiras cujo objetivo não é senão uma sociedade universal de consumidores."⁵⁴

Sendo assim, a questão segundo Lipovetsky é que “tudo está aberto às mudanças necessárias exigidas por uma época em que não se trata mais de ‘mudar o mundo’ e, sim, de civilizar a cultura-mundo.”⁵⁵ Dentro desse conceito, avaliar-se-ão algumas características da pós-modernidade com o intuito de observar a presença (ou ausência) do silêncio e seu efeito na sociedade, a qual já é

⁵² LIPOVETSKY, G. *A cultura-mundo*, p 9.

⁵³ *Ibid.*, p 21.

⁵⁴ *Ibid.*, p 32. Não há a intenção de esmiuçar esses quatro polos, apenas apresentar alguns pontos característicos e verificar como influenciam a vivência do silêncio na sociedade atual posteriormente. Opta-se por usar os termos sem o prefixo “hiper”.

⁵⁵ *Ibid.*, p 28-29.

considerada por Pagola como ruidosa. Deve-se levar em conta que não há a pretensão de realizar um diagnóstico geral da sociedade, apenas fazer alguns recortes focando a dinâmica do silêncio.

2.2.1. Capitalismo e consumismo

Lipovetsky identifica que o capitalismo: “é aquele em que se afirma o poder das finanças e dos grandes investidores.”⁵⁶ Essa era global das finanças instaurou um desequilíbrio, uma imprevisibilidade, proporcionando um caos crescente, que se dá devido à diferença dos benefícios oferecidos pelo capitalismo, principalmente entre ricos e pobres.

A insegurança gerada pelo capitalismo também é percebida no que diz respeito à estabilidade (ou instabilidade) no trabalho. Hoje os trabalhadores muitas vezes são vistos como “descartáveis”. Se não servem mais aos interesses das empresas são jogados fora, como inúteis ou desnecessários. O ser humano passou a viver a vida como uma verdadeira competição nas mais diversas áreas; o outro se tornou o rival, o concorrente. Tal situação tem sido fator gerador de desequilíbrio emocional, sentimento de fracasso ou de vazio pessoal ao não se ganhar a “competição da vida”.

O capitalismo não é uma mera questão econômica, passou a ser uma questão cultural ao tornar-se o esquema organizador de variadas atividades, é um modelo para o agir em sociedade. Assim, tudo é pensado em valores monetários, em rentabilidade. O ser humano já não é mais visto como um ser, mas sim como uma coisa, é a coisificação do ser humano por meio do capitalismo, vale mais o que ganha mais, o que produz mais. De acordo com Lipovetsky:

O hipercapitalismo é o sistema que, pela primeira vez na modernidade, se desenvolve sem um verdadeiro concorrente, sem uma alternativa plausível. Nunca o economismo, a concorrência, o espírito de eficácia se impuseram de maneira tão ampla. O fato está aí: o espírito do tempo converteu-se no espírito do capitalismo, funcionando como uma cultura sem fronteiras, uma cultura-mundo.⁵⁷

O sucesso no mundo pós-moderno está intrinsecamente relacionado com o ganhar a “competição da vida” (viver tornou-se sinônimo de competir) e ganhar

⁵⁶ LIPOVETSKY, G. *A cultura-mundo*, p 34.

⁵⁷ *Ibid.*, p 39.

dinheiro, mesmo que para isso seja preciso sacrificar alguns valores importantes para o ser humano, como família, saúde, lazer. Nessa perspectiva, o silêncio como forma de meditação, autoconhecimento, interiorização é totalmente negligenciado. “Não há tempo a perder”, é preciso fazer, produzir. O silêncio passa a ter sentido de tempo perdido, de improdutividade. Mas também pode ser interpretado como enganação, perversidade, quando seu motivo é omitir informações para prejudicar o outro, ou seja, o rival na competição da vida. Lipovetsky assegura em seu livro *A era do vazio* que “passamos da guerra de classes à guerra de todos contra todos”.⁵⁸ Assim, no mundo econômico reina uma rivalidade pura, esvaziada de qualquer significação moral ou histórica. Em suma, tudo passa a ser calculado para custos e benefícios individualistas, até mesmo a prática do silêncio.

Atualmente já se ouve falar em “capitalismo cultural”,⁵⁹ pois a cultura tornou-se um mundo de marcas e de consumo. O capitalismo possui um forte poder na sociedade pós-moderna, mas o consumismo por sua vez não fica atrás, isto é, o capitalismo proporciona a prática do consumismo e por sua vez o consumismo fortalece o capitalismo.

O consumismo proporciona a compra compulsiva, exacerbada, em que não há necessidade de comprar, compra-se para satisfazer o desejo de simplesmente obter algo, e não pela necessidade. Com isso, muitas famílias vivem o dilema do endividamento. Mas, na sociedade consumista, o consumidor, muitas vezes, torna-se a mercadoria. Com o capitalismo, há a coisificação do ser humano e, com o consumismo, há a comercialização do ser humano, ou seja, o ser humano torna-se uma mercadoria. Bauman, ao falar de uma sociedade consumista, defende que:

Na sociedade de consumidores ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A "subjetividade" do "sujeito", e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável. A característica mais proeminente da sociedade de consumidores - ainda que

⁵⁸ LIPOVETSKY, G. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, Barueri, Manole, 2005, p 65.

⁵⁹ Lipovetsky fala que “a cultura que caracteriza a época hipermoderna não é mais o conjunto das normas sociais herdadas do passado e da tradição (a cultura no sentido antropológico), nem mesmo o “pequeno mundo” das artes e das letras (a alta cultura); ela se tornou um setor econômico em plena expansão, a tal ponto considerável que se chega a falar, não sem razão, de “capitalismo cultural”. A cultura-mundo designa o sistema econômico-cultural do hipercapitalismo globalizado [...] o que é mercantil tende a se posicionar e ser reconhecido como obra cultural.” Id. *A cultura-mundo*, p 69.

cuidadosamente disfarçada e encoberta - é a transformação dos consumidores em mercadorias;⁶⁰

Na sociedade pós-moderna, com o consumismo, as coisas perdem o seu valor, a sua durabilidade, conseqüentemente, incorre-se no risco de perder sua importância ou necessidade, caracterizando-se como “lixo”. Isso também se refere ao ser humano na condição de mercadoria. O ser humano é jogado no “lixo da vida” quando não responde mais aos desejos ou anseios dos consumidores, sendo considerado “mercadoria defeituosa”.

Hoje em dia há uma gama de agências de encontros pela internet com um vasto catálogo de pessoas especificando suas qualidades e interesses, pode-se dizer que é semelhante a um supermercado, porém, de seres humanos. O consumidor olha na prateleira o produto e suas qualificações e decide levar ou não, decidindo se vai relacionar-se ou não com a mercadoria.

Nessa realidade consumista, mercadológica, é fácil encontrar a prática da troca. Troca-se uma mercadoria defeituosa por outra, causando a fragmentação nas relações. Assim como as mercadorias, as relações (em sua maioria) não têm vida durável, porque as pessoas estão preocupadas em conquistar os seus interesses, seus benefícios (ganhar dinheiro e consumir), em vez de investir em uma relação mais duradoura – é comum ouvir que as pessoas trocam de marido, namorado, como trocam de roupa.⁶¹ Bauman diz que a atividade de consumo é um tanto quanto solitária, mesmo quando realizada na companhia de alguém, por ser uma atividade que não proporciona vínculos duradouros.⁶²

O consumo é uma atividade inteiramente individual, colocando os indivíduos em campos opostos, e que frequentemente se atacam.⁶³ Com a sociedade do consumo, os indivíduos possuem maior liberdade para comprar o que lhes interessa, são cada vez mais independentes dos outros, mas cada vez mais dependentes do “paraíso mercantil” para satisfazer os seus desejos.⁶⁴

Na sociedade consumista, o pobre não possui espaço, é considerado inútil, indesejado. Os pobres, antes de serem vistos como desempregados, são vistos

⁶⁰ BAUMAN, Z. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008, p 20.

⁶¹ Bauman fala de uma materialização das relações, para mais informações verifique Ibid., p 153.

⁶² Cf. Ibid., p 101.

⁶³ Cf. Id., *O mal-estar da pós-modernidade*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p 54.

⁶⁴ Cf. LIPOVETSKY, G. *A cultura-mundo*, p 58-60.

como “não consumidores”,⁶⁵ ou seja, “consumidores falhos” por não possuírem poder de compra, logo, são excluídos e rejeitados pela sociedade. As pessoas com menos poder aquisitivo, muitas vezes, sofrem com sentimento de frustração, de fracasso pessoal, vergonha de si mesmo; elas próprias se diminuem por não se encaixar no sistema consumista.

Para muitos, ou talvez para a maioria, o ato de consumir é praticado com busca de satisfação, de realização diante das frustrações e inquietações que a sociedade pós-moderna tem vivido. Isolamento, solidão, insegurança, medos são frutos da verdadeira desorientação da pós-modernidade.⁶⁶

Jamais na história da humanidade os homens tiveram tanta possibilidade de estar conectados uns com os outros pelas redes de comunicação e jamais tiveram um sentimento tão forte de isolamento. É esse estado de solidão e de miséria subjetiva que fundamenta, em parte, a escalada consumista, que permite à pessoa oferecer a si mesma pequenas felicidades como compensação pela falta de amor, de laços ou de reconhecimento. Quanto mais os laços sociais e interindividuais se tornam frágeis ou frustrantes, mais triunfa o consumismo como refúgio, evasão, pequena "aventura" remediando a solidão e as dúvidas sobre si próprio.⁶⁷

A sociedade pós-moderna deseja consumir cada vez mais, quer ganhar sempre mais para gastar mais com a expectativa de alcançar mais felicidade, de suprir suas frustrações. Dessa maneira, consumir tornou-se sinônimo de “busca da felicidade”. Bauman reitera que a sociedade consumista propõe felicidade aqui e agora, mas declara que “não existe qualquer evidência de que, com crescimento de volume geral (ou "médio") de consumo, o número de pessoas que afirmam que "se sentem felizes" também vá aumentar.”⁶⁸ Lipovetsky confirma essa verdade ao declarar que “a sociedade do hiperconsumo é a do ‘sempre mais’, mas não há “sempre mais felicidade.”⁶⁹ Sendo assim, tanto Lipovetsky quanto Bauman asseguram que não há pessoas mais felizes só pelo fato de consumirem mais.

Como exposto anteriormente, às vezes, o ser humano vive uma infelicidade porque não consegue ficar em silêncio para olhar dentro de si, encontrar a si mesmo, reconhecer-se. As pessoas estão a todo tempo ouvindo os apelos do mercado, as ofertas sedutoras do consumo, e não conseguem silenciar-se para

⁶⁵ Bauman escreve sobre os “não consumidores” com mais informações em: BAUMAN, Z., *Vida para consumo*, p 158-190.

⁶⁶ Cf. Lipovetsky afirma que "As cidades tentaculares são como símbolo dessa solidão individual coletiva partilhada." LIPOVETSKY, G. *A cultura-mundo*, p 55.

⁶⁷ *Ibid.*, p 56.

⁶⁸ BAUMAN, Z. *op. cit.*, p 62. Para mais informações, ler também as páginas 60-63.

⁶⁹ LIPOVETSKY, G. *op. cit.*, p 61. Para mais informações, ler também a página 60.

ouvir o que seu interior está a dizer, ou até mesmo ouvir o outro. Não se pode afirmar que o silêncio é a felicidade que as pessoas buscam com a prática do consumismo, mas pode-se afirmar que o silêncio é um possível caminho a percorrer para se alcançar a felicidade.

Vale ressaltar que o sentimento de solidão que se instalou na sociedade não quer dizer que as pessoas estejam vivenciando o silêncio, pelo contrário, encontram-se mergulhadas no mar das vozes/gritos emocionais, que as deixam inquietas e, por isso, tentam abafá-las a todo custo. Uma das estratégias para atingir esse objetivo é o consumismo.

Outra importante observação a respeito do silêncio, diante dessa sociedade pós-moderna consumista, é o fato de que sua presença pode assumir um sentido negativo, sendo interpretada como omissão, como complacência com esse sistema injusto, que menospreza os desprovidos de poder aquisitivo e que favorece a injustiça e a desigualdade. É o silêncio condizente com a coisificação e comercialização do ser humano, um real exemplo do ditado popular: “quem cala consente”. Na sociedade consumista, são mais evidentes:

Vozes que se elevam contra a falência de uma época hipermaterialista em que não existiriam mais que a busca do poder pelo poder, o egoísmo do cada um por si e a indiferença ao próximo. Domina a ideia de que nossa civilização passa por uma crise de valores, uma crise de proporções inauditas. Ninguém mais sendo capaz de falar com a menor convicção sobre o bem e o mal.⁷⁰

2.2.2. Individualismo e superficialidade

O individualismo é a supervalorização da auto-satisfação, da realização de si mesmo, a busca do bem-estar pessoal, uma prática altamente narcisista. É quando o Eu torna-se o foco central do indivíduo, não existindo a preocupação com o outro. O individualismo “rompe a ordem tradicional que fazia prevalecer as tradições e os interesses de grupo sobre os desejos pessoais.”⁷¹ Há vários fatores que acentuam o isolamento, que é fruto do individualismo:

⁷⁰ LIPOVETSKY, G. *A cultura-mundo*, p 133. O autor não acredita que o senso de indignação moral tenha sido erradicado, mas afirma um núcleo estável de valores: direitos humanos, a honestidade, o respeito pelas crianças, a rejeição da violência e da crueldade. Conferir páginas 135-140.

⁷¹ *Ibid.*, p 53. Lipovetsky afirma que a cultura hiperindividualista está ligada à desconfiança contra o político e à consagração dos direitos humanos, que reconhecem o indivíduo como referencial absoluto, última bússola moral, jurídica e política. Conferir a página 52.

Desvanecimento das culturas de classe, recuo do sentimento de inclusão em uma coletividade, fragilização da vida profissional e afetiva, desestabilização dos papéis e das identidades sexuais, afrouxamento dos laços familiares e sociais, enfraquecimentos das orientações religiosas: todos esses fatores acentuaram fortemente a sensação de isolamento das pessoas, a insegurança interior, as experiências de fracasso pessoal, as crises subjetivas e intersubjetivas. Quanto mais o indivíduo é livre e senhor de si, mais aparece vulnerável, frágil, desarmado internamente.⁷²

Ao mesmo tempo em que o individualismo gera o isolamento, uma centralização do ser em si mesmo, também gera uma certa solidariedade, gerando dois efeitos inversos e ao mesmo tempo complementares, que são: “a indiferença ao outro e a sensibilidade à dor do outro.”⁷³ O ser humano está cada vez mais distante do outro, vivendo no seu próprio mundo. Porém, ao mesmo tempo se solidariza com a dor dos que sofrem ao serem divulgados pela mídia (o sofrimento do outro se torna “espetáculo” da mídia). É possível dizer que as notícias que mais promovem íbope na mídia atualmente são as de violência, dor e sofrimento, as que podem receber o título de “notícias sangrentas” ou “notícias de sangue”.

Desse modo, o individualismo “liberta” o ser humano para o egoísmo, a preocupação somente com os próprios interesses, mas também para a solidariedade que comumente ocorre para com os distantes, aqueles que não são conhecidos (principalmente os que estão na mídia). É uma forma de diminuir o sentimento de egoísmo, sem ter que se relacionar com o outro, caracterizando uma tentativa do indivíduo de humanizar o próprio “ser” que cada vez mais se desumaniza ao cortar as relações interpessoais, tendo em vista que o ser humano é um ser relacional.

Com a prática do isolamento, da solidão, o indivíduo incorre no risco de interpretar o silêncio como vazio, um vazio existencial, como falta de sentido, tornando-o um momento doloroso. Ou então, o indivíduo deseja viver o silêncio (ficar sozinho) como uma estratégia de fuga, fugir da realidade, das pessoas, fugir da possibilidade de diálogo. Como esperado, o individualismo tem favorecido a superficialidade das relações, a solidão, desenvolvendo pessoas que não se conhecem e não se relacionam com o outro. Quando o silêncio é interpretado como vazio, as pessoas buscam preenchê-lo com ruídos para tornar a sua vida mais suportável.

⁷² LIPOVETSKY, G. *A cultura-mundo*, p 55.

⁷³ Id., *A era do vazio*, p 184.

Nós vivemos na "civilização do ruído". Lentamente, o ruído tem tomado as ruas e casas, ambientes, mentes e corações [...] Mas na sociedade moderna há outro ruído contra o qual não se luta, mas que se busca. A pessoa superficial não suporta o silêncio. Ela odeia o recolhimento e a solidão. Estamos à procura de ruído interior para não ouvir o seu próprio vazio: palavras, imagens, música, ruído. Desta forma é mais fácil viver sem escutar nenhuma voz interior, estar ocupado com algo para não encontrar a si mesmo, fazer barulho para não ouvir a sua própria solidão. O ruído hoje está dentro das pessoas, na agitação e confusão que reinam no seu interior, na pressa e na ansiedade que dominam a sua vida diária.⁷⁴

O ser humano, na dinâmica do individualismo, da superficialidade, pode sentir a necessidade de ficar fora de si constantemente, ou, como afirma Pagola: “com a consciência agradavelmente anestesiada”,⁷⁵ entrando num processo de desinteriorização, de fragmentação. O indivíduo sem o silêncio não é dono de si porque não se é verdadeiramente livre se não se cuidar do interior, se não se conhecer mais profundamente.⁷⁶ Em suma, o individualismo favorece cada vez mais a cultura dos ruídos, porque os ruídos impedem o ser humano de se ouvir e perceber os sentimentos (dolorosos ou não) existentes em seu ser.

A superficialidade pode ser percebida tanto no que diz respeito à relação com o outro como consigo, no autoconhecimento. As pessoas não vivem o silêncio interior por medo, inseguras com o que podem descobrir de si mesmas, acabam desconhecendo o seu próprio valor como os seus próprios limites, vivendo a insegurança constante de não saber quem são. E, ao mesmo tempo, esse fator afeta as relações interpessoais, porque o outro passa a ser visto com um rival. Ou então, faz-se do outro uma muleta da vida, criando uma relação de total dependência por não saber do que se é capaz. Assim, a relação com o outro é permeada pela ameaça ou pela dependência.

João Batista Libanio, em seu livro *As lógicas da cidade*, enfatiza que “cada um refugia-se na solidão de seu individualismo” e que “a geografia urbana isola as pessoas”.⁷⁷ Com o individualismo e a superficialidade, principalmente nas grandes cidades, o silêncio torna-se uma forma de distanciamento, de recusa ao outro, que pode ser percebido nas viagens de transportes públicos (ônibus, metrô) onde as pessoas estão umas ao lado das outras, às vezes por mais de uma hora, e, no entanto, não se falam e cada um segue se preservando do outro. Isso também é

⁷⁴ PAGOLA, J. A. *Silencio y escucha frente a la cultura del ruido e la superficialidad*, p 5.

⁷⁵ *Ibid.*, p 5.

⁷⁶ *Cf. Ibid.*, p 7.

⁷⁷ LIBANIO, J. B. *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*, São Paulo, Loyola, 2001, p 148.

possível de se observar nos prédios residenciais, as pessoas moram no mesmo prédio e nem se conhecem, ou pior ainda, moram no mesmo andar e nem sequer sabem o nome do vizinho.

2.2.3. Tecnociência

Os avanços da tecnociência são muitos e podem ser positivos ou negativos; na área da saúde, nas técnicas de tratamentos de beleza, na criação de máquinas para facilitar a vida diária, tudo leva a pensar em uma qualidade de vida melhor, numa vida mais longa e jovem. Entretanto, esses avanços também podem ser compreendidos de forma negativa, gerando incerteza, dúvidas com relação ao seu real benefício para a sociedade ao se observar que o meio ambiente tem sido alvo da destruição humana em benefício dos avanços tecnológicos. Com isso, surge a pergunta: realmente é avanço para a vida humana? Lipovetsky fala da confiança bem como da desconfiança em relação à tecnociência; a confiança está na possibilidade de cura de doenças, de se viver melhor e por mais tempo, enquanto que a desconfiança paira sobre os danos do progresso com relação à natureza, colocando a Terra em “perigo de morte”, precipitando o fim do ser humano.⁷⁸

A tecnociência possibilita uma nova relação com o corpo por viabilizar a aparência mais jovem com os seus muitos avanços. Esse fator da tecnociência desencadeia uma supervalorização do corpo, ou seja, um culto ao corpo. As pessoas estão cada vez mais preocupadas com sua aparência, com seu físico, acarretando academias e clínicas de estéticas lotadas. Esses cuidados com o corpo não são meramente uma questão de saúde, mas, estão, principalmente, ligados à beleza. O fundamental é se apresentar dentro dos padrões de beleza que a mídia tem exposto.

O exagero com os cuidados do corpo pode revelar uma valorização do exterior (aparência) com um possível descuido do interior, é preciso manter um equilíbrio entre ambas as dimensões do ser humano. Essa supervalorização do corpo pode revelar que as pessoas, em alguns casos, estão mais preocupadas com o que podem mostrar do que com o que realmente podem ser. Talvez, o ser humano que não possui tempo para exercitar o seu interior com a prática do

⁷⁸ Cf. LIPOVETSKY, G. *A cultura-mundo*, p 42-46.

silêncio, da contemplação, perca cada vez mais um pouco de si, tornando-se superficial por pautar seus critérios relacionais no que os olhos podem ver: o corpo. É preciso se ouvir, silenciar-se para poder ver além da aparência.

A tecnologia é o carro chefe da cultura do ruído na pós-modernidade por proporcionar ao ser humano, a cada instante, o ouvir e fazer barulho. Atualmente é possível acessar internet, assistir TV, ouvir músicas em quase todos os momentos e locais, a cada dia surgem novos modelos de aparelhos, com novas funções, sempre se superando. Com toda essa tecnologia, Bauman declara que “com o tempo suficiente, os celulares treinam os olhos a olhar sem ver”⁷⁹, o que também possibilita afirmar que treinam os ouvidos a escutar sem ouvir, revelando a superficialidade e a fragmentação nos relacionamentos. O ser humano torna-se “escravo do efêmero, não conhece nada firme e consistente sobre o qual construir a sua vida.”⁸⁰

A grande incidência da solidão, do isolamento, faz com que as pessoas busquem das mais diversas formas meios para fugirem da depressão (doença frequente na pós-modernidade) sem precisar sair de casa. A tecnologia tem sido uma das ferramentas que favorece o contato (comunicação) com outras pessoas, sem manter contato (tocar-se pessoalmente). Nunca o ser humano esteve tão conectado e, ao mesmo tempo, tão só. A internet pode ser um perigo para os laços sociais porque “na era digital, os indivíduos levam uma vida abstrata e digitalizada em vez de partilhar experiências juntos.”⁸¹

A tecnologia permite tanto a aproximação das pessoas como o seu distanciamento, não há dúvida do seu benefício bem como do seu malefício. Essa tanto pode aproximar as pessoas que estão longe uma das outras, como também pode distanciar aqueles que estão próximos. Há um falar constante com o desconhecido e, concomitantemente, uma negligência na relação pessoal. As telas estão por toda a parte, interferindo nas relações, seja para aproximar alguém que por algum motivo teve que manter-se distante, como para se distanciar daqueles que estão perto.

As telas estão em toda parte: das telas de bolso às telas gigantes, do GPS ao Blackberry, do console de jogos às telas de vigilância e à tela médica, dos retratos digitais ao telefone celular, que adquire ele próprio uma tela de

⁷⁹ BAUMAN, Z. *Amor líquido*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2007, p 80.

⁸⁰ PAGOLA, J. A. *Silencio y escucha frente a la cultura del ruido e la superficialidad*, p 4.

⁸¹ LIPOVETSKY, G. *A cultura-mundo*, p 45.

multifunções, possibilitando tanto o acesso à internet quanto a projeções de filmes, o acesso tanto ao GPS quanto à agenda digital. Um mundo de telas, transformado em Web-mundo pela Rede [...] O computador invadiu o mundo da empresa, do escritório, da atividade comercial e financeira. Nada mais se faz, do mais complicado ao menos complicado, sem que haja um computador em alguma parte.⁸²

O ser humano hoje se encontra dependente de um computador, de uma tela, para se sentir bem ou realizar suas tarefas. Encontram-se pessoas usando as mais diversas telas nos metrô, nos ônibus, para distraí-las ou para se isolarem dos que estão a sua volta; é a presença do silêncio para com o outro, mas, na verdade, intensos barulhos/inquietações na própria mente, ou até mesmo nos sentimentos. Lipovetsky assegura que:

a aparelhagem sonora é um bem de primeira necessidade; faz-se desporto, deambula-se, trabalha-se, sempre no meio de música; anda-se de automóvel em estéreo, a música e o ritmo tornaram-se, no espaço de algumas décadas, um ambiente quase permanente, um engodo de massa. O indivíduo pós-moderno está ligado à música de manhã à noite; tudo se passa como se tivesse necessidade de estar sempre noutro lugar, de ser transportado e envolvido por uma atmosfera ambiente sincopada; tudo se passa como se precisasse de uma desrealização estimulante, eufórica ou inebriante do mundo. Revolução musical ligada, sem dúvida, às inovações tecnológicas, ao império da ordem mercantil, do show-business, mas que nem por isso manifesta menos o processo de personalização, uma das faces da transformação pós-moderna do indivíduo.⁸³

Neutralizar o mundo pela força do som, fechar-se em si próprio, descarregar e sentir o corpo aos ritmos dos amplificadores, eis que hoje os ruídos e vozes da vida se transformaram em parasitas: é preciso que o indivíduo se identifique com a música e esqueça a exterioridade do real.⁸⁴

A internet, a música e os jogos têm sido usados muitas vezes como fuga da realidade, com objetivo de amenizar sensações difíceis e de se distrair. Ao pensar em tecnologia, lembra-se de ruídos, de ausência de silêncio; contudo, é possível encontrar tanto a ausência como a presença do silêncio. A tecnologia em ambientes públicos promove o silêncio, que adquire sentido de fuga, estratégia de proteção para não ter que falar com a outra pessoa, esquecendo-se de que o silêncio fala do seu desejo de distância, ou então do seu desejo de ser transportado pela música, internet, para outro lugar; mas também pode ser interpretada como forma de silêncio omissivo, pois o ser humano se conecta à sua vida virtual para não ter que se comprometer com a vida real, é o silêncio de quem se resigna ao invés de se indignar com a realidade presente. Entretanto, a tecnologia também promove

⁸² LIPOVETSKY, G. *A cultura-mundo*, p 77.

⁸³ Id. *A era do vazio*, p 23.

⁸⁴ Ibid., p 71.

a ausência de silêncio porque há constantes ruídos, sejam eles emocionais ou simplesmente técnicos, evita a vivência da solidão (estar em paz consigo em silêncio).

Não há dúvidas do benefício da tecnologia na vida da sociedade atual, mas também não há como negar que essa tem influenciado a prática do silêncio em diversas dimensões, seja como fuga da realidade, seja como resignação diante da sociedade ou então como ruído que impede o silêncio da contemplação, do estar a sós consigo.

2.3. Caminhos e descaminhos do silêncio nas tradições eclesiais

As igrejas eram consideradas por muitos como um lugar silencioso, de meditações, mas atualmente essa afirmação não representa totalmente a verdade. As igrejas estão sempre a fazer algum barulho. Até mesmo nos momentos de orações ditas silenciosas é possível perceber o som de um instrumento ecoando pela igreja, seja do teclado, órgão ou até mesmo de um violão.

Sabe-se que as igrejas passaram e têm passado por diversas mudanças em vista dos movimentos pentecostais e carismáticos nos últimos tempos. Paul Freston dividiu o movimento pentecostal em três ondas: a primeira, composta pelas igrejas pentecostais consideradas como clássicas;⁸⁵ a segunda é dos anos 50 e início de 60, com o surgimento das Igrejas Quadrangular, Igreja Brasil para Cristo e Igreja Deus é Amor; e, por último, a terceira onda, que começa na década de 70 e ganha força nas décadas de 80, e tem como principais representantes a Igreja Universal do Reino de Deus e a Internacional da Graça de Deus.⁸⁶ Cada uma das ondas enfatizou uma característica do movimento pentecostal: a primeira

⁸⁵ O pentecostalismo clássico reina absoluto de 1910 a 1950, é composta pela Congregação Cristã e a Assembleia de Deus. MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, São Paulo, Loyola, 1999, p 29.

⁸⁶ Para mais informações sobre a divisão dos movimentos pentecostais em três ondas, consultar: FRESTON, P. *Nem anjos nem demônios, interpretações sociológicas do pentecostalismo*, Petrópolis, Vozes, 1994, p 70-72. Mariano também fala, com base em Freston, das três ondas e acrescenta na terceira onda a Igreja Cristo Vive, para mais informações, consultar: MARIANO, R. *Neopentecostais*, p 28-48.

onda enfatizou a glossolalia; a segunda, a cura divina; e a terceira enfatiza o exorcismo⁸⁷ e o dinheiro.⁸⁸

Os movimentos pentecostais têm influenciado também as igrejas consideradas históricas e as diferenças entre esses grupos têm sido cada vez menos perceptível.⁸⁹ As igrejas históricas foram influenciadas pelo pentecostalismo principalmente para entrar na conquista por novos membros, devido ao grande trânsito religioso,⁹⁰ conseqüentemente, isso tem realizado mudanças em sua prática cültica, absorvendo características tipicamente pentecostais, como a ênfase na cura, no exorcismo, na prosperidade e a crescente valorização da música *gospel*.

Tal fato traz alguns questionamentos: as Igrejas têm cultivado a prática do silêncio? Não se nega a importância do silêncio na espiritualidade cristã, no entanto, qual tem sido a sua vivência nas comunidades eclesiais? Nesse tópico, serão avaliados os caminhos ou descaminhos que as igrejas têm percorrido na vivencia do silêncio. É *mister* informar a ausência de material acadêmico abordando a temática do silêncio na prática das igrejas.

2.3.1. Prática da contemplação

As igrejas atuais são fortemente marcadas pela presença da música que favorece a prática de ruídos. A presença da música não é algo novo e tão pouco negativo na vida da igreja, o destaque que se apresenta com o pentecostalismo é a supervalorização da música em detrimento de outros seguimentos ou práticas das

⁸⁷ Cf. FRESTON, P. *Nem anjos nem demônios*, p 139.

⁸⁸ Paulo Romero acrescentou o dinheiro, teologia da prosperidade, a uma ênfase da terceira onda Cf. ROMERO, P. *Decepcionados com a graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal*. São Paulo, Mundo Cristão, 2005, p 107.

⁸⁹ Isso também pode ser percebido nas Igrejas Católicas, na qual já se fala de um pentecostalismo católico. Para mais informações, consultar: CARRANZA, B. *Catolicismo Midiático*, Aparecida, Idéias & Letras, 2011.

⁹⁰ MARIANO afirma que “cerca de 20% dos membros da Comunidade Evangélica são oriundos de outras igrejas evangélicas, a maioria deles das protestantes históricas”. MARIANO, R. *Neopentecostais*, p. 106. De acordo com o Censo 2010, o número de evangélicos foi o que mais cresceu, principalmente na Igreja Assembleia de Deus, e que ocorreu uma maior diminuição no número de católicos desde quando se começou a fazer o Censo, mas ainda é a maioria no Brasil. É extremamente importante destacar também o crescimento no seguimento dos sem religião. Para mais informações, consultar: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2170>, acesso em 16/05/2013.

igrejas. Com o movimento pentecostal, a música ganhou maior destaque nos cultos para atrair um maior número de jovens, proporcionando a prática de “louvorção” nas igrejas como sendo uma oportunidade de lazer para a juventude.⁹¹

Com a ênfase na música e o crescente movimento gospel, surge a diferença entre o título de adorador e de artista, referente aos músicos da igreja. O cantar ou o ouvir a música gospel (consagrada) passa a ser um ato de consagração, os músicos da igreja já não cantam mais, mas adoram a Deus. Segundo Magali Cunha “ser um ‘verdadeiro adorador’ significa não adotar a terminologia ‘artista’ para definirem seu engajamento no movimento *gospel*. Os adoradores são ‘ministros’, representantes de Deus.”⁹²

Sendo assim, percebe-se que não há mais espaço para o silêncio nas igrejas, tendo em vista que a música ocupa o lugar de destaque, e muitas pessoas são atraídas pela música e não pela teologia ou crença daquela igreja. As igrejas evoluíram no que diz respeito à prática musical, no entanto, regrediu no que diz respeito à vida contemplativa. O fiel, ao retirar tempo no seu dia para uma prática de meditação (leitura da Bíblia e oração), o faz com uma música ao fundo, muitas vezes sendo direcionado ou “ministrado” pela música ao invés da própria leitura bíblica ou da contemplação. Algumas pessoas chegam a ficar com os seus rádios sintonizados em uma estação gospel/evangélica 24 horas por dia, recusando-se a ouvir outro tipo de música porque, para elas, a gospel é a única considerada abençoada.⁹³

Outra característica bem presente na vida das igrejas é a “guerra espiritual” ou “batalha espiritual”, que permeia todo o cristianismo, mas ganhou destaque com o pentecostalismo. O crente deve ser engajado no árduo combate contra “os principados, potestades, contra os espíritos das trevas, da maldade”, e, como em outra guerra qualquer, há soldados, inimigos, perigos, destruição, libertação, vitória e derrota.⁹⁴

⁹¹ Culto com maior ênfase na música, no qual vários grupos de louvor se apresentam, cantam, dançam. Caracterizou-se como opção de lazer para as noites de finais de semana. Mais informações, consultar: CUNHA, M. N, *Vinho novo em odres velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil*, 2004, Tese, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2004, p 212-220.

⁹² *Ibid.*, p 168.

⁹³ *Cf. Ibid.*, p 117.

⁹⁴ *Cf. MARIANO, R. Neopentecostais*, p 125.

Os neopentecostais creem que o que se passa no “mundo material” decorre da guerra travada entre forças divina e demoníaca no “mundo espiritual”. Guerra, porém, que não está circunscrita apenas a Deus/anjos X Diabo/demônios. Os seres humanos, conscientes disso ou não, participam ativamente de uma ou de outra frente de batalha.⁹⁵

Nessa “guerra espiritual”, os pentecostais identificam as entidades da umbanda, os deuses do candomblé e os espíritos do Kardecismo como os responsáveis por inúmeros males e sofrimentos causados aos seres humanos, pode-se dizer que são os seus adversários. Assim, as experiências religiosas dos adversários são reconhecidas como verdadeiras, dando credibilidade às entidades das religiões mediúnicas, de forma que os pastores começam a usar no seu discurso as mesmas linguagens e práticas dos “adversários” para libertar os possuídos. Os pastores falam com os demônios, questionam-nos de onde vêm, o que estão fazendo na vida da pessoa possuída, entre outras coisas, para depois exorcizá-los. As igrejas incorporaram em sua prática o uso das vestes e objetos dessas religiões como, por exemplo, sal grosso, galho de arruda, a vestimenta branca.⁹⁶

Numa guerra, o silêncio torna-se quase impossível e com a forte ênfase na guerra espiritual fica cada vez mais difícil viver o silêncio como uma prática saudável e espiritual na vida dos fiéis. Com a guerra espiritual, os pastores acabam falando mais do diabo, ou com ele, do que falando *de* Deus, *sobre* e *com* Deus. A falação é inevitável e o silêncio inviável.

Os ruídos no culto são tão comuns que até na hora da pregação, do sermão, os pastores (ou qualquer pregador) ficam instigando os fiéis presentes a falar frases de efeito para a pessoa do lado, usando expressões como “diga para o seu irmão que Jesus te ama” ou então “diga para o seu irmão que Jesus vai te dar a vitória”, entre outras. Além dos episódios em que o pastor/a faz menção a alguma situação difícil, ou até mesmo que desabone a conduta cristã, e os fiéis ficam dizendo “amém”, que é comumente entendido como “assim seja”, evidenciando que o fiel não está a ouvir o que foi dito, mas simplesmente fazendo um barulho (amém, aleluia) para demonstrar uma “espiritualidade”.

⁹⁵ MARIANO, R. *Neopentecostais*, p 113.

⁹⁶ MARIANO escreve um capítulo com o título “A guerra contra o diabo” no qual é possível encontrar mais detalhes dessa guerra entre o mundo celestial e o mundo das trevas, também é possível encontrar a descrição de um ritual de exorcismo na Igreja Universal. Para mais informações sobre guerra espiritual, consultar: *Ibid.*, p 109-146.

Outra questão importante a ser ressaltada é o batismo com o Espírito Santo. Segundo algumas igrejas pentecostais, o batismo com o Espírito Santo é o chamado “dom de línguas”, a glossolalia, podendo ser considerado como “segunda benção”. Em várias igrejas, um dos fatores determinantes para identificar uma pessoa “espiritual” é saber se ela fala em línguas estranhas. Encontra-se, no site da Igreja Assembleia de Deus, no tópico “Em que cremos” as afirmações:

9) No batismo bíblico no Espírito Santo que nos é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em outras línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7).

10) Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme a sua soberana vontade (1 Co 12.1-12).⁹⁷

Logo, para a maioria das igrejas, uma pessoa tida como espiritual ou consagrada precisa falar em línguas estranhas, o que mais uma vez evidencia que o silêncio possui pouco ou nenhum valor espiritual na prática cultiva como na vida devocional diária dos cristãos. É necessário falar, mesmo que não se entenda.

Em suma, é possível perceber que a igreja tem interpretado o silêncio de uma forma pouco espiritual, ou até mesmo não espiritual, e a prática da contemplação é algo praticamente inexistente, ou desvalorizado. Não há meditação, quase não há silêncio para ouvir Deus (nem mesmo na pregação/sermão), é preciso louvar, louvar e louvar (supervalorização da música), guerrear e falar em línguas estranhas para viver uma vida espiritual, ser considerado “espiritual.”

2.3.2. Igrejas Midiáticas

A cada dia que passa mais igrejas vão assumindo, conquistando, espaço na mídia, seja na TV, no rádio ou na internet. Várias são as igrejas que possuem um programa na TV ou possuem sua própria emissora de TV, além das inúmeras rádios e editoras. As igrejas estão usando mais os meios de comunicação para “anunciar” o Evangelho. Os primeiros a realizarem programas evangélicos na TV brasileira foram R. R. Soares (o que está mais tempo no ar, desde 1970), Nilson

⁹⁷SANTOS, F. A. Dos, no site da Assembleia de Deus, disponível em <http://www.assembleia.org.br/site/em-que-cremos/>, acesso em 04/04/2012.

Amaral Fanini, Edir Macedo e Roberto MacAllister.⁹⁸ As igrejas pentecostais têm investido efetivamente na mídia eletrônica.

Atualmente seria uma tarefa árdua fazer um levantamento da quantidade de rádios em que as igrejas atuam. O rádio é um meio de comunicação que alcança até os mais pobres com facilidade. Muitas são as estratégias de trabalho para alcançar novos fiéis/adeptos para as suas respectivas igrejas e a mídia tem sido usada para fazer marketing das igrejas. Há igrejas que começam o seu trabalho num determinado lugar primeiro através das rádios para depois criar a igreja (local dos cultos).

Pode-se dizer que as Igrejas estão fazendo mais show do que propriamente cultos, tendo em vista o próprio nome do programa do R. R. Soares que é “Show da Fé”. Como a maioria das igrejas pentecostais deram maior ênfase na música em seus programas, algumas igrejas realizam verdadeiros shows, espetáculos musicais, nos quais o silêncio não deve se fazer presente, nem mesmo naqueles que estão lá para prestigiar o show, porque devem reagir às palavras (ministrações) dos apresentadores, assumindo o papel de co-participantes e não meros espectadores.

É comum a elaboração de grandes eventos gospel com participação de cantores, ou melhor, “adoradores” famosos que atraem multidões. Em seus shows, eles cantam, fazem curtas pregações e oram. Os participantes dos shows gritam, ficam eufóricos com a presença do “adorador” famoso que será imitado pelos músicos (adoradores) das suas igrejas. Com a presença da igreja na mídia, há uma supervalorização do apresentador/pastor e dos “adoradores” que se apresentam, em vez do Evangelho.

Isso fez com que surgisse um novo mercado voltado para os evangélicos, principalmente fonográfico. Com a vasta apresentação musical nos programas de TV, enfatizados nas rádios, surge uma produção incontável de cantores bem como seus inúmeros produtos. Os produtos gospel alcançaram um alto índice de comercialização, a tal ponto que o que era comum em lojas de artigos evangélicos passou a ser encontrado em várias lojas.

As igrejas midiáticas passaram do objetivo de anunciar o Evangelho, com ênfase no convite à conversão, para um entretenimento das pessoas, uma

⁹⁸ Cf. CUNHA, M. N, *Vinho novo em odres velhos*, p 97-98.

oportunidade de consumo, de propaganda dos produtos gospel. Assim, a pessoa compra os produtos para se aproximar do religioso, porque ouve os apresentadores dizendo “compre e seja abençoado” ou “enriqueça sua vida espiritual com esse produto”. O destaque passa a ser o produto, ter o produto, o que leva a pensar na importância de “ter o que é cristão” ao invés do “ser cristão” (lógica de mercado).⁹⁹

A cultura atual do aqui e agora, da satisfação de todos os desejos, não é solo fértil para a contemplação. Pois ela promove uma mentalidade do ter mais do que do ser; do sucesso, da produção e da satisfação imediata mais do que da gratuidade, celebração e festa. É preciso desmascarar a falsa mística, representada pelos nacionalismos exacerbados e a tirania dos meios de comunicação criando uma mentalidade gregária.¹⁰⁰

As Igrejas que estão na mídia têm usado o seu espaço para promover a divulgação dos seus produtos gospel, para incentivar o consumo. A lógica de mercado está cada vez mais inserida nas igrejas porque se “consumir bens e serviços é ser cidadão; na lógica da cultura gospel consumir bens e serviços religiosos é ser cidadão do Reino.”¹⁰¹ As igrejas midiáticas tem atrelado a compra dos seus produtos como passe para tornar-se cidadão do Reino de Deus; ao contrário de superar a ideia do “ter” ao invés do “ser”, muitas vezes a tem enfatizado.

Não há como falar em mundo midiático sem falar em barulho. E os programas evangélicos não são diferentes dos outros no que diz respeito à frequência dos constantes barulhos. Não há espaço para o silêncio, ele não é ouvido, ouve-se apenas a voz dos apresentadores incentivando principalmente o ter ao invés do ser cristão. Ouvem-se muitas vozes e quase (ou nunca) se ouve o silêncio, muito menos se fala com o silêncio. É possível perceber nas igrejas midiáticas a forte presença dos espetáculos, shows e muito consumo. Ouvem-se os gritos dos shows e do mercado gospel.

⁹⁹ Cf. CUNHA, M. N, *Vinho novo em odres velhos*, p 203-205.

¹⁰⁰ BERTELLI, G. A. *Mística e compaixão*, p 93.

¹⁰¹ CUNHA, M. N, op. cit., p 197.

2.3.3. Teologia da Prosperidade

Através do crescente incentivo ao consumo, seja gospel ou não, a Teologia da prosperidade vem impulsionar ainda mais essa tendência do mundo capitalista, consumista, para dentro das igrejas com suas promessas de vida "feliz" a partir da conquista de bens materiais de acordo com a "fé" do crente. O alcançar bens materiais tem sido entendido como benção de Deus, espiritualidade ou, então, demonstração de fé. A teologia da prosperidade é materialista e submete-se aos incentivos consumistas, valorizando um triunfo pessoal em detrimento do social.

Promete prosperidade material, poder terreno, redenção da pobreza nesta vida. Ademais, segundo ela, a pobreza significa falta de fé, algo que desqualifica qualquer postulante à salvação. Seus defensores dizem que Jesus veio ao mundo pregar o Evangelho aos pobres justamente para que eles deixassem de ser pobres. Da mesma forma, Ele veio pregar aos doentes porque desejava curá-los. Deus não é sádico, tem grande prazer no bem-estar físico e na prosperidade material de seus servos. O contrário não tem respaldo nem sentido bíblico.¹⁰²

Atualmente esse pensamento tem sido muito difundido nas igrejas, até mesmo nas históricas. A teologia da prosperidade desperta a crença de que o ser humano tem poder para trazer a existência ao que não existe ao decretar, declarar com a sua boca em voz alta, o que deseja, porque as palavras proferidas com fé interpelam Deus a agir. Esse pensamento se pauta no texto bíblico que relata a criação de Deus segundo a sua palavra.¹⁰³

Pela fé o ser humano pode possuir tudo o que desejar, desde que seja falado com fé verbalmente. A fé é o elemento fundamental para alcançar a benção; se a pessoa não alcança o que deseja, o que decretou ou determinou, é porque não tem fé o suficiente, está em pecado, ou está envolvido com o Diabo, já que cristão fiel tem saúde e prosperidade material.¹⁰⁴ Decretar e determinar em nome de Jesus são expressões constantes para dizer o que Deus tem de fazer, qual benção a pessoa deseja receber.

Confessar nada tem a ver com pedir ou suplicar a Deus. Estas são atitudes reprováveis, demonstrações de pouca fé, sinais de ignorância do modo correto de como se relacionar com Deus. Os cristãos, em vez de implorar, devem decretar, determinar, exigir, reivindicar, em nome de Jesus, como Deus prescrevera, para

¹⁰² MARIANO, R. *Neopentecostais*, p 159. Nesse livro há um capítulo todo dedicado à Teologia da Prosperidade. Para mais informações, consultar as páginas 147-186.

¹⁰³ Cf. *Ibid.*, p 153.

¹⁰⁴ Cf. ROMERO, P. *Decepcionados com a graça*, p 98.

“tomar posse das bênçãos” a que têm “direito”. Mais que isso: ele deve crer a priori que já recebeu as graças apesar de elas ainda não terem se concretizado no plano material.¹⁰⁵

Assim, a fé é entendida como um meio para obter os serviços de Deus em todas as áreas da vida em que o fiel tiver necessidade seja saúde, riqueza, poder, relacionamentos amorosos, etc. Mas, se existir a dúvida (mesmo que seja no silêncio do coração) com relação ao que foi decretado ou determinado verbalmente, a bênção não será recebida, sendo responsável pelo fracasso espiritual. Logo, a responsabilidade de receber ou não a bênção é sempre do fiel.

A teologia da prosperidade instiga o constante falar, o qual tem de ser em voz alta, para que Deus ouça e conceda o milagre que o fiel necessita, ou melhor, que é seu direito, enquanto que o silêncio pode ser demonstração de falta de fé. A necessidade frequente de se falar não permite espaço para o silêncio. Não é preciso silêncio para ouvir Deus já que é o fiel que deve dizer (decretar, exigir) o que Deus deve fazer. Há uma inversão do princípio cristão no qual o crente deve falar ao invés de ouvir Deus ou dialogar com Deus. O silêncio passa a ser uma atitude, quase exclusiva, de Deus que ouve atentamente a ordem do fiel que fala verbalmente com fé.

Há um excesso de poder concedido ao ser humano pela teologia da prosperidade, que pode ser depreendido no discurso de alguns pregadores que dizem que os crentes, “ao nascer de novo”,¹⁰⁶ assumem a mesma natureza divina de Deus, o mesmo poder de trazer à existência o que não existe, pela sua palavra (como na criação). O crente torna-se um deus.¹⁰⁷ Logo, é Deus servindo os deuses da terra. Pode-se perceber mais uma inversão da fé cristã, tendo em vista que o próprio Cristo se esvaziou, fazendo-se semelhante aos seres humanos,¹⁰⁸ enquanto que os seres humanos, ao invés de seguir o seu exemplo, enchem-se (de bens materiais ou de si mesmo) para se tornarem deuses. No que diz respeito a essa questão, o silêncio poderia assumir o sentido de omissão, por se omitir diante dessa realidade para continuar a ser e sentir-se como um deus, colocando Deus e o

¹⁰⁵ MARIANO, R. *Neopentecostais*, p 154.

¹⁰⁶ Cf BÍBLIA, N. T. João, Português, *Bíblia de Jerusalém*, São Paulo, Paulus, Nova Edição, revista e ampliada, 2002, Cap. 3, vers. 17. As demais citações bíblicas serão realizadas segundo essa edição da Bíblia de Jerusalém.

¹⁰⁷ Cf. MARIANO, R. op. cit., p 155.

¹⁰⁸ Cf. Filipenses 2.7.

próximo a seu serviço. Omissão daqueles que não reivindicam ou “exigem” que Deus seja Deus e o ser humano seja simplesmente humano.

Neste primeiro capítulo percebe-se que o silêncio e a palavra estão interligados, intimamente conectados, porque a palavra não existe sem o silêncio e o silêncio sem a palavra permaneceria em um estado selvagem, sem sentido. É importante ressaltar que o silêncio também é uma forma de linguagem e que também fala, já que, às vezes, o dito encontra-se no não dito. Por isso, o ser humano precisa aprender a ouvir o silêncio, entender o que ele está dizendo. O silêncio pode falar mais do que a palavra em algumas ocasiões, só é preciso ouvi-lo atentamente.

O silêncio se faz presente na vida do ser humano de diversas formas, seja positiva ou negativamente, mas o que vai determinar o seu sentido é a situação e a intenção na qual ele é vivido. Ele pode ser positivo, por exemplo, ao ser vivido como um ato de solidariedade junto às pessoas que sofrem, quando a palavra não será o suficiente para expressar o amor para com o outro, também pode ser um ato de indignação contra as injustiças. Mas, também, pode ser negativo ao ser imposto, quando é uma determinação que impede a pessoa de falar o que pensa, adquirindo o sentido de aniquilamento do outro, ou então quando é vivido como indiferença às pessoas e suas realidades. Assim o silêncio pode ser um ato de amor, bem como um ato de sofrimento.

Também se verificou que a sociedade atual, marcada pelo capitalismo, consumismo, individualismo e avanços tecnológicos, favorece o barulho. O capitalismo com a sua coisificação do ser e o consumismo com a sua comercialização do ser humano fazem com que o indivíduo entenda que o ficar em silêncio, na prática da contemplação, do autoconhecimento, seja uma perda de tempo, passando a ser visto como improdutividade. O individualismo favorece a solidão e transforma o silêncio num sentimento de vazio. Com isso, o ser humano busca na tagarelice uma forma de preencher esse “vazio” com diversos tipos de ruídos.

Sendo assim, os avanços da tecnociência, portadores de mais tipos de ruídos, podem ser positivos e negativos; é positivo pelos inúmeros benefícios que tem proporcionado à medicina, mas, ao mesmo tempo, torna-se negativo ao gerar mais tecnologias que proporcionem ruídos em qualquer lugar. É a era das telas, na

qual as pessoas se mantêm distante daquele que está ao seu lado, conectando-se a sua tela (celular, games, etc) como se estivesse em outro lugar. Não há dúvidas de que a sociedade pós-moderna é uma sociedade ruidosa e que favorece cada vez mais o ruído, proporcionando ainda mais uma interpretação negativa do silêncio, seja por indiferença ao outro ou por não fazer uso da contemplação e meditação por meio do silêncio.

Hoje em dia, com o avanço das igrejas pentecostais e neopentecostais, o silêncio tem sido mais escasso. Nas igrejas onde há, como ênfase, a “batalha espiritual”, a glossolalia, considera-se mais espiritual as pessoas que falam mais, pois é preciso falar mesmo que não se entenda o que fala. O silêncio passa a ser visto com pouco ou nenhum valor espiritual. No caso das igrejas midiáticas, o silêncio é inviável, porque, para manter a audiência, é preciso ter/ser show, ter muitos louvores, assumindo uma característica de entretenimento. Além disso, há a teologia da prosperidade na qual o “fiel” é convidado a decretar, determinar o que Deus vai fazer, em vez de silenciar-se para ouvir o que Deus quer que ele faça. Desse modo, é possível dizer que nem mesmo as igrejas têm valorizado o poder do silêncio em suas comunidades, ou seja, não somente a sociedade, mas também a igreja pode ser considerada ruidosa.

No entanto, silêncio é importante para o ser humano e deve ser valorizado, principalmente, pelo cristão, já que o próprio Jesus vivenciou o silêncio de diversas formas. E, para ressaltar os valores/sentidos positivos do silêncio, o próximo capítulo se propõe a analisar o silêncio na vida de Jesus, bem como as suas possíveis interpretações a partir das narrativas dos Evangelhos.

3 Significado do Silêncio nas etapas da vida de Jesus de Nazaré

No capítulo anterior, afirmou-se que o silêncio não é a falta de palavras, de sons ou de movimentos, não é um mero cansar das palavras. Silêncio e palavra se complementam. O silêncio pode adquirir diversos significados porque ele “nunca tem um valor absoluto”.¹⁰⁹ A sociedade atual carece descobrir o valor do silêncio para o bem-estar da vida e para aprender o significado de uma comunicação efetiva.

Desde a antiguidade, o silêncio se fez presente na vida do ser humano. Nos relatos bíblicos, encontra-se a presença do silêncio em diversos momentos, tanto no Primeiro como no Segundo Testamento, demonstrando a importância do silêncio para o povo cristão, como, por exemplo, em Provérbios 8. 34-35, que instrui o povo a permanecer em silêncio ao dizer “bem-aventurado o homem que me dá ouvidos”, ou seja, aquele que fica em silêncio para ouvir Deus.

Segundo Báez, são raros os casos de oração silenciosa¹¹⁰ nos relatos bíblicos, no entanto, não faltam experiências em que a pessoa que ora se comunica com Deus sem ouvir a própria voz por meio da contemplação. Por isso, Báez afirma que a oração é composta por duas dimensões que estão interligadas, que se relacionam mutuamente: o falar com Deus e o estar silenciosamente diante Dele.¹¹¹ Sendo assim, é possível encontrar algumas expressões bíblicas nas quais a “oração é simplesmente olhar silencioso.”¹¹² São João da Cruz já afirma que: “o que mais precisamos fazer é conservar calados, na presença deste grande Deus, o nosso espírito e a nossa língua, pois a linguagem que ele ouve é o amor silencioso”.¹¹³

¹⁰⁹ BÁEZ, S. J. *Quando tudo se cala: o silêncio na Bíblia*, São Paulo, Paulinas, 2011, p 65.

¹¹⁰ Um dos casos de oração silenciosa na bíblia é a oração de Ana que se encontra em 1 Samuel 1. 13.

¹¹¹ Cf. *Ibid.*, p 93.

¹¹² *Ibid.*, p 101.

¹¹³ CRUZ, J. apud, *Ibid.*, p 103.

A presente pesquisa não abordará o silêncio presente em todos os contextos bíblicos,¹¹⁴ mas enfatizará o silêncio a partir da vida de Jesus de Nazaré. Em sua vida, o silêncio ocorre em diversas ocasiões e pode assumir significados diferentes de acordo com cada situação. Por isso, não há a intenção de esgotar-se ou mesmo reduzir o assunto a uma única perspectiva.

Este capítulo apresentará o silêncio na vida de Jesus nos seguintes momentos: quando Ele pede para a pessoa ficar em silêncio, em referência à dinâmica do segredo messiânico; quando Sua resposta é o silêncio, enfocando a vida de oração, bem como o silêncio de Jesus diante dos seres humanos; e quando Jesus experimenta o silêncio como resposta, especialmente o momento da cruz. Além disso, apresentar-se-á o silêncio de Deus e seus possíveis significados na vida de Jesus. Silvio José Báez afirma que:

Com a sua palavra, cheia de autoridade e de poder, Jesus impõe o silêncio às forças hostis, ao cosmo e à existência humana: faz se calarem os espíritos imundos (Mc 1.25; Lc 4.35) e o fragor do vento e do mar (Mc 4.39). O seu comportamento, coerente e libertador do homem, deixa os seus adversários sem palavras (Lc 14.4), os quais “nada lhe podiam replicar” (Lc 14.6) e estavam “maravilhados com a sua resposta” (Lc 20.26; cf. Mt 22.34). Às vezes ele mesmo permanece em silêncio e se recusa a falar àqueles que conscientemente se fecham à evidência da verdade (Mc 11.33). O próprio Jesus, que faz os seus adversários se calarem, torna capaz de falarem aqueles que estão fisicamente impossibilitados disso por causa da surdez [...] (Mc 7.31-37)¹¹⁵

Com esse apontamento da presença do silêncio na vida de Jesus, pode-se perceber a importância do tema, bem como a diversidade de situações e possíveis sentidos. Para obter algumas interpretações e significados desses silêncios, a pesquisa abordará alguns assuntos já discutidos por outros autores, entretanto, com pouco ou nenhuma referência ao tema proposto. Sendo assim, verificar-se-á o que se pode dizer de Jesus e o que Ele disse com o Seu silêncio descrito nas narrativas bíblicas, assim como se buscará descobrir o Deus de Jesus a partir da sua vivência do silêncio.

¹¹⁴ Não abordará a temática nos diversos contextos em que ela aparece na bíblia, mas fará menção a alguns momentos de textos que não se referem ao silêncio de Jesus. Para mais informações sobre o silêncio no Primeiro Testamento, consultar: BÁEZ, S. J. *Quando tudo se cala*, no qual ele faz uma excelente abordagem do assunto.

¹¹⁵ *Ibid.*, p 171.

3.1.

Quanto Jesus pede silêncio: Segredo e revelação

Em alguns casos, o silêncio adquire o sentido de segredo, quando alguém pede para outra pessoa não falar o que sabe ou viu, para manter a sua integridade ou para simplesmente não expor a pessoa ao conhecimento de muitas outras. O segredo é uma expressão de lealdade, de confiança entre aquele que compartilha algo e aquele que guarda em silêncio o que foi compartilhado. Baéz, ao falar do silêncio como segredo, refere-se a um silêncio de prudência, podendo expressar sabedoria ao afirmar que:

O silêncio de prudência às vezes se apresenta sob a roupagem da discrição, para não deixar saber algo que se sabe. Em determinadas circunstâncias da vida, não revelar algo, evitar falar para manter oculta uma situação ou um dado particular, pode ser expressão de sabedoria, sobretudo se, em relação com esse “segredo”, entram em jogo os grandes valores, como a existência ou a dignidade de uma pessoa, a harmonia da convivência, ou então o êxito de um determinado projeto que é considerado de grande importância.¹¹⁶

O silêncio que se refere à guarda de um segredo é imprescindível nas relações humanas. A pessoa que revela o seu “segredo” com o intuito de compartilhar uma dificuldade, uma limitação, um desabafo, ou mesmo uma conquista que está vivendo, o faz como um ato de confiança na outra pessoa e, ao mesmo tempo, a outra pessoa responde a essa confiança com o silêncio, pelo menos, é o esperado. Independente do motivo que leve uma pessoa a pedir a outra que não fale nada a ninguém, o fundamental nessa relação será o silêncio que pode ser interpretado como confiança, respeito, cumplicidade para com a pessoa. O guardar um segredo, o silêncio, pode ser vivido em diversas situações e ocasiões, em todas as classes sociais, por homens e mulheres, crianças e adultos, jovens ou anciãos. A maioria das pessoas, de alguma forma, já pediu ou ficou em silêncio em um determinado momento da vida com vistas a uma relação saudável e duradoura.

De acordo com as narrativas do evangelho de Marcos, Jesus também pede para que as pessoas não falem o que Ele fez ou o que viram Dele, pede para que fiquem em silêncio, que guardem segredo. Contudo, em alguns casos, o seu pedido não foi acatado. Mas, de acordo com Gnilkka, esse segredo de Jesus não é

¹¹⁶ BÁEZ, S. J. *Quando tudo se cala*, p 61.

uma construção embasada na vida de Jesus, mas é uma construção dogmática¹¹⁷ e *kerigmática*¹¹⁸ do evangelista. Essa construção de Marcos é conhecida pelos estudiosos como *segredo messiânico*. Foi criada por W. Wrede e hoje tem sido interpretada de diversas formas.

Os escrituristas chamam de “segredo messiânico” as advertências que Jesus faz nos Sinóticos a seus ouvintes para que não propalem suas obras prodigiosas. Ora, quer os relatos evangélicos em que Jesus pede o segredo sejam um recurso da comunidade para explicar por que Jesus não se declarava abertamente Messias, sendo que a comunidade o proclamava como tal (W. Wrede), quer a proibição provenha do próprio Jesus, não por rechaçar o título para si absolutamente, mas para evitar mal-entendidos (O. Cullmann), o importante é que esses relatos previnem contra qualquer triunfalismo messiânico.¹¹⁹

O segredo messiânico parece constituir o motivo teológico do evangelho de Marcos que pretende mostrar quem é Jesus, mas não quer que a comunidade o encare na perspectiva triunfalista. Os milagres e títulos que a comunidade concede a Jesus devem ser vistos à luz da cruz, a qual ainda não tinha acontecido; por isso, a necessidade do silêncio. O segredo messiânico só termina na cruz, quando o centurião confessa a messianidade de Jesus (15,39). Gnilka afirma que “o ser cristão não se esgota no conhecimento da fórmula justa da fé, mas na disposição de seguir o caminho da cruz. Por isso, apenas sob a cruz se pode falar desveladamente de que este homem era o Filho de Deus.”¹²⁰ É preciso percorrer todo o caminho da vida de Jesus, tanto no sucesso junto à multidão como no seu sofrimento solitário em direção à cruz, para se compreender corretamente quem é Jesus.

O intuito de Jesus, de acordo com a narrativa de Marcos, não era esconder algo que pudesse envergonhá-lo ou porque Ele queria que sua vida ficasse em segredo, mas indica que a revelação seria prematura e causaria equívocos na concepção do povo, com relação à sua missão, se não fosse concebida na humilhação da crucificação. Sendo assim, o segredo messiânico existe em função da paixão, pois é somente ao fim da vida de Jesus que se pode compreender quem Ele é e qual é a sua concepção de messianismo, porque, “no alto do Gólgota, ele

¹¹⁷ Cf. GNILKA, J. *El evangelio segun San Marcos: Mc. 1, 1-8, 26, 1*, Salamanca, Sígueme, 1999, p 195-198.

¹¹⁸ O aspecto *kerigmático* da construção de Marcos será abordado no tópico 3.2. Quando Jesus responde com o silêncio: a mística de Jesus e o chamado à consciência.

¹¹⁹ SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*, Petrópolis, Vozes, 2000, p 232.

¹²⁰ GNILKA, J. op. cit., p 198.

será humilhado por seus inimigos em consequência de seu compromisso com a ‘salvação’ dos outros, mas não de sua própria vida.”¹²¹

Assim, compreende-se que Jesus, ao pedir silêncio, não está meramente se escondendo, está, na verdade, instruindo, ensinando o povo quando calar e quando falar. De acordo com a construção de Marcos na perspectiva do segredo messiânico, é possível perceber que nem tudo que se sabe é para ser falado imediatamente, há um tempo determinado para falar, um tempo de processamento, de maior compreensão da situação. Os pedidos de silêncio da parte de Jesus para as pessoas ou demônios ocorrem em ocasiões diferentes e obtêm reações diferentes. Por exemplo, no caso do espírito impuro, em Mc 1.21-28, ele é advertido a calar-se depois de revelar que Jesus é o Santo de Deus; ou, então, quando as pessoas saem falando o que Jesus fez, não guardando o silêncio, como, em Mc 1.39-45, quando o homem curado da lepra é advertido a não contar nada a ninguém. O pedido de silêncio em alguns episódios ocorre quando já foi revelado o segredo ou então o pedido de segredo não é mantido, o que leva a pensar no Deus que se revela ao mesmo tempo em que se esconde, no Deus que está próximo e ao mesmo tempo está longe.¹²² Na construção de Marcos, já é possível perceber essa dialética da revelação de Deus.

3.1.1.

O silêncio na perspectiva do segredo messiânico

O segredo messiânico revela a necessidade de se guardar silêncio a respeito de determinados assuntos ou situações da vida para se obter uma maior compreensão desses. Sendo assim, a partir da construção do segredo messiânico, é possível perceber que nem sempre o falar é necessário, ou melhor, adequado, como se depreende do texto de Marcos 1.39-45:

E foi por toda a Galileia, pregando em suas sinagogas e expulsando os demônios. Um leproso foi até ele, implorando-lhe de joelhos: “se queres, tens poder de purificar-me”. Irado, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: “Eu quero, sê purificado”. E logo a lepra o deixou. E ficou purificado. Advertindo-o severamente, despediu-o logo, dizendo-lhe: “Não digas nada a ninguém; mas vai mostrar-te ao sacerdote e oferece por tua purificação o que Moisés prescreveu, para que lhes sirva de prova”. Ele, porém, assim que partiu, começou a proclamar ainda mais e a divulgar a notícia, de modo que Jesus já não podia entrar publicamente

¹²¹ MYERS, C, *O Evangelho de São Marcos*, São Paulo, Paulinas, 1992, p 301.

¹²² Essa questão sobre Deus distante e Deus próximo será mais aprofundada no tópico 3.4.3. Deus é silêncio.

numa cidade: permanecia fora, em lugares desertos. E de toda parte vinham procurá-lo.¹²³

De acordo com esse texto, Jesus pede para o homem que ele curou da lepra não contar o que havia feito, diz para ele apenas se apresentar diante do sacerdote e não falar mais nada a ninguém. No entanto, ele conta o fato para muitas pessoas. O que ele conta não é mentira, pois, de fato, Jesus o havia curado, ele tinha certeza do que acontecera porque ele não só viu como viveu o milagre da cura. Porém, existia a necessidade de guardar em segredo esse fato. Prova disso é que, devido à falação desse homem, Jesus precisou ficar fora da cidade. Jesus sofre a consequência de sua falação.

Esse texto demonstra a necessidade do silêncio na vida do indivíduo, desperta para a importância de entender qual é o momento de calar, de silenciar, pensar no que se pode falar e quando falar. Nem sempre tudo que se sabe, ou o que é verdade, deve ser dito. O silêncio pode ser compreendido como um período de maturação do conhecimento da “verdade” para que, então, se possa expressar a sabedoria e não transformá-lo em equívocos, ou até mesmo transtornos, para o outro.

O silêncio é importante para a compreensão de quem é Jesus. Um dos momentos de silêncio solicitados por Jesus é aquele em que Ele pergunta aos discípulos: “quem dizeis que eu sou”, e Pedro diz “tu és o Cristo”, no entanto, Jesus também o advertiu para que não contasse essa revelação a outras pessoas, por saber que os próprios discípulos ainda não compreendiam o seu messianismo.

Myers afirma que:

Segundo a compreensão de Pedro, “Messias” necessariamente significa triunfo régio e restabelecimento da honra coletiva de Israel. Contra isso, Jesus argumenta que “Humano” necessariamente significa sofrimento. É assim porque, na qualidade de advogado da verdadeira justiça, o Humano como crítico do código de débito e do sábado necessariamente entra em conflito com “os anciãos, os sumos sacerdotes e os escribas” (8.31). Em outras palavras, não é este o discurso do destino ou da fatalidade, e sim da inevitabilidade política[...] As fantasias de Pedro a propósito do poder devem ser censuradas por realismo bem clarividente.¹²⁴

Como explicitado anteriormente, o segredo existe em função da vida messiânica de Jesus, mas essa não correspondia a nenhuma das concepções existentes. Jesus pede o silêncio para que não houvesse equívocos. Jesus, como

¹²³ Marcos 1.39-45.

¹²⁴ MYERS, C, *O Evangelho de São Marcos*, p 297.

Messias, só podia ser entendido completamente ao ser incluído na perspectiva da cruz e da ressurreição. Por isso, havia que se guardar silêncio até que o Filho de Deus ressuscitasse dentre os mortos¹²⁵ para que Ele não fosse compreendido dentro das concepções triunfalistas e regionalistas,¹²⁶ ou seja, que se fizesse de Jesus quem ele não era. Mas, então qual é o messianismo de Jesus? Jesus assume a vocação de Messias-servidor até as últimas consequências, um messianismo de amor-serviço.¹²⁷ Sobrino fala que:

Mais fundamental ainda nos parece frisar o fato de que o Messias acaba em uma cruz por ser conseqüentemente Messias, isto é, por anunciar a esperança aos pobres e denunciar seus opressores. A partir desta perspectiva é necessário falar não já de um segredo messiânico, real ou hipotético, mas de mistério messiânico: o verdadeiro Messias, defensor da esperança dos pobres, acaba em uma cruz. [...] Messianismo e crucificação se relacionam, portanto, no Novo Testamento e na história, e por isso é importante recordar, ao mesmo tempo, que o Messias é o crucificado e que o crucificado é o Messias.

Sendo assim, o messianismo de Jesus é o que favorece os pobres e necessitados, os oprimidos e, para tal, Ele precisou se colocar muitas vezes contra os poderosos de sua época. Como não poderia ser diferente, seu destino foi a cruz. Dessa maneira, percebe-se que sua prática, principalmente, ao se aproximar do evento da cruz, não comportava a expectativa messiânica de sua época, a qual esperava por um messias que triunfasse, que impusesse o seu poder. Então, de acordo com Sobrino, mais que um segredo messiânico, em Jesus existe o *mistério messiânico*, o ir até as últimas consequências que resulta na ressurreição dentre os mortos. É ao pé da cruz que se reconhece Jesus e, de acordo com Mc 9.9, somente depois de sua ressurreição que se deve falar quem Ele é. Nesse texto, Jesus pede para que os discípulos não falem nada a ninguém até que o Filho do homem ressuscitasse dentre os mortos. Esse texto adquire um maior destaque na dinâmica do segredo messiânico, pois, nesse pedido de silêncio, também é revelado quando é o momento de falar.¹²⁸

¹²⁵ Cf. GNILKA, J. *Teología Del Nuevo Testamento*, Madrid, Trotta, 1998, p 168.

¹²⁶ Cf. Garcia Rúbio “No tempo de Jesus, a expectativa messiânica assumia diversas modalidades. Parece que predominava a interpretação nacionalista e política da figura do Messias. Havia, porém, outras interpretações: o Messias esperado como mestre da lei, como sumo sacerdote escatológico, como o profeta Elias redivivo, como o Filho de Homem, como servo etc.” GARCIA RUBIO, A. *O encontro com Jesus Cristo vivo: um ensaio de cristologia para nossos dias*, São Paulo: Paulinas, 2007, p 122.

¹²⁷ Cf. *Ibid.*, p 123.

¹²⁸ Cf. GNILKA, J. *op. cit.*, p 167.

Sendo assim, quando Jesus pede silêncio para aqueles que são beneficiados pelos seus atos de cura, ou quando expulsa os espíritos impuros, ou quando pede silêncio aos seus discípulos, Ele deseja mostrar que o silêncio é uma importante ferramenta para compreender melhor as situações da vida, para aguardar o tempo exato para falar, porque nem sempre o falar será sinal de conhecimento. O verdadeiro conhecimento veio depois de guardar o silêncio, na revelação ao pé da cruz. O segredo messiânico, ou melhor, o mistério messiânico é muito mais do que ficar sem falar, é compreender que ficar em silêncio pode ser mais precioso e inteligente, porque é deixar que Deus se revele ao invés de tentar revelar Deus pelos próprios conceitos.

3.1.2.

Pedagogia do segredo messiânico: silêncio e Revelação messiânica

O interessante no segredo messiânico é que o pedir silêncio da parte de Jesus não é meramente ficar sem falar. É um ensinamento a respeito do ficar em silêncio, mas também de quando se deve falar, ou seja, é uma pedagogia que revela o momento de silêncio e o momento de falar/revelar.

Tendo como pano de fundo a confissão de Pedro e do centurião a respeito de Jesus, pode-se entender que: Pedro confessa que Jesus é o Cristo sem antes obter compreensão do projeto de salvação de Jesus, é advertido a ficar em silêncio e não aceita as palavras de Jesus sobre a necessidade (ou, segundo Myers, a inevitabilidade) de seu sofrimento. Pedro fala quem é Jesus precipitadamente, sem aceitar o verdadeiro messianismo de Jesus, sem aceitar quem realmente é Jesus. Prova disso é que ele nega-O três vezes antes do galo cantar. No caso do centurião, ele revela conhecer realmente quem é Jesus, pois estava ao pé da cruz e diz que verdadeiramente Jesus era o filho de Deus, o que parece ser um reconhecimento do seu messianismo de amor-serviço, não triunfalista.

Assim, o segredo messiânico revela não só a necessidade de ficar em silêncio, mas necessidade de saber o que falar para depois não se arrepender, ou então não negar o que se falou. Para Pedro, Jesus pede o silêncio, pois sabia que ele não seria capaz de manter a sua palavra até o final, negaria não somente as suas próprias palavras de reconhecer Jesus como o Cristo, mas negaria o próprio

Cristo. O ato de pedir silêncio de Jesus ensina que é preciso ficar em silêncio ao invés de negar a própria palavra.

Diante de tudo isto, devemos ver as palavras do centurião como merecedores de confiança? Se o são, falimos em aprender uma das mais importantes lições de toda a narrativa, que consiste em reconhecer que os que detêm o poder realmente “sabem quem é Jesus” e estão dispostos a destruí-lo, ao passo que aqueles que o seguem muitas vezes se sentem inseguros a propósito de quem ele é, mas se esforçam para confiar nele apesar de tudo. No fim, a única “testemunha” pós-execução confiável no caso de Jesus há de ser um jovem, que diz às mulheres que Jesus está vivo e que a aventura do discipulado pode continuar.¹²⁹

No caso do centurião, Jesus não pode pedir silêncio, porque já está morto. Também porque a palavra do centurião é digna de confiança, por revelar quem é Jesus, por mais entristecedor que seja imaginar que os inimigos de Jesus saibam quem ele é, enquanto os seus discípulos se esforçam para tal. Gnilka alega que a confissão do centurião apresenta a meta dos leitores de Marcos, que é a de ser capaz de repetir a mesma confissão do centurião, pois “a confissão válida se pronuncia ao pé da cruz. Isto confirma que Jesus somente se pode entender a partir do final.”¹³⁰

De acordo com Gnilka, o silêncio volta a aparecer no final do evangelho de Marcos, quando as mulheres são convidadas a anunciar a ressurreição de Cristo, mas permanecem caladas. Para ele essa questão também deve ser interpretada no contexto do segredo messiânico.¹³¹ É interessante ressaltar que o caráter *kerigmático* do evangelho também se revela nesse final aberto que pretende animar o leitor, ou ouvinte, a tomar partido diante da mensagem da cruz e da ressurreição.¹³² “Marcos desafia os leitores a ‘completarem’ a leitura por meio de sua própria resposta à promessa do ‘jovem’”¹³³ de Marcos 16.5-6:

O dado de que as mulheres calam apesar de tudo se dirige ao leitor. Ou seja, não tem que entendê-lo historicamente. Quando o evangelho chega ao final, se dirige ao leitor; este deve sentir-se refletido nas mulheres a quem havia se exigido que falassem, mas que (todavia) guardavam silêncio; deve sentir que agora se é convidado a tomar uma opção de fé ou de incredulidade frente ao *kerigma*.¹³⁴

Com isso, Marcos interpela os leitores ou ouvintes do evangelho a tomar uma posição de falar ou permanecer calados diante do *Kerigma*, diante da

¹²⁹ MYERS, C, *O Evangelho de São Marcos*, p 466.

¹³⁰ GNILKA, J., *Teología Del Nuevo Testamento*, p 169.

¹³¹ Cf. *Ibid.*, p 168.

¹³² Cf. *Ibid.*, p 163.

¹³³ MYERS, C, *op. cit.*, p 424.

¹³⁴ GNILKA, J. *op. cit.*, p 168.

revelação de Jesus. Pode-se dizer que, ao final do evangelho, o autor chama o ouvinte a fazer uma confissão de fé, uma confissão como a do centurião.

Sendo assim, na construção teológica do evangelho de Marcos, é possível perceber que, diante do pedido de Jesus para que se faça silêncio, há também um pedido para que se fale no momento adequado. Não é apenas o fato de ficar em segredo, mas o fato de aguardar a revelação de Deus em Jesus em silêncio para que, no tempo propício, seja feita a revelação falada, ou seja, é um segredo de revelação. O discípulo de Jesus silencia-se para que saiba exatamente o que revelar e quando revelar algo da parte de Deus. A pedagogia do silêncio em Jesus ensina quando calar e quando falar, o que silenciar e o que falar.

Quando Jesus pede silêncio, não está pedindo para que o indivíduo seja conivente com realidades injustas ou opressoras, pelo contrário, pois o pedido de silêncio tinha em vista o seu messianismo que é para trazer esperança às vítimas da história, que é amor-serviço aos necessitados. O fato de Jesus pedir silêncio revela que falar precipitadamente pode ser prejudicial para si e para o outro, da mesma maneira que ficar sem falar quando se é para falar. A pedagogia do silêncio em Jesus revela que o segredo é revelador e que a revelação pode ser um segredo, é o silêncio para entrar no mistério messiânico, por isso, é importante saber o que falar, quando falar e onde falar, assim como o que silenciar e quando silenciar.

3.2.

Quando Jesus responde com silêncio: A mística de Jesus e o chamado à consciência

Vale ressaltar que, ao se falar aqui de mística, refere-se a uma experiência com Deus nas realidades desse mundo e sobre estas. Ainda há muita confusão com relação à experiência mística, sendo entendida com uma experiência vivida unicamente na dimensão “espiritual”, ou interior. A mística cristã não deve adquirir um caráter dualista, mas precisa desenvolver uma unidade entre experiência interior e prática responsável neste mundo, vivida de forma integral pelo ser humano. Conforme Josef Sudbrack:

No místico cristão, a experiência da verdade de Deus não exclui a história com suas exigências, mas Deus, como fundamento do aquém, exige o envolvimento no

mundo presente. Afinal, ele é a realidade que se realiza no além. Assim, o místico, justamente na sua interioridade, recebe a missão de cuidar ativamente do mundo.¹³⁵

O próprio Jesus viveu essa verdade em sua experiência. É possível perceber que Ele cultivava tempo de oração sozinho bem como uma prática responsável na sociedade de sua época. “Deus tornou-se visível em Jesus, que vagava por muitos lugares pregando, realizando boas ações, e ao mesmo tempo conseguiu concretizar sua unidade com ele na solidão da oração.”¹³⁶

Jesus é o perfeito exemplo de místico ao articular sabiamente a experiência interior com a sua atividade pública. Assim, encontra-se em Jesus a prática do silêncio. Jesus viveu o silêncio, em algumas ocasiões, em forma de diálogo com o Pai, ao cultivar uma vida de oração. Joachim Jeremias afirma que Jesus nasceu no meio de um povo que sabia rezar, mas que pouco se sabe sobre sua vida de oração. Porém, não há dúvidas com relação ao fato de que Jesus orou todos os dias de sua vida, realizando pelo menos os três tempos de oração, ou seja, a oração da manhã ao sair do sol, a da tarde no momento de oferta de sacrifícios no templo e a oração da noite antes de dormir. Mas, Jesus não se contentava com apenas essas práticas de oração comum aos judeus. De acordo com as narrativas bíblicas, Ele se retirava em outros momentos para orar.¹³⁷ Alguns exemplos de passagens importantes sobre a atitude de oração de Jesus são: Mc 1. 35, no qual ele se levanta de madrugada para orar; Mc 6.46, quando ele se retira ao monte para orar, que pode ser entendida como uma oração longa em solidão; e Lc 6.12, outro texto no qual ele vai à montanha para orar.¹³⁸

A espiritualidade de Jesus era a sua intimidade com Deus, de forma que Deus era uma experiência afetiva. No entanto, não era uma espiritualidade que se distanciava da realidade. Jesus possuía uma “capacidade de conciliar militância e momentos de oração. Para Jesus, ação não era oração. Ele parava para rezar.”¹³⁹

¹³⁵ SUDBRACK, J. *Mística: a busca do sentido e a experiência do absoluto*, São Paulo, Loyola, 2007, p 99.

¹³⁶ *Ibid.*, p 100.

¹³⁷ Cf. JEREMIAS, J. *Abba: El mensaje central Del Nuevo Testamento*, Salamanca, Sígueme, 2005, p. 75-84. Aqui é possível encontrar mais informações sobre a vida de oração de Jesus, principalmente dos três tempos de oração. Pagola e Schillebeeckx concordam com Jeremias sobre o fato de que Jesus orava além dos três tempos de oração. PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*, Petrópolis, Vozes, 2011; SCHILLEBEECKX, E. *Jesus: a história de um vivente*, São Paulo, Paulus, 2008.

¹³⁸ Cf. JEREMIAS, J. *Abba*, p 84.

¹³⁹ BOFF, L. e BETTO, F. *Mística e espiritualidade*. Rio de Janeiro, Rocco, 1996, p 113.

Em sua espiritualidade, era muito comum se retirar para ficar a sós com Deus. É uma espiritualidade de quem gera vida, principalmente para os mais rejeitados.

A prática de oração de Jesus o levou a ter uma experiência na qual Ele associava Deus à vida, e sua atividade profética iniciou-se a partir de uma intensa e poderosa experimentação de Deus. Conseqüentemente, Ele era impulsionado a libertar as pessoas dos medos e das escravidões que as aprisionavam e impediam-nas de vivenciar a fé em Deus como Ele sentia e vivia, ou seja, como amigo da vida e da felicidade de seus filhos e filhas.¹⁴⁰

3.2.1. Jesus e sua experiência mística de Deus

Jesus, assim como os profetas de Israel, busca por Deus para ouvir o que Ele tinha a dizer para o povo e para si mesmo. Por isso, em diversos momentos, caminhava em direção à solidão para falar com Deus, procurou lugares desertos para ficar em silêncio diante de Deus.¹⁴¹ Em uma determinada ocasião, Jesus vai até o rio Jordão para ser batizado por João e, após o batismo, é impelido a ir para o deserto (Mc 1.12). Esse episódio demonstra a intensidade da intimidade que Jesus possuía com Deus.

O Batismo de Jesus no Jordão é um importante acontecimento em sua vida, pois, se não o fosse, as narrativas bíblicas não o teriam descrito, devido aos embaraços que esse episódio poderia trazer para os seus seguidores, como, por exemplo, o surgimento de alguns questionamentos: se Jesus era subordinado a João Batista ou se era menor ou maior que João Batista.¹⁴² De acordo com Schillebeeckx, as pessoas que eram batizadas por João não necessariamente tornavam-se seus discípulos, mas é provável que João tivesse um grupo de discípulos que o ajudava a fazer o batismo. Não é possível comprovar

¹⁴⁰ Cf. PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*, p 364.

¹⁴¹ “Como para todos os judeus, o deserto evoca em Jesus o lugar em que nasceu o povo e ao qual é preciso voltar em épocas de crise para começar novamente a história rompida pela infidelidade a Deus. Não chegam até ali as ordens de Roma nem o bulício do templo; não se ouvem os discursos dos mestres da lei. Em compensação, pode-se ouvir a Deus no silêncio e na solidão. De acordo com o profeta Isaías, é o melhor lugar para “abrir o caminho” para Deus e deixá-lo entrar no coração do povo.” Ibid., p 87.

¹⁴² Cf. KASPER, W. *Jesus, El Cristo*, Salamanca, Sígueme, 1986, p 79.

historicamente se Jesus foi discípulo de João, no entanto, pode-se afirmar que os primeiros discípulos de Jesus eram discípulos de João Batista.¹⁴³

Com base no evangelho de Marcos, Jesus vive uma profunda experiência de Deus ao descobrir-se como Filho amado, ao ouvir “Tu és o meu filho amado em quem me comprazo” (Mc 1.11), ou seja, Ele estava em silêncio para ouvir o reconhecimento de sua filiação, Ele se colocou a escutar o que Deus tinha a dizer. Uma experiência de Deus conforme o batismo de Jesus pode ser vivida a partir do silêncio, quando a pessoa se põe a escutar. Mas, também é possível dizer que, na experiência de Jesus, a comunidade também vive uma experiência de escuta, porque, segundo o evangelho de Mateus, Deus fala ao povo que “Este [Jesus] é o meu Filho amado em quem me comprazo” (Mt 3.17), isto é, a comunidade se põe a escutar Deus.¹⁴⁴ Sendo assim, o batismo de Jesus pode ser uma profunda experiência de escuta pessoal, e ao mesmo tempo pode adquirir um alcance comunitário. É um experimentar Deus mediante o silêncio da escuta, não um mero ficar sem falar, mas o abrir-se para ouvir em silêncio o que Deus tem a dizer. A experiência mística de Jesus proporcionou também uma experiência para a comunidade, a qual também escuta de Deus o reconhecimento de Sua filiação.

É sabido que a pregação de João Batista atingiu Jesus pessoalmente e, por isso, permitiu que fosse batizado, mas também é sabido que ele pregava a conversão, o arrependimento para o povo de Israel. No entanto, Jesus não experimenta o perdão dos pecados no batismo, experimenta algo diferente, a experiência do Espírito. As narrativas bíblicas declaram que o Espírito desceu sobre Ele como uma pomba, enfatizando a presença de Deus Nele, de forma que

¹⁴³ Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Jesus: a história de um vivente*, p 130. Mas, segundo Moltmann, “é historicamente provável que Jesus fez parte dos discípulos de João no Jordão.” MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*, Santo André, Academia Cristã, 2009, p 144.

¹⁴⁴ Segundo Moltmann, na dotação com o Espírito, acontece uma audição divina: uma audição pessoal de Jesus: “Tu és meu Filho amado” (Mc 1.11), ou audição circunstantes (daqueles que estava em volta de Jesus): “este é o meu Filho amado em quem me comprazo” (Mt 3.17). Cf. MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p 147-148.

Jesus reafirma a sua identidade e conduz sua vida.¹⁴⁵ De acordo com Garcia Rubio, “trata-se da confirmação e proclamação de sua vocação messiânica.”¹⁴⁶

Para Yves Congar, o batismo de Jesus é o momento que inaugura a sua vocação e o seu envio como messias, “a ida ao batismo de João na disposição de cumprir o desígnio de Deus, a nova descida do Espírito sobre ele, as palavras designando-o como Messias régio e Servo, até como ‘Filho bem-amado’, foram o momento decisivo que inaugurou a missão que ele devia realizar para nós.”¹⁴⁷ É uma experiência de abertura, ou seja, reveladora, de forma que:

No seu caráter para nós revelador, ganha, como fato histórico, uma densidade teológica. É a primeira atuação profética de Jesus, ação com simbolismo profético, ou seja, uma profecia-em-ação, pela qual ele dá a entender que de fato o Israel “todo” precisa de conversão, necessita voltar para Deus, conforme o batista exige. Como ato profético, em que Jesus se submete ao batismo de João, seu batismo é uma confirmação da apostasia de Israel.¹⁴⁸

Porém, é pertinente lembrar que existiam diferenças nítidas entre João e Jesus, tais como:

João anunciava o Reino de Deus vindouro como o juízo da ira sobre esta geração impenitente. Jesus, porém anunciou o Reino vindouro de Deus aos pobres e pecadores como graça preveniente. João abandonou a civilização e viveu no deserto. Jesus abandonou o deserto e foi para as movimentadas aldeias da Galiléia. João sobreviveu a duras penas com o alimento do deserto. Jesus, porém comia pão e tomava vinho na companhia dos pobres e pecadores do povo. João era conhecido como asceta, Jesus como “glutão e bebedor de vinho” (Mt 11,19). João batizou para o arrependimento. Jesus não batizou a ninguém, mas perdoou os pecados a muitos.¹⁴⁹

Mas, independente das diferenças entre João e Jesus, o que vale ressaltar é a intensa experiência transformadora de Jesus, a qual mostra a necessidade de silenciar-se diante do Pai para ouvi-lo, para acolher a sua vocação messiânica, a sua atuação profética junto a todo o povo. Sua experiência transformadora de ouvir Deus no batismo o fez iniciar sua atuação pública diferenciada, lembrando que é na experiência de Jesus que o povo também ouve Deus, reconhecendo-O

¹⁴⁵ Cf. MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p 147-152. Tal pensamento possibilita falar de uma *Kenosis* do Espírito que será desenvolvida com mais detalhes no tópico 3.3.1.

¹⁴⁶ GARCIA RUBIO, A. *O encontro com Jesus Cristo vivo*, p 30. Para SCHILLEBEECKX, nada permite discernir (nem negar) que o batismo de Jesus seja o primeiro irromper de sua autocompreensão como profeta; para ele, “sobre o começo da consciência de Jesus a respeito de sua vocação, nada se pode dizer historicamente. Mas, que o fato de sua atuação pública como profeta tem alguma relação com seu batismo no Jordão, isso pode-se afirmar.” SCHILLEBEECKX, E. *Jesus: a história de um vivente*, p 131.

¹⁴⁷ CONGAR, Y. *Revelação e experiência do espírito*, São Paulo, Paulinas, 2005, p 37.

¹⁴⁸ SCHILLEBEECKX, E. op. cit., p 132.

¹⁴⁹ MOLTSMANN, J., op. cit., p 147.

como Filho, segundo o evangelho de Mateus, ou seja, sua experiência envolve a comunidade.

Nessa experiência de ouvir Deus, Jesus adquiriu maior compreensão de sua vocação. É o silêncio essencial da escuta no diálogo do Filho para com o Pai. Na relação do Filho com o Pai, há o silêncio que se põe a ouvir quando o Pai fala, para posteriormente responder; em algumas situações, a sua resposta é com ações. Jesus, como um Filho obediente, em seu batismo, apenas acolhe a Palavra do Pai reconhecendo sua autoridade. É o silêncio da escuta de um diálogo em que o Filho ouve a orientação do Pai para desenvolver sua prática, prática de transformação de vida, de sua sociedade. Jesus ouve Deus, seu Pai, num diálogo íntimo e responde-O exercendo seu ministério, cumprindo sua vocação. É uma mística de diálogo, em que Jesus silencia em sinal de escuta a Deus para seguir atuando junto à sua comunidade.

3.2.2.

A oração de Jesus: comunicação com Deus no silêncio

De acordo com Pagola, Jesus nunca esqueceu sua experiência no Jordão. E, mesmo com os seus muitos afazeres junto ao povo, Ele não descuidava da sua comunicação com o Pai em silêncio, de forma que as narrativas cristãs lembram o costume de Jesus de se retirar para orar, procurando um encontro íntimo e silencioso com o Pai.¹⁵⁰ “Os Evangelhos apresentam com frequência, sobretudo nas escolhas decisivas, Jesus que se retira totalmente sozinho num lugar afastado das multidões e dos próprios discípulos para rezar no silêncio e viver a sua relação filial com Deus.”¹⁵¹

Para Jesus, a prática de oração não era uma questão de obrigação, mas era um desejo do seu coração por conversar com o Pai, por estar a sós com o pai.¹⁵² A oração de Jesus é “sem palavras, de caráter antes contemplativo, onde o essencial é o encontro íntimo com Deus”¹⁵³ e, por isso, procurava lugares de silêncio e solidão.

¹⁵⁰ Cf. PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*, p 374-375.

¹⁵¹ PAPA BENTO XVI, *O papel do silêncio na vida de Jesus*, disponível em <http://pnsfatimadeolaria.wordpress.com/2012/03/15/o-papel-do-silencio-na-vida-de-jesus/>, acesso em 03/08/2012.

¹⁵² Lembrando que Jesus não se contentava apenas com as três orações do dia, veja no tópico 3.2. Quando Jesus responde com silêncio.

¹⁵³ PAGOLA, J. A. op. cit., p 377.

A oração de Jesus possui traços inconfundíveis. É uma oração simples feita “no oculto”, sem grandes gestos nem palavras solenes, sem ficar na aparência, sem utilizá-la para alimentar o narcisismo ou o autoengano. Jesus põe-se diante de Deus, não diante dos outros. Não é preciso orar nas praças para que as pessoas nos vejam: “Tu, quando orares, entra em teu quarto, fecha a porta e ora a teu Pai, que está no oculto”. É, ao mesmo tempo, uma oração espontânea e natural; nasce-lhe sem esforço nem técnicas especiais; brota da profundidade do seu ser. [...] A oração de Jesus é confiança absoluta em Deus.¹⁵⁴

A oração de Jesus não é um mero cumprir com rituais, ou mesmo representar uma determinada espiritualidade para outros, e, sim, um desejo de estar a sós com Deus, de ouvir Deus por meio do silêncio. É um diálogo no qual o Pai fala das mais diversas formas e Jesus se põe a responder com o silêncio. Sendo assim, “noite e solidão evocam por si o conceito e a realidade do silêncio e a oração entre Jesus e o Pai, nesta intimidade, só podia ser a do silêncio de adoração amorosa.”¹⁵⁵

Com relação à postura adotada por Jesus enquanto Ele orava, pouco se sabe, mas, acredita-se que Ele orava de pé como todo judeu piedoso, sendo que, na oração no Getsêmani, as narrativas dos evangelhos sinóticos (Mc 14.35; Mt 26.39; Lc 22.41) demonstram que Jesus estava de joelhos, prostrado, num gesto de abatimento e, ao mesmo tempo, de submissão à vontade do Pai.¹⁵⁶

Como discutido, a vida mística de Jesus não é apenas uma vivência interior, mas também um compromisso com o Reino de Deus. Jesus tem uma vida de constante oração e incentiva os seus discípulos a assim também fazerem. No episódio da oração no Getsêmani, Jesus exorta os seus discípulos a orar e vigiar para não entrar em tentação, aqui a tentação pode representar o desejo de fazer a própria vontade, de fugir da responsabilidade que cabe a cada um, ou seja, são “as forças que subverteriam ou comprometeriam o caminho”.¹⁵⁷ Nessa mesma perícopes, a oração de Jesus é: “*Abbá!* Pai, todas as coisas te são possíveis; afasta de mim este cálice; não seja, porém, o que eu quero, mas o que tu queres.” (Mc 14.36), demonstrando que, mesmo mediante a sua iminente morte, Jesus permanece fiel à vontade do Pai, à sua vocação. A vontade de Deus é que se tenha fé até o fim, prosseguindo até o fim, sem desistir.¹⁵⁸

¹⁵⁴ PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*, p 380.

¹⁵⁵ FISICHELLA, R. *Silêncio* in LATOURELLE, R. & FISICHELLA, R. (Org.), *Dicionário de Teologia Fundamental*, Petrópolis, Vozes & Aparecida, Santuário, 1994, p 895.

¹⁵⁶ Cf. *Ibid.*, p 377.

¹⁵⁷ MYERS, C. *O Evangelho de São Marcos*, p 436.

¹⁵⁸ Cf. COMBLIM, J. *A oração de Jesus*, Petrópolis, Vozes, 1973, p 31.

Jesus ao orar se dirigia a Deus como *Abbá*¹⁵⁹ demonstrando sua total confiança no Pai. Skillebeeckx afirma que:

A vida religiosa de Jesus consiste no seu excepcional contato com Deus como seu *abba*, e tornou-se evidente para nós que sua esperança, ao anunciar a vinda já próxima do Reino de Deus para a humanidade, deve ter tido a sua base na experiência do contraste: *de um lado*, a incorrigível história do sofrimento humano, de calamidades, conflitos e injustiças, e de uma escravização que ofende; *por outro lado*, a excepcional experiência de Jesus com Deus, seu Pai, e seu contato com Deus, que em sua benevolência cuidadosa é contrário ao mal, não quer reconhecer a supremacia do mal e se recusa a ceder a lhe dar o braço a torcer. Foi a experiência religiosa desse contraste que acabou dando figura à sua convicção e pregação sobre Reino de Deus.”¹⁶⁰

A vida de Jesus é em prol do Reino de Deus e vale dizer que “somente pelos atos é que o ser humano se torna compreensível, tanto para si mesmo como para os outros. [...] É na praxe da vida de Jesus que se concretiza sua mensagem sobre o Reino de Deus”,¹⁶¹ ou seja, mais importantes do que as palavras de Jesus eram os seus atos, que concretizavam o seu compromisso de viver a vontade de Deus. Por isso, buscava lugares isolados para confrontar-se com o Pai a respeito de sua prática, como no caso da multiplicação de pães e peixes. Depois de ter alimentado a multidão, despediu-se dos discípulos e foi ao monte orar (Mc 6.46). Era momento de meditar no que havia feito, bem como o que deveria fazer. “A fidelidade e a coerência ao projeto de Reino exigem, pois, momentos de deserto, para, em clima de oração, discernir o que é vontade de Deus e o que é tentação e entusiasmo leviano.”¹⁶² E é esse modo de agir que Jesus ensina a seus discípulos.¹⁶³

Os atos podem ser resultados dessa conversa com Deus ou a conversa com Deus pode resultar em novos atos. A oração deve produzir atos transformadores, ou os atos devem ser levados a uma oração de meditação, de confronto. “A ação de Jesus em geral surge da sua oração, é suportada por ela.”¹⁶⁴

Segundo o evangelho de João, Jesus silencia para ouvir o Pai ao relatar que “o que eu ouvi junto dele é o que declaro ao mundo” (Jo 8.26). A oração, para

¹⁵⁹ Para mais informações sobre a relação de Jesus com o *Abbá*, consultar o tópico 3.3.2. A relação de Jesus com o *Abbá*.

¹⁶⁰ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus: a história de um vivente*, p 251.

¹⁶¹ *Ibid.*, p 251.

¹⁶² WENZEL, J. I. *Pedagogia de Jesus segundo Marcos*, São Paulo, Loyola, 1997, p 64.

¹⁶³ Cf. *Ibid.*, p 95.

¹⁶⁴ RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré: do batismo no Jordão à transfiguração*, São Paulo, Planeta do Brasil, 2007, p 125. Báez afirma que: “A palavra e a ação de Jesus brotam e se nutrem continuamente do silêncio adorador da oração.” BÁEZ, S. J. *Quando tudo se cala*, p 171.

Jesus, foi muito mais do que falar com Deus, foi um silenciar-se para Se reconhecer, para ouvir Deus, para descobrir se sua prática estava coerente com a vontade de Deus, bem como para saber qual deveria ser a sua prática. A oração de Jesus não é uma oração alienada, que busca somente os seus interesses, mas é uma oração, em sua maioria, de descobertas em silêncio, contemplativa, em que recebe de Deus as orientações para a sua missão. Sobre isso, Leonardo Boff discorre que:

Jesus é também um contemplativo. O contemplativo consegue sacramentalizar as coisas. Ver uma flor e ver Deus. Ver os lírios dos campos e ver que Deus cuida deles [...] O contemplativo consegue ver essa conexão de realidade com Deus. Jesus se retira para rezar, ter diálogos profundos com Deus. [...] quando os apóstolos lhe pediram que os ensinasse a rezar, ensinou-lhes esta extraordinária oração que une os dois grandes impulsos humanos: aquele que sobe, que é o Pai Nosso, e aquele que desce, o Pão Nosso. Não devemos separar a luta por Deus da luta pelo pão. Elas vêm juntas. Estão unidas na oração de Jesus. Só um místico contemplativo pode fazer essa união.¹⁶⁵

Sendo assim, ao falar de Jesus, não basta falar dos seus milagres, seus feitos. É necessário falar da sua abertura ao silêncio, da oração contemplativa. A boa nova de Jesus não menospreza a palavra que a explica, que fala dos seus feitos, porém, o silêncio precisa fazer parte dessa boa nova, assim como esteve presente na vida de Jesus.¹⁶⁶ Os discípulos percebem que a oração é importante, ou melhor, necessária e constante na vida de Jesus, e aqueles que o seguem também devem praticá-la. Por isso, eles pedem para que Jesus os ensine a orar. Lucas 11.1-4 diz:

Estando em certo lugar, orando, ao terminar, um de seus discípulos pediu-lhe: “Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou a seus discípulos”. Respondeu-lhes: “quando orardes, dizei; Pai, santificado seja o teu Nome; venha o teu Reino; o pão nosso cotidiano dá-nos a cada dia, perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos aos nossos devedores; e não nos deixes cair na tentação”.¹⁶⁷

Em Lucas 11.1, os discípulos pedem a Jesus que os ensinasse a orar e, de acordo com Jeremias¹⁶⁸, não porque não soubessem orar, mas porque naquela

¹⁶⁵ BOFF, L. e BETTO, F. *Mística e espiritualidade*, p 122-123.

¹⁶⁶ Cf. MAGGIONI, B. *Era verdadeiramente homem: revisitar a figura de Jesus nos evangelhos*, São Paulo, Loyola, 2003, p 12.

¹⁶⁷ Lucas 11. 1-4.

¹⁶⁸ Cf. JEREMIAS, J. *Abba*, p. 85. Para Jeremias, a redação do Pai-Nosso no evangelho de Mateus coincide com o texto das sete petições e que transmite uma instrução destinada aos cristãos de origem judaica, entretanto, a narrativa de Lucas apresenta somente cinco petições segundo os manuscritos mais antigos e apresenta uma catequese para cristãos de procedência gentílica. De acordo com sua investigação, a redação de Lucas conservou a forma mais antiga, mas o texto de Mateus está mais próximo do original em termos de formulação do conteúdo comum a ambas as redações. Para mais informações sobre o Pai-Nosso segundo a investigação de Jeremias, consultar o capítulo *El Padre nuestro en La exegesis actual* em *Ibid.*, p 215-235.

época cada grupo religioso tinha a sua própria forma de oração, uma oração que possuísse as características de seu grupo. Sendo assim, Jesus ensinou aos seus discípulos uma oração, a oração do Pai-Nosso, que correspondia ao conteúdo de sua mensagem, possuindo o núcleo de sua pregação.

A oração do Pai-Nosso é uma súplica que contém dois grandes anseios centrados em Deus e três petições voltadas para as necessidades básicas do ser humano, ou seja, o desejo de santificação do nome de Deus que é a Sua aspiração mais ardente e que venha o Reino de Deus, que é a Sua paixão (pode-se dizer literalmente, pois Jesus morre por não abrir mão dos princípios do Reino de Deus). Em seguida pede o sustento (pão), o perdão e, por último, que não nos submetas à prova.¹⁶⁹ Mas, como afirma Joseph Ratzinger, para a explicação do Pai-Nosso:

Em primeiro lugar, é muito importante, tão precisamente quanto possível, escutar a palavra de Jesus, tal como a Escritura a transmite. Devemos acima de tudo tentar conhecer realmente os pensamentos de Jesus, que Ele nos quis transmitir nestas palavras. Mas devemos também ter presente que o Pai-Nosso surge da Sua oração, do diálogo do Filho com o Pai. Isso quer dizer que ele alcança uma grande profundidade que vai para além das palavras. Ele abrange toda a extensão do ser humano de todos os tempos e, portanto, não pode esgotar-se numa pura explicação histórica, por mais importante que ela seja.¹⁷⁰

Sendo assim, o Pai-Nosso são instruções para a oração interior dos seus discípulos, são orientações fundamentais para a formação daqueles que desejam segui-lo, querendo formá-los segundo a imagem do Filho. É uma oração que faz a pessoa voltar-se para Deus e, concomitantemente, voltar-se para o ser humano, cumprindo com as duas partes do grande mandamento: amar a Deus e amar ao próximo.¹⁷¹ Percebe-se, portanto, que a mística de Jesus e seus ensinamentos aos discípulos estão repletos da prática interior, da meditação, do silenciar-se e, ao mesmo tempo, encontra-se a ação curadora, salvadora, libertadora para com aqueles que precisam.

¹⁶⁹ Cf. PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*, p 391-395. Pagola fala especificamente de cada pedido a partir da narrativa de Mateus.

¹⁷⁰ RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré*, p 125.

¹⁷¹ Cf. *Ibid.*, p 126. Ratzinger fala da instrução sobre o caminho do amor a partir do Pai-nosso. “Assim, trata-se no Pai-Nosso, em primeiro lugar, do caminho do amor, que é ao mesmo tempo um caminho da conversão. Para que o homem possa rezar corretamente, deve estar na verdade. E a verdade é “Deus em primeiro lugar, o Reino de Deus” (Mt 6,33). Primeiro temos de sair de nós mesmos e abrir-nos para Deus. Nada pode estar correto se não estivermos na direção exata com Deus. O Pai-Nosso começa por isso com Deus e conduz-nos, a partir d’Ele, ao caminho do ser humano.”

Pode-se dizer que o silêncio na vida de Jesus, a partir das narrativas bíblicas, nunca assumiu um caráter de omissão, porque Jesus silenciava-se para ouvir Deus, mas não se fazia de surdo diante da dor e do sofrimento do ser humano. Ele não se omitiu diante das injustiças de sua época.

É interessante perceber que até mesmo quando os discípulos estavam discutindo pelo caminho quem seria o maior, e Jesus os questiona sobre o que conversavam, eles se calam, mas Jesus não se cala e diz: “Se alguém quiser ser o primeiro, será o derradeiro de todos e o servo de todos.” (Mc 9.35). “Jesus toma a atitude de quem sabe o que se passa e assume uma posição crítica diante dos conflitos. Está atento e não se omite diante do silêncio que esconde problemas sérios a ser resolvidos.”¹⁷²

Um verdadeiro discípulo de Jesus se comunica com o Pai em oração silenciosa, de meditação, confrontação, contemplação, para escutar a orientação de Deus. É o silêncio de quem se põe a escutar Deus num íntimo diálogo. Assim como na relação entre os seres humanos, também é a relação com Deus, um fala e o outro escuta. O ser humano precisa silenciar boca, mente e coração para escutar as Palavras, as orientações do Pai. Mas há momentos em que o ser humano fala, e Deus se põe a escutar. Há um silêncio de escuta de Deus e de si mesmo, não é uma escuta passiva, pois o ser humano ouve Deus e decide acolher ou não as suas Palavras. No entanto, o verdadeiro discípulo acolhe as orientações de Deus e não se silencia diante das injustiças sociais, dos problemas de sua sociedade, ele escuta Deus e responde com suas ações junto à sociedade, tornando-se uma palavra-ação, não silenciando-se diante das dores desse mundo.

3.2.3. Silêncio que causa admiração

O silêncio na vida de Jesus vai além da comunicação com Deus, pois também é presente na sua relação com os seres humanos. Em diversos momentos da narrativa bíblica, Jesus permanece em silêncio, ou melhor, responde com o silêncio. Tal verdade é verificável no processo de condenação, em que muitas pessoas falam (multidão, sacerdote, soldados, Pilatos) e Jesus permanece, na maior parte do tempo, em silêncio. Segundo Bruno Maggioni, Jesus permanece

¹⁷² WENZEL, J. I. *Pedagogia de Jesus segundo Marcos*, p 119.

em silêncio diante das perguntas que não querem a verdadeira resposta, ou quando as perguntas são feitas sem objetivo, sem propósito.¹⁷³ Nas narrativas da paixão, Jesus fala poucas vezes, sendo que nunca com o objetivo de se defender, mas apenas para afirmar sua identidade. Quando se trata de falar a verdade a respeito de si e de sua obra messiânica, ele não se cala.¹⁷⁴

Marcos enfatiza a não-cooperação de Jesus redundantemente: ‘Não tens resposta a dar?’ Jesus não deu resposta alguma. Esta fórmula será repetida na audiência diante de Pilatos e mostra a recusa de Jesus em reconhecer as acusações legais. [...] Jesus só quebra seu silêncio quando interrogado a respeito da sua vocação – ‘testemunho do caráter’, como era.¹⁷⁵

Jesus passa por dois interrogatórios, um diante do Sinédrio e o outro diante de Pilatos, recebendo o veredito de culpado, acompanhado de cenas de zombaria e tortura. Em ambos os interrogatórios, segundo a narrativa de Marcos, Jesus responde com o silêncio. Diante do Sumo sacerdote, o seu silêncio é de quem procura manter íntegra a sua dignidade, já que sua meta não era a justiça e, sim, condená-lo à morte. Então, “diante dos homens que o condenam por causa de sua justiça, o silêncio do servo do Senhor exprime dignidade; diante de Deus, exprime aceitação e confiança.”¹⁷⁶

Foi o silêncio de Jesus que se tornou a base jurídica de sua condenação diante do Sinédrio, porque a sua atitude foi uma crítica diante do foro que, de acordo com a Lei, tinha competência para julgar a doutrina e a prática de Jesus. Ao silenciar-se, Ele se recusa a submeter-se a essa instância judaica. Ao ser levado diante de Pilatos e Herodes, Jesus também permanece calado, de forma que:

Foi esse silêncio que manifestou a autocompreensão de Jesus, isto é, que ele sabia ter sido enviado diretamente por Deus, a fim de converter Israel para fé no mesmo Deus. Jesus recusa submeter à autoridade doutrinária judaica a sua “missão recebida diretamente de Deus”. O silêncio de Jesus (aliás, uma forma de “resistência delicada”) diante do Sinédrio me parece a manifestação mais clara da autocompreensão de Jesus: assim como não quis fazer milagres para se legitimar, também se recusa a prestar contas a qualquer instituição humana-religiosa a respeito da sua mensagem e da sua atuação. Somente Deus que o mandou é que pode lhe pedir contas. Jesus sabe que é responsável somente diante de Deus [...] o

¹⁷³ MAGGIONI, B. *Era verdadeiramente homem*, p 37.

¹⁷⁴ Cf. *Ibid.*, p 41 e BÁEZ, S. J., *Quando tudo se cala*, p 172.

¹⁷⁵ MYERS, C, *O Evangelho de São Marcos*, p 446.

¹⁷⁶ MAGGIONI, B. *op. cit.*, p 41.

desprezo perante a suprema autoridade de Israel parece-me a base jurídica judaica da condenação de Jesus.¹⁷⁷

Então, o silêncio de Jesus diante do Sinédrio é de resistência ao poder dominador de sua época, submetendo-se apenas a Deus que o enviou a realizar essa missão, pela qual foi condenado. O Sinédrio chega a uma decisão, enviar Jesus ao procurador Romano.¹⁷⁸ Jesus foi levado para a jurisdição Romana para que Pilatos o pudesse interrogar sobre a acusação de realeza. E, assim como no outro interrogatório, Jesus permanece em silêncio, o que parece ser uma alusão ao Servo Sofredor¹⁷⁹ de Isaías. Novamente, Ele só responde com palavras quando é questionada a sua messianidade, mas sua resposta é em tom zombeteiro de incredulidade (“tu o dizes”), isso porque para Pilatos a expressão “rei dos judeus” era considerada uma expressão de desprezo.¹⁸⁰

O fato de Jesus se recusar a barganhar ou argumentar uma defesa diante do poder de Roma causou em Pilatos admiração, porque ele não conseguia entender como alguém podia enfrentar uma ameaça de morte com tanta determinação.¹⁸¹ Sendo assim, pode-se dizer que o silêncio de Jesus causou mais admiração naquele que o acusava do que suas palavras. Jesus soube o momento de calar, de permanecer em silêncio, mostrando que, em determinadas ocasiões, o silêncio é mais preciso do que as palavras, que o silêncio fala mais do que a palavra.

Jesus passou por muitas zombarias¹⁸² em silêncio, por entender que as suas palavras seriam desperdício diante daqueles que não tinham o interesse de ouvi-lo, apenas de cumprir com um ritual de acusações. Jesus causou admiração pelo que falou a muitas pessoas, por exemplo, quando estava com os doutores no Templo ainda jovem (Lc 2.47), no entanto, também causou admiração aos seus acusadores

¹⁷⁷ SCHILLEBEECKX, E. *Jesus: a história de um vivente*, p 310. SCHILLEBEECKX faz a sua afirmação com base em Dt 17.12 que diz: “se alguém se atrever a não obedecer ao sumo sacerdote ou ao juiz em função, tal homem deve morrer.”

¹⁷⁸ SCHILLEBEECKX afirma que o Sinédrio chega a uma decisão, decisão essa de entregar Jesus aos Romanos, pois estavam todos contra Jesus, mas, no entanto, não tinham unanimidade no que diz respeito à base jurídica para a condenação. *Ibid.*, p 311.

¹⁷⁹ Para mais informações sobre o assunto Servo Sofredor, consultar o tópico 3.3.3. O abandono do Filho no silêncio do Pai.

¹⁸⁰ Cf. MYERS, C, *O Evangelho de São Marcos*, p 449.

¹⁸¹ Cf. *Ibid.*, p 450.

¹⁸² De acordo com C. Myers, foi a partir das palavras de zombarias, de escárnios daqueles que o condenavam que algumas profecias foram se cumprindo em Jesus. Porque eles o “ridicularizavam ordenando-lhe que assumisse o papel de profeta. Este é o primeiro exemplo de zombaria que ironicamente expressa a verdade.” Os soldados, ao iniciarem suas zombarias vestindo-o de púrpura, mais uma vez fazem com que a zombaria se transforme em verdade, pois quando terminam sua brincadeira tiram a capa e novamente o vestem com suas roupas, cumprindo a profecia de que iram repartir as suas vestes. Cf. *Ibid.*, p 445- 551.

permanecendo em silêncio. Talvez, possa-se pensar que, no decorrer dos momentos mais difíceis, Ele usou a sua autoridade para se silenciar. O silêncio neste caso não foi sinal de conivência, ou de omissão, mas sinal de sabedoria e dignidade. Jesus usa o silêncio como uma sábia resposta.

Fica em silêncio diante das falsas acusações contra ele, renunciando desse modo ao legítimo direito da sua defesa. Jesus, para não declarar ninguém culpado, sofre as calúnias e até a condenação à morte. Desse modo, o seu silêncio durante a paixão é uma expressão excelente de amor. O silêncio deixa claro que a sua inocência não é causa de condenação de ninguém, ao se calar, manifesta que não está disposto a tratar ninguém como inimigo.¹⁸³

Ou seja, ainda mais do que uma resposta de sabedoria, o seu silêncio diante das acusações torna-se um ato de amor, demonstração de amor até mesmo para com aqueles que O acusavam ou zombavam Dele. Seu silêncio também pode ser entendido como ato de resistência contra o sistema opressor de sua época, em relação ao qual Ele optou por fazer o que era mais justo, cumprir a sua missão em nome do Pai, do que fazer o que favorecia a alguns em detrimento da maioria.

Também se encontram, nos textos bíblicos, situações em que a atitude de Jesus fazia com que as pessoas ficassem em silêncio, o qual adquire uma conotação negativa. Marcos 3.1-6 diz que:

E entrou de novo na sinagoga, e estava ali um homem com uma das mãos atrofiada. E o observavam para ver se o curaria no sábado, para o acusarem. Ele disse ao homem da mão atrofiada: “Levanta-te e vem aqui para o meio”. E perguntou-lhes: “É permitido, no sábado, fazer o bem ou fazer o mal? Salvar a vida ou matar? Eles, porém, se calavam. Repassando então sobre eles um olhar de indignação, e entristecido pela dureza do coração deles disse ao homem: “Estende a mão”. Ele a estendeu, e sua mão estava curada. Ao se retirarem, os fariseus com os herodianos imediatamente conspiraram contra ele sobre como o destruiriam.¹⁸⁴

Nessa perícopa, Jesus pergunta aos fariseus se podia curar no sábado, porém eles nada respondem, apenas questionavam-se como matar Jesus. Não é um silêncio de quem não sabe e procura aprender, é um silêncio de acusação. Para Maggioni, é o silêncio do homem que ouve uma verdade que o incomoda e não tem como questionar e, por isso, recorre à violência para fazer com que o falante se cale, no caso, Jesus. É um silêncio inflexível, consciente, fruto de um coração endurecido. É um silêncio irritante, de forma que esse texto é uma das poucas vezes em que os evangelhos falam da indignação de Jesus.¹⁸⁵

¹⁸³ BÁEZ, S. J. *Quando tudo se cala*, p 171.

¹⁸⁴ Marcos 3. 1-6.

¹⁸⁵ MAGGIONI, B. *Era verdadeiramente homem*, p 38.

Vê-se que Jesus ficou em silêncio diante de perguntas falsas, das acusações, para manter-se íntegro, demonstrando sua sabedoria para silenciar bem como seu amor. Mas, conforme a perícopa acima, Jesus também viveu o silêncio dos seres humanos e se indignou com ele por interpretá-lo como maldoso, destrutivo, contra a vida. Sendo assim, Jesus causa admiração com seu silêncio e fica indignado com o silêncio que é contra a vida dos seres humanos. Jesus ensina que é preciso saber responder com palavras, assim como responder com silêncio, ambas são importantes e fundamentais na vida de Jesus. O diferencial é que Ele soube a hora de falar com palavras e a hora de falar através do silêncio.

3.3.

Quando Jesus experimenta o silêncio do Pai: Relação com o *Abbá*

Um dos silêncios mais evidentes e enfatizados na vida de Jesus é o silêncio do Pai. Há um determinado momento na vida de Jesus em que Ele clama a Deus, e Este permanece em silêncio. Assim como muitos outros seres humanos, Jesus também viveu o silêncio como resposta de Deus, *Abbá*.

Jesus é a Palavra de Deus feita carne segundo o evangelho de João. Mas, somente é possível acolher a Palavra encarnada aquele que escuta o silêncio do qual ela provém, no qual ele habita, ou seja, “a autêntica ‘escuta’ do Verbo é ouvir o Silêncio no além da palavra, ouvir o Pai do qual o Filho é revelação no mistério da sua obediência incondicional.”¹⁸⁶

É preciso entender a unidade e a comunhão existente entre Jesus e Deus, entre a Palavra encarnada e o além da palavra, isto é, a comunhão entre o *Logos* e o Deus Silêncio. De acordo com o evangelho de João, o *Logos* habitou entre os seres humanos, cheio de graça e de verdade, assim Jesus não era palavra de Deus, e, sim, a Palavra de Deus, que surge da vontade de autocomunicação de Deus como seu povo, mas que ao mesmo tempo permanece mistério.¹⁸⁷

A palavra encarnada cala falando e fala calando a sua identidade divina, mediante gestos e palavras intimamente conexos: por isso, ela é revelação não no sentido de simples abertura e manifestação do oculto, mas no sentido da ambivalência

¹⁸⁶ FORTE, B. *Teologia da história: ensaio sobre a revelação, o início e a consumação*, São Paulo, Paulus, 1995, p 96.

¹⁸⁷ Forte, em seu livro *Teologia da história*, escreve sobre o Silêncio e a Palavra como fonte da revelação, para isso, distribui a primeira parte do livro em: 1- Revelação, 2- O Silêncio, 3- A palavra e 4- o Encontro em que faz a união dos tópicos anteriores. Para mais informações, consultar *Ibid.*, p 39-201.

inseparável do seu retirar o véu, enquanto a Palavra é autocomunicação verdadeira e eficaz do Eterno, e do seu colocar o véu, enquanto a Palavra é condensação do ocultamento ao referir-se permanentemente às inexauríveis profundezas e à insondável transcendência do Mistério.¹⁸⁸

Jesus era verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus – não há dúvida com relação a isso – contudo, é preciso entender que Jesus tinha liberdade, tinha a sua personalidade, e que foram construídas segundo a sua relação com Deus. Tudo na vida de Jesus, seus ensinamentos, sua liberdade, seu agir, seu amor com os marginalizados e excluídos, é fruto de sua experiência profunda de Deus, sua transparente vida interior, sua experiência espiritual. A sua liberdade diante das instituições e, ao mesmo tempo, o seu profundo comprometimento com os marginalizados só existiram em decorrência da sua relação com Deus, de sua intimidade com o *Abbá*, de forma que Jesus sentia Deus como seu Pai e como Pai de todos, o que é demonstrado em sua solidariedade para com o próximo.¹⁸⁹ A relação de Jesus com Deus *Abbá* é percebida em suas orações.

A oração é um aspecto predominante na vida de Jesus. Os evangelhos nos apresentam uma imagem de Jesus como grande exemplo de oração ao Pai. Em suas orações, tanto na presença de pessoas como na solidão, mantinha uma relação íntima com Deus, a ponto de causar espanto, chamando-o de “meu Pai” (*Abbá*: linguagem de intimidade familiar de filho para Pai).¹⁹⁰

A vida de Jesus é constituída por vários momentos de oração, como já foi mencionado, nos quais os textos bíblicos nos dizem que Ele se dirigia a Deus como *Abbá*. A expressão *Abbá*, nos lábios de Jesus, demonstra uma profunda experiência de intimidade com Deus,¹⁹¹ é uma inaudita proximidade de Deus.¹⁹² Jeremias diz que, no conjunto de orações de Jesus descrito nos evangelhos, encontra-se Ele se dirigindo a Deus como Pai, exceto no episódio da cruz no qual Ele grita “Deus meu, Deus meu, por que me abandonastes?”. Assim, Jesus ensina uma nova forma de orar, demonstrando que a oração é feita com simplicidade, carinho e na segurança de um filho para com seu Pai.¹⁹³

É interessante observar que, em sua atuação, Jesus fala sempre do Reino de Deus, exerce a sua vocação pregando que o Reino de Deus está próximo,

¹⁸⁸ FORTE, B. *Teologia da história*, p 116.

¹⁸⁹ Cf. BINGEMER, M. C., *Jesus Cristo: servo de Deus e messias glorioso*, São Paulo, Paulinas & Valência, Siquem, 2008, p 29.

¹⁹⁰ SILVA, J. A. da, *Jesus Cristo e a celebração do culto*, in MIRANDA, M. de F. (Org), *A pessoa e a mensagem de Jesus*, São Paulo, Loyola, 2002, p 109-124, p 115.

¹⁹¹ Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Jesus: a história de um vivente*, p 256.

¹⁹² MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p 222.

¹⁹³ Cf. JEREMIAS, J. *Abba*, p 86.

entretanto não se dirige a Deus como Rei e, sim, como um Pai amoroso, esclarecendo que “seu reinado não é para impor-se a ninguém pela força, mas para introduzir na vida sua misericórdia e encher a criação inteira com sua compaixão.”

¹⁹⁴ A sua relação com Deus não é de um soldado que está em missão e cumpre com as ordens do Rei, todavia é uma missão em prol do Reino de Deus que é graça e misericórdia, em que Ele obedece ao *Abbá* e não a um rei.

Jesus passou por sofrimentos e humilhações por causa do Reino de Deus que é governado pelo *Abbá* (não por um rei), porque proclamou esse Reino de graça incondicional, por viver em liberdade em relação à Lei, assim como em comunhão com “pecadores e publicanos”. ¹⁹⁵ Foi por amor ao Reino do *Abbá* que Jesus viveu os maiores tormentos que o ser humano poderia viver, a sua morte foi consequência de sua atuação em prol do Reino. ¹⁹⁶

Foi mediante esses momentos de profunda agonia e tristeza em prol do Reino de Deus que Jesus vivenciou a experiência de ouvir o silêncio como resposta do Pai. Nesses momentos em que a dor O atormentava, Ele clama “*Abbá*: se possível afasta de mim esse cálice” e, no entanto, Jesus só ouve o silêncio de Deus.

3.3.1. Kénosis: A Palavra vive o silêncio

O Prólogo de João é um salmo e não se deve buscar o seu significado no campo do gnosticismo, mas no mundo do judaísmo helenístico no qual se fala da palavra como da revelação de Deus. ¹⁹⁷ O *Logos* é a palavra comunicadora da intimidade de Deus, uma comunicação pessoal de Deus. O prólogo afirma que o *Logos* se fez *sarx*, ou seja, se esvaziou da condição de divino para assumir a forma humana, limitada. O *Logos*, a Palavra, se fez fraqueza, limitação humana. Em Jesus, Palavra de Deus, encontra-se um homem fraco e com limitações, porém que é a autocomunicação do próprio Deus. ¹⁹⁸ “O invisível, o inatingível mistério de

¹⁹⁴ PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*, p 126.

¹⁹⁵ Cf. MOLTSMANN, J. *O Deus crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*, Santo André, Academia Cristã, 2011, p 75.

¹⁹⁶ Cf. *Ibid.*, p 165.

¹⁹⁷ Cf. JEREMIAS, J., *Abba*, p 315. Nesse livro, Jeremias escreve um capítulo falando sobre o prólogo de João com o título “La palabra reveladora”. Para mais informações, consultar as páginas 305-317.

¹⁹⁸ Cf. GARCIA RUBIO, A. *O encontro com Jesus Cristo vivo*, p 151-152.

Deus se fez acessível naquilo que não é Deus”,¹⁹⁹ ou seja, em fragilidade humana. Sendo assim, “a vida de Jesus é, pois, a Palavra de Deus. E a Palavra de Deus não é outra coisa senão a vida de Jesus.”²⁰⁰

Jesus é a Palavra de Deus, fazendo com que o silêncio cesse. Entretanto, Jesus diversas vezes buscou o silêncio para cultivar a comunhão com o Pai, demonstrando ainda existir espaço para o silêncio de revelação. Para ser Palavra do Pai, Jesus teve que viver momentos de silêncio. É no silêncio que Jesus constrói a sua relação com o Pai, porque, como já foi visto, Ele se retirava para orar, ou então passava a noite sozinho em oração (Mc 1,35; Mt 14,23)²⁰¹

Segundo Silvio José Báez, Jesus, que viveu voltado para o Pai, é o único que pode revelar Deus. Sendo assim, o “ver” Deus é substituído por “ouvir” o Filho, a Palavra (*Logos*) que se deixa escutar.²⁰²

o Deus revelado em Cristo é, ao mesmo tempo, Deus invisível e silencioso, manifesto e revelado. A Palavra, o Filho, é a porta que nos introduz no abissal mistério divino, silencioso e escondido. Acolhe verdadeiramente a Palavra feita carne só quem escuta o Silêncio, do qual ela provém e o qual ela manifesta.²⁰³

A encarnação pode ser entendida como um ato que, simultaneamente, gera e retira o silêncio.²⁰⁴ Gera o silêncio porque é Deus que se silencia ao esvaziar-se no envio de sua Palavra, Jesus, revelando humildade e compaixão, graça. Ao mesmo tempo, retira o silêncio porque é a Palavra encarnada revelando o amor de Deus para com a humanidade ao assumir a condição humana, mostrando o caminho do Reino de Deus:

Cristo é o logos do Pai, ao mesmo tempo em que é seu silêncio. No momento da paixão silenciosa, revela-se completamente o mistério trinitário como nunca antes e como nunca mais se repetiria. Desde o Getsêmani até a cruz, o logos, palavra e silêncio coincidem e encontram-se no único mistério do Verbo que vem do silêncio de Deus.²⁰⁵

Moltmann defende que existe também uma *Kenosis* do Espírito que desce sobre Jesus, o Espírito se humilhou e desceu da eternidade de Deus e tomou

¹⁹⁹ SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo*, p 298.

²⁰⁰ Ibid., p 301. Jon Sobrino apresenta uma excelente interpretação do Prólogo de João nas páginas 295-302.

²⁰¹ Cf. FISICHELLA, R., *Silêncio*, p 895.

²⁰² Cf. BÁEZ, S. J., *Quando tudo se cala*, p 165-168.

²⁰³ Ibid., p 168.

²⁰⁴ Cf. RIBAR-IC, S. A., *O silêncio de Deus segundo Hans Urs Von Balthasar*, dissertação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – SP, São Paulo, 2011, p 120.

²⁰⁵ Ibid., p 17.

morada nesse vulnerável e mortal homem, Jesus. Sendo assim, o Espírito do Pai também repousa sobre Jesus, tornando-se Espírito de Cristo, que passa a ser propriedade da pessoa de Jesus que compartilha-o sobre outras pessoas.²⁰⁶

Segundo Garcia Rubio, Deus assume a condição humana, uma condição de homem servidor e, não, como um dominador, opressor, ou senhor. Ele esvaziou-se, conforme é dito no texto de Filipenses 2, não da condição divina, mas da glória que esta corresponde, vivendo uma vida frágil e mortal como a de qualquer outro ser humano.²⁰⁷

A encarnação refere-se à totalidade da vida de Jesus e não somente a seu início, deve ser vista como a história de sua unidade pessoal e comunhão com Deus.²⁰⁸ Jesus, entendido como o *Logos*, o Filho de Deus encarnado, não é uma verdade somente para contar o início de sua vida, mas o foi durante toda a sua jornada. Isso inclui a sua missão e também a sua morte na cruz. Jesus é *a* Palavra encarnada de Deus em todos os momentos, até naqueles em que se silenciou.

Jesus é a Palavra de Deus, no entanto, Jesus viveu momentos silenciosos em sua vida, sendo o silêncio a sua palavra. Entretanto, também é *a* Palavra que ouve de Deus o silêncio como resposta, tanto no Getsêmani como na cruz. É *a* Palavra de Deus que fica em silêncio e que também ouve o silêncio de Deus.

3.3.2. A relação de Jesus com o Abbá

Jesus foi um homem de oração.²⁰⁹ Suas orações não eram apenas para cumprir com um determinado ritual, era um intenso desejo de estar com o Pai, pois a sua familiaridade, sua intimidade com Deus, é refletida em sua oração, na qual, com já foi apresentado, Ele possuía o costume de chamar a Deus de *Abbá*.²¹⁰ A expressão *Abbá* nos lábios de Jesus é de extrema importância para entender a sua pessoa e sua relação com Deus.

Abbá é uma palavra aramaica, na sua origem, significa “paizinho”, possuindo um caráter infantil (uma das primeiras palavras balbuciada pelas

²⁰⁶ Cf. MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p 153.

²⁰⁷ Cf. GARCIA RUBIO, A. *O encontro com Jesus Cristo vivo*, p 145.

²⁰⁸ Cf. KESSLER, H. *Cristologia* in Schneider, T., *Manual de Dogmática*, vol I, Petrópolis, Vozes, 2000, p 393-394.

²⁰⁹ Será aprofundado aqui um tema que já foi visto no tópico anterior.

²¹⁰ Cf. BINGEMER, M. C., *Jesus Cristo*, p 29.

crianças). Contudo, sabe-se que no tempo de Jesus essa expressão já era um termo comum para indicar qualquer pai de família, sendo usado também por adultos. Para Kasper, o *abbá* era um termo infantil, linguagem corrente, tratamento de cortesia, mas, para os conterrâneos de Jesus, dirigir-se a Deus com esta expressão era desrespeito.²¹¹

O diferencial em Jesus é que, segundo alguns estudiosos, Ele inovou a expressão, usando-a para dirigir-se a Deus. Há um consenso com relação à expressão *Abbá* não ser encontrada nas literaturas rabínicas ou nas literaturas de orações do judaísmo tardio.²¹² Sendo assim, *Abbá* nos lábios de Jesus expressa uma relação única com Deus.

Nos evangelhos (grego) a palavra aramaica *abba* apenas uma vez é dita por Jesus, a saber, em Mc 14,36. Depois ocorre duas vezes em orações eclesiais de cristãos, em Gl 4,6 e em Rm 8,15. No entanto, parece constar exegética e cientificamente que Jesus tinha realmente o costume constante de chamar Deus de *abba*, e que devemos supor esta mesma palavra aramaica atrás do termo grego para “o Pai”, “Pai” ou “meu Pai” em Mt 11,25-26; 26,39.42; Lc 10,21; 11,2; 22,42; 23,34-36 (além da referência explícita a “*abba, Pai*” em Mc 14,36). [...] *Abba* é uma das palavras autênticas historicamente mais certas de Jesus.²¹³

Jesus, ao falar com Deus como um filho, revela uma relação de simplicidade e naturalidade, que vai além da plena confiança num pai, mas contém o dom do filho que se entrega em total obediência ao Pai e, ao mesmo tempo, uma afirmação de autoridade. É a certeza de possuir a revelação de Deus, pois o Pai deu a Jesus o pleno conhecimento de Deus.²¹⁴ A expressão *Abbá* sem acréscimo de qualificações como “Senhor”, “Rei”, “no céu”, indica uma profunda intimidade com Deus. Também Moltmann enfatiza que o especial da relação de Jesus com Deus está na sua oração a Deus como *Abbá*:

Para corrigir distorções posteriores, deve-se retornar constantemente à intimidade dessa oração de Jesus. Em aramaico, *abbá* é a forma de balbuciar infantil, com a qual crianças se dirigem à sua pessoa, de referência primitiva. Quer seja a mãe ou o pai, o que importa é a proximidade acolhedora e íntima, à qual se dirige a confiança infantil total. Quando Jesus se dirige a Deus como *Abbá*, conseqüentemente a tônica não está na masculinidade de um Deus pai e nem na majestade de um Deus Senhor, mas na inaudita proximidade, na qual experimenta o mistério divino. Deus lhe está tão próximo em termos de espaço quanto o Reino de Deus se “aproximou” por meio dele em termos de tempo. O Reino está tão

²¹¹ Cf. KASPER, W, *Jesus, el Cristo*, p 98.

²¹² Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Jesus: a história de um vivente*, p. 251. JEREMIAS, J., *Abba*, p 66, afirma não existir dúvidas sobre a ausência dessa expressão no conjunto de texto das orações judaicas.

²¹³ *Ibid.*, p 252- 253.

²¹⁴ Cf. JEREMIAS, J., *Abba*, p 70-71.

próximo que se pode dizer *Abbá* para Deus, e se é possível dizer *Abbá* para Deus, então seu Reino já está aí.²¹⁵

É esta inaudita proximidade de Deus e do Reino de Deus que está revelada na oração de Jesus ao *Abbá*. É esta relação com o Pai que o direciona na construção do Reino de Deus. Mas, é interessante ressaltar que em nenhum texto do Segundo Testamento Jesus emprega a si mesmo o termo *filho*,²¹⁶ nem mesmo o termo *príncipe*, Ele apenas usa o termo “Filho do homem” para referir a si mesmo.

Para Garcia Rubio, as palavras confiança e fidelidade expressam bem a relação de Jesus com o *Abbá*, sendo que ele distingue três etapas para o amadurecimento dessa relação: 1) o primeiro momento ocorre em Nazaré, durante os anos de sua vida comum (a chamada vida oculta de Jesus), na qual a oração pessoal e comunitária, a familiaridade crescente com a Torá, a meditação sobre a história de Israel tiveram forte influência em seu desenvolvimento; 2) a segunda etapa começa com a experiência do batismo no Jordão, no qual se ouve a voz de Deus dizendo que Jesus é “o meu filho amado”, dando início à primeira parte da vida pública de Jesus, em que o povo o segue e fica admirado com sua autoridade, com a coragem que desmascara os hipócritas, bem como sua dedicação aos menos favorecidos; nesse momento, Jesus é acolhido e amado pelo povo, logo, sua relação com o Pai é de alegria, pois vê que o povo acolhe o Reino de Deus, Ele vive com alegria a fidelidade de anunciar e concretizar o Reino de Deus; 3) e a terceira etapa inicia-se com a crise da Galileia (aproximadamente da metade para o final da sua atuação pública), que acontece porque Jesus percebe que o povo não estava entendendo a proposta do Reino, queria colocá-lo como rei e não aceitou ou não assimilou o caminho do messianismo de serviço; com isso, Jesus vai ficando sozinho. É nesse último momento que Jesus vive a experiência do abandono e da traição (o horto das Oliveiras e a cruz constituem os momentos significativos dessa experiência), é o momento de tremenda angústia, e os seus amigos não conseguem acompanhá-lo (adormecem) e até o Pai parece guardar silêncio, porque Jesus clama por Ele e Ele nada responde.²¹⁷

²¹⁵ MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p 222-223.

²¹⁶ O distanciamento em “meu Pai que é vosso Pai” (Jo 20.17), segundo SCHILLEBEECKX, é teologia pós-pascal cf. SCHILLEBEECKX, E., *Jesus: a história de um vivente*, p 253.

²¹⁷ Para mais informações sobre o progressivo amadurecimento da relação de Jesus com *Abbá* descrito em três etapas, consultar GARCIA RUBIO, A. *O encontro com Jesus Cristo vivo*, p 82-86.

Podemos concluir que a experiência de Deus é vivida por Jesus não na fuga da história, mas no próprio coração do seu dinamismo. É no desenrolar da história que Jesus vai amadurecendo e aprofundando sua relação com o Pai, com o Deus sempre maior, para além do pensamento, dos sonhos, desejos e utopias do coração humano, numa experiência por vezes desconcertante e imprevisível, não domesticável nem manipulável pelo ser humano. Jesus passou pela “noite escura do espírito”, usando a expressão de S. João da Cruz, a noite do horto das Oliveiras, na experiência do silêncio de Deus. Acrescentemos que se trata de uma experiência necessária para a purificação da imaginação, do sentimento, da inteligência e do coração de todo cristão que vive de maneira mais profunda o encontro com o Deus de Jesus de Nazaré.²¹⁸

Ao usar a expressão *Abbá*, Jesus mostra que Deus está próximo do ser humano em amor,²¹⁹ sentindo e experimentando Deus como um Pai querido e amado. Há uma profunda intimidade com o *Abbá* que pode ser detectada na oração de Jesus ao declarar “que não seja feita a minha vontade, mas a tua” em momento de intensa dor e tormento. Mesmo em seu momento de dor e angústia, Ele se dirige a Deus como Pai e decide fazer a vontade do Pai, tal feito revela a sua aproximação e confiança no Pai, mas também revela a sua condição de ser humano que vive a dor da frustração, do abandono e da traição para se manter fiel à vontade do Pai que o ama e a quem Ele ama.²²⁰ Sendo assim, mesmo em meio a essa linda e bela relação com o seu *Abbá*, Jesus vive profunda dor, na qual clama por Deus *Abbá* e só encontra o silêncio como resposta. “Com a prece de Jesus no Getsêmani começa o silêncio de Deus sobre sua morte.”²²¹

3.3.3. O abandono do Filho no silêncio do Pai

Segundo Moltmann, o grito de Jesus na cruz é uma ferida aberta para toda e qualquer teologia cristã,²²² ainda mais se se levar em consideração o fato de Jesus se relacionar, se dirigir a Deus como *Abbá* e, no seu momento de morte, não clamar pelo *Abbá* e, sim, pelo Deus de Israel com o grito: Deus meu, Deus meu, por que me abandonastes?²²³

²¹⁸ GARCIA RUBIO, A. *O encontro com Jesus Cristo vivo* p 86.

²¹⁹ Cf. KASPER, W, *Jesus, el Cristo*, p 98.

²²⁰ Cf. BINGEMER, M. C., *Jesus Cristo*, p 31.

²²¹ MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p 258.

²²² Cf. *Ibid.*, p 258.

²²³ Schillebeeckx afirma que, a respeito das palavras de Jesus na cruz, a única informação que se sabe historicamente é o fato Dele ter gritado em voz alta, mas não exatamente quais foram as suas palavras. Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus: a história de um vivente*.

Mc 15,34 expressa-o com as palavras iniciais do Salmo 22: “Meu Deus, porque me desamparaste? A ideia de que a última palavra de Jesus ao Deus que ele tinha invocado como *Abbá*, Pai querido, tivesse sido: “Tu me abandonaste”, dificilmente se poderia ter arraigado no cristianismo, se essa palavra terrível não tivesse sido pronunciada de fato, ou, ao menos, não pudesse ter sido ouvida no grito de morte de Jesus.[...] O passo do Getsêmani (Mc 14, 32-42) reflete o assustador eclipse de Deus no qual Jesus morreu: Jesus começou a “sentir-se tomado de pavor e de angústia”, escreve Marcos. Começou a entristecer-se e a angustiar-se”, relata Mateus. “Minha alma está triste até a morte”, traduz Lutero.²²⁴

Jesus que, em diversas vezes se retirou para falar com Deus, para conversar a sós com o *Abbá*, pede para que os discípulos vigiem com Ele, demonstrando não querer ficar sozinho com Deus e pedindo ajuda dos amigos. Nesse momento, a sua oração parece não ser ouvida, de forma que a comunhão com Deus parece ter sido rompida. Mas, os seus amigos/discípulos também não conseguem dar o suporte de que Jesus precisava, pois estavam em sono profundo. Assim, Jesus, abandonado por Deus e pelos discípulos, cai por terra. No entanto, Moltmann esclarece que Jesus mantém a unidade na separação por meio da autorrenúncia ao dizer para ser feita a vontade do Pai.²²⁵

Segundo Schillebeeckx, o Pai não interveio, e Jesus não encontrou nenhuma ajuda daquele a quem Ele se manteve fiel, e cuja causa Ele defendia. Torna-se difícil negar a luta interior de Jesus, entre a sua consciência de ter sido enviado, ser um com o Pai (Jo 10.30), e, ao mesmo tempo, viver o silêncio externo do Pai, o sentimento de abandono, a quem ele chamava de *Abbá*, em seu momento de maior dor.²²⁶ Mas, Jesus se manteve fiel à missão, mesmo mediante a sua luta interior, e continuou a confiar no Pai, pois, ao morrer, declara, “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.” (Lc 23.46).

Jesus fica em silêncio diante do processo, do interrogatório, e só o quebra quando é questionado sobre sua messianidade e retorna ao silêncio, o qual é novamente interrompido, no entanto, dessa vez, com um grande grito de amargura: “Deus meu, Deus meu, por que me abandonastes?”, revelando que sua queixa não é contra seus inimigos, mas ao próprio Pai que permanece em silêncio.²²⁷

²²⁴ MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p 257. A Nova Bíblia Inglesa (New EnglishBible) traduziu o texto de Marcos com “meu coração está preste a se romper de dor.” Cf. MYERS, C, *O Evangelho de São Marcos*, p 435.

²²⁵ Cf. MOLTSMANN, J. op. cit., p 257-258.

²²⁶ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus: a história de um vivente*, p 312.

²²⁷ Cf. WENZEL, J, I, *Pedagogia de Jesus segundo Marcos*, p 148-149.

Toda essa dor e sofrimento, o abandono no silêncio do Pai, suscita a questão: porque Jesus tinha que morrer? Qual a interpretação da morte de Jesus?²²⁸ Existem duas possibilidades de interpretação da cruz de Cristo: uma é entender o seu fim violento no contexto de suas ações, de sua atuação, considerando a trajetória de sua vida e pregação, ou compreender a sua cruz no contexto de fé na ressurreição do cristianismo primitivo.²²⁹ Ao relacionar sua morte com sua atuação, entende-se que Jesus morre porque sua atuação foi contrária à de seus contemporâneos, que se sentiram provocados pelo seu modo de vida. Sendo assim, sua morte é consequência de suas ações. No entanto, a sua morte também precisa ser entendida na perspectiva da relação com Deus, com o *Abbá*. Somente quando nos deparamos com o abandono por parte de Deus e Pai (cuja proximidade ele anunciou) é que se pode entender as especificações de sua morte.²³⁰

Por que Jesus morreu? Ele não morreu só por causa da compreensão da Lei de seus contemporâneos, e não apenas por causa da política de poder dos romanos, mas ele definitivamente morreu por causa de Deus e Pai. O tormento nos seus tormentos foi esse abandono de Deus. Ele nos leva a precisar compreender, no contexto de sua vida, o evento da cruz como um evento entre Jesus e seu Deus e Pai e, inversamente, entre seu Pai e Jesus.²³¹

Sendo assim, a sua morte foi por causa de Deus, por causa do Pai (*Abbá*) que Ele apresentou para sua sociedade, por sua fidelidade ao projeto do Reino de Deus, foi por causa desse Deus próximo e que está a favor dos menos favorecidos que Jesus morreu. Jesus “entendeu e viveu a sua morte como último e extremo *serviço* à causa de Deus como causa da humanidade.”²³² Fica evidente que Jesus encontra a chama de sua paixão e morte no texto de Isaías 53, o Servo Sofredor,

²²⁸ Não há a intenção de se fazer um levantamento de tudo o que foi falado a respeito da morte de Jesus, apenas realizar alguns apontamentos para um breve esclarecimento.

²²⁹Cf. MOLTSMANN, J, *O Deus crucificado*, p 164. Moltmann, em seu livro *O Deus crucificado*, desenvolve melhor seu pensamento, em três tópicos, para relacionar a morte de Jesus com sua vida, um desses recebe o título “Jesus e Deus: o abandonado por Deus”, em seguida, em mais quatro tópicos, para explicar sua morte no contexto da ressurreição por Deus. Para mais informações, consultar *Ibid.*, p 163-244.

²³⁰ Cf. *Ibid.*, p 192.

²³¹ *Ibid.*, p 193.

²³² SCHILLEBEECKX, E., *Jesus: a história de um vivente*, p 305.

ao afirmar, em suas palavras eucarísticas, que seu sangue é derramado por muitos (Mc 14.24). É a morte vicária do servo sofredor.²³³

Moltmann alerta que o Pai abandonou o filho por nós, para tornar-se Pai dos abandonados e “entregues” por meio dele, e isso também transforma Deus. Desse modo, é possível perceber que, na entrega do Filho, o Pai também se entrega, mas não da mesma forma. Deus Pai sente a dor²³⁴ da morte do Filho no imenso amor pelo Filho, enquanto que o filho sofre pelo morrer em abandono. Todavia, também se sabe que o Filho não foi apenas entregue pelo Pai, Ele também entregou a si mesmo (Gl 2.20). Ele se autoentrega, assumindo a sua paixão pelo Pai, em obediência ao Pai.²³⁵ “Isso significa que há uma conformidade da vontade do Filho que é entregue com a vontade do Pai que entrega.”²³⁶

Na cruz Pai e Filho estão separados a ponto de interromperem suas relações. Jesus morreu “sem Deus”. Ao mesmo tempo, Pai e Filho estão tão unidos na cruz que chegam a representar um só movimento de entrega. Ao Gólgota se aplica de modo especial o dito: “Quem vê o Filho, vê o Pai” (Jo 14,9). [...] A entrega do Pai e do Filho acontece “pelo Espírito”. O Espírito Santo é unidor na separação.²³⁷

O estar abandonado por Deus foi a última experiência que Jesus viveu de Deus na cruz, por se manter em fidelidade àquele que o enviou, morrendo “a morte do filho de Deus em abandono de Deus”.²³⁸ Jesus morre como um humano que se sente abandonado pelo Pai. Mas, na verdade, o Pai se faz presente junto ao Filho e também sofre. Mas, então por que não respondeu ao grito do Filho? Por que Jesus teve que viver o silêncio de Deus como resposta mediante o seu sofrer? Moltmann responde que, no abandono do Filho, o Pai também se abandona, o sofrimento do Filho também é seu, a morte de Jesus também significou a sua

²³³ Cf. JEREMIAS, J. *Abba*, p 283-289. Schillebeeckx diz que “a forma original da história da paixão foi esboçada segundo o tema do “justo sofredor”. Mas, a partir da redação de Marcos, e ainda mais claramente em Mateus e Lucas, esse tema ficou em segundo plano.” SCHILLEBEECKX, E. *Jesus: a história de um vivente*, p. 285. Também é possível encontrar informações sobre o Servo sofredor com relação a Jesus no livro de BINGEMER, M. C. *Jesus Cristo*, p 106-110.

²³⁴ Desenvolver-se-á mais enfaticamente o sofrimento de Deus na cruz no tópico 3.4.1. O sofrimento de Deus na cruz.

²³⁵ Cf. MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p 266-274.

²³⁶ *Ibid.*, p 268.

²³⁷ *Ibid.*, p 269. Moltmann afirma que: “Paulo interpretou o evento do abandono de Deus na cruz como entrega do Filho, e a entrega do Filho como amor de Deus. O que é amor de Deus, “do qual nada nos pode separar” (Rm 8,39), isso aconteceu na cruz de Jesus Cristo e é experimentado sob a cruz. O Pai, que envia seu Filho a todos os abismos e infernos do abandono de Deus, da solidão e da destruição, está presente no Filho em todas as partes juntos aos seus e, portanto, se tornou onipresente.” *Ibid.*, p 269.

²³⁸ *Ibid.*, p 259.

morte para Deus, seu Pai.²³⁹ Deus viveu esse momento como um Pai que perde o seu Filho, e, como se sabe, o sofrimento emudece as pessoas.

Jesus, em seus maiores momentos de agonia e angústia, clama ao Pai que, se possível, passasse dele o cálice, porém não há nenhuma resposta de Deus na narrativa bíblica. No entanto, Jesus prefere continuar a obedecer, a confiar no Pai optando por fazer a Sua vontade e não a dele. Já na cruz, Jesus se considera abandonado pelo Pai que não responde o seu questionamento com nenhuma palavra, permanecendo em silêncio. Sente-se abandonado pelo Pai, por não lhe ter afastado o cálice. Mas, como já foi apresentado, Deus permanece em silêncio porque sofre junto ao filho, sofre a morte do filho querido e, diante da perda, as palavras não são suficientes para expressar a dor. Jesus no final de sua vida terrena encontra no Pai apenas o silêncio.

Isso demonstra que nem sempre o Deus *Abbá* - que está próximo, de íntima relação, que é comunhão, carinho e confiança - irá responder os questionamentos dos seus filhos com uma palavra, entretanto, com certeza não o deixará sem resposta, não o deixará abandonado, responderá com uma de suas profundas respostas: o silêncio. Talvez, seja uma de suas respostas que mais necessite de comunhão, de intimidade, porque somente em profunda relação de amor e comunhão com o Pai essa resposta se tornará compreensível.

O Silêncio divino, do qual procede a Palavra, se torna acessível no evento da cruz. O silêncio do Pai, que abandona o Filho e o entrega à morte, e o silêncio do Filho, que em amorosa obediência aceita a própria morte, são expressões de uma superabundância de amor, que excede toda capacidade humana de amar. O abandono total do Filho nas mãos do Pai, no silêncio lacerante do abandono e da morte na cruz, enche de sentido o tempo da escuridão e do silêncio de Deus. Naquele sim mortal no qual Jesus de Nazaré assume o pecado do mundo, realiza-se a comunhão infinita do amor entre o Pai e o Filho.²⁴⁰

Jesus morre em abandono por Deus para fazer com que os outros seres humanos que estão “abandonados” se compreendam como filhos de Deus, amados. Jesus vive o silêncio do Pai em meio à profunda dor, nesse momento, o silêncio de Deus parece ser de afastamento, de distância, de separação, mas na verdade torna-se momento de maior comunhão entre o Pai e o Filho, no qual realmente se concretiza: “Eu e o Pai somos um.” O silêncio de Deus na cruz é a

²³⁹ Cf. MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p 272-273.

²⁴⁰ BÁEZ, S. J. *Quando tudo se cala*, p 172.

expressão de um profundo e intenso amor, que as palavras não são capazes de expressar.

3.4.

Significado do silêncio de Deus: “Ausência” como presença solidária

Desde o Primeiro Testamento, Deus fala com seu povo, está atento à sua oração, porém algumas vezes tem se esquecido que esse Deus que fala é o mesmo que silencia, é um Deus que também fala através do silêncio. Tendo em vista a narrativa da criação, antes de Deus dizer o que seria criado pela sua palavra, existia o silêncio, de forma que antes da palavra ser dita não existia somente a falta de palavras, mas a indizibilidade da palavra. Sendo assim, esse silêncio originário representa Deus que está para além da palavra, além da conceituação humana.²⁴¹

Uma narrativa que mostra claramente Deus falando com o silêncio é o texto de Elias no monte Horeb, onde ocorrem fenômenos da natureza que podem ser sentidos pelo ouvido; no entanto, Deus não estava lá e, sim, um sutil silêncio de uma brisa. Quando Elias percebe esse silêncio:

Cobre o rosto (1Rs 19,13), ou seja, o profeta, habituado a encontrar Deus na palavra, reconhece agora a presença do Senhor no silêncio: “Quando Elias o ouviu, cobriu o rosto com o manto”. No texto é negada uma modalidade conhecida de revelação divina para afirmar outra, paradoxal e misteriosa: a presença de Deus no silêncio. O Deus da palavra se mostra na ausência, na não palavra, na falta de qualquer fenômeno sonoro. Esse silêncio é qôl, voz, som. É um silêncio que “diz”, que misteriosamente “fala”. No “calar-se” de Deus se torna presente o seu “dizer”.²⁴²

Deus ficou em silêncio em diversos momentos na história do povo de Israel, um silêncio que dizia mais do que as próprias palavras, como no caso de Elias. O silêncio é uma forma de Deus falar com o seu povo e assim também falou com o seu Filho Jesus, com aquele que é o *Logos* de Deus. O silêncio de Deus para com Jesus, no Getsêmani e na cruz, é de grande importância para descobrir quem é o Deus de Jesus. Mas o que Deus está dizendo quando fica em silêncio?

O silêncio de Deus pode ser interpretado de várias formas, o que determinará é a situação em que ocorre. Uma das possíveis interpretações é a

²⁴¹ Cf. BÁEZ, S. J., *Quando tudo se cala*, p 119.

²⁴² *Ibid.*, p 124.

expressão do imenso amor e respeito de Deus para com o ser humano, porque Deus ouve o ser humano sem interrompê-lo, silencia-Se para ouvir a oração do indivíduo. Como em uma boa e agradável conversa acontece na qual alguém fala e o outro ouve, a conversa com Deus também pode ser assim. Ele também se cala para escutar o ser humano. Não é um Deus impositor, tirano, que fica a todo tempo falando, dando ordens, sem nunca parar para ouvir a súplica dos seus filhos/as. Como diz Ballester:

o silêncio de Deus não é um silêncio vazio, apenas é o momento do silêncio na profundidade do colóquio. Por isso, quando Deus se cala ou fala, sempre é o mesmo Pai, o mesmo coração paterno, quando nos guia com sua voz e nos eleva com seu silêncio.²⁴³

O silêncio de Deus é um ato de amor, amor para com os seus filhos que se põem a dialogar, que desejam um encontro profundo de intimidade com o Deus *Abbá*. Mas, também pode ser entendido como um momento de abandono, assim como foi com Jesus. O ser humano clama a Deus e não ouve nenhuma resposta, apenas o silêncio e logo pensa estar abandonado, mas Deus não o abandona, assim como não abandonou Jesus. O ser humano procura por Deus de diversas maneiras, porém tem dificuldade de compreendê-lo, de encontrá-lo em meio ao silêncio. É preciso entender que o silêncio de Deus não é vazio e é repleto de sentido.

Entretanto, diante disso, surge a pergunta: Por que Deus ficou em silêncio diante do sofrimento do Filho Jesus, por que não interveio? Primeiramente é importante esclarecer que não se tem a pretensão de obter a resposta a essa pergunta, que só será respondida satisfatoriamente na parusia, mas apenas realizar alguns apontamentos que possam trazer esclarecimentos para a caminhada cristã a respeito desse assunto, tendo como ponto de partida que o silêncio de Deus de forma alguma é de indiferença, ou de ausência, é o silêncio de amor, que se solidariza com as vítimas, e de indignação com as injustiças. Para tal, a presente pesquisa se apoiará na argumentação de Jürgen Moltmann e Jon Sobrino.

3.4.1. O Sofrimento de Deus na Cruz

É comum ouvir justificativas sobre a não existência de Deus devido ao seu silêncio diante das injustiças desse mundo. Muitos se perguntam onde está Deus

²⁴³ IZQUIERDO, C., *Palabra (y silencio) de Dios*, p 15.

diante da dor e do sofrimento humanos. O tema do silêncio de Deus está muitas vezes relacionado com o “mundo sem Deus.” Mas, “Deus está mais presente (...) quando se está em silêncio (...) Deus dá-lhe mais quando está ausente.”²⁴⁴

O silêncio de Deus de maior destaque é o que se encontra na narrativa bíblica de Jesus na cruz, em que Ele clama ao Pai dizendo: “Deus meu, Deus meu, porque me abandonastes?” Não são raras as ocasiões em que o ser humano, filho/a de Deus, sente-se abandonado por Ele, como Jesus. Há momentos em que o cristão clama ao Pai em sua angústia, em seu sofrimento e, assim como Jesus, não obtém nenhuma resposta. Nessa questão, Jürgen Moltmann afirma que:

Deus sofreu com Jesus, Deus mesmo morreu em Jesus por nós. Deus está na cruz de Jesus, por nós e se faz nele Deus e pai dos ímpios e abandonados[...] Deus morreu, para que pudéssemos viver. Deus se fez o Deus crucificado, para que nos tornássemos livres filhos de Deus [...] Na paixão do Filho, o próprio Pai suporta a dor do abandono. Na morte do Filho, a morte recai sobre o próprio Deus, e o Pai suporta a morte de seu filho por causa do seu amor aos homens abandonados.²⁴⁵

Deus estava com Jesus na cruz, Deus foi crucificado em Jesus, o sofrimento do Filho era seu sofrimento, o abandono do Filho também era o seu sentimento de abandono.²⁴⁶ O silêncio de Deus é uma resposta às injustiças, é solidário, mas também é de indignação. É o silêncio de quem sofre e, ao mesmo tempo, de quem está indignado diante das injustiças, da violência. É o silêncio de solidariedade para com os seres humanos que sofrem injustiças causadas por outros seres humanos.

Na cruz, o Pai não se apresenta como um Deus “todo-poderoso Pai dominador” ou um Deus apático ou causador do sofrimento, Ele se apresenta como um Pai amoroso que sofre a dor da morte e da injustiça. Não se pode pensar que Deus é responsável pelo sofrimento de Jesus por tê-lo entregado à morte, porque Jesus também se entrega. Segundo Moltmann, “é pura insensatez pensar que ‘uma pessoa da Trindade teria sofrido e que a outra o teria provocado’. Se fosse assim, não se poderia falar da ‘dor de Deus’ que está na origem dos

²⁴⁴ SAVIGNANO, A. *Henri Bremond: inquietudine religiosa e silenzio di Dio*, in *Il silenzio e La parola da Eckhart a Jabès*, Brescia, Morcelliana, 1987, p 165.

²⁴⁵ MOLTMANN, J. *O Deus Crucificado*, p 240.

²⁴⁶ Moltmann afirma ser necessário falar do evento da cruz em dimensão trinitária para que se possa entender o paradoxo do Deus que está “morto” e que, na verdade, não está. É preciso entender o ser de Deus trinitário e pessoalmente adotando elementos da verdade *quenótica*. “Morte de Jesus não pode ser compreendida como ‘morte de Deus’, mas somente como a morte *em Deus*.” *Ibid.*, p 245-256.

sofrimentos de Cristo”.²⁴⁷ Deus entrega Jesus, no entanto, Jesus também se entrega. O ponto central é o amor que se entrega e o amor que renuncia a si mesmo.²⁴⁸

Há questionamentos sobre a possibilidade de Deus sofrer ou não, se um Deus que pode sofrer seja digno de ser chamado de Deus. Todavia, o Deus de Jesus sofre a dor da morte de seu amado Filho e, mesmo assim, continua digno de ser chamado de Deus, pois somente quem ama pode sofrer, e não há amor maior no mundo do que entregar seu Filho e se entregar numa cruz pela humanidade. Moltmann assegura que:

Há o sofrimento involuntário, há o sofrimento aceito e há o sofrimento do amor. Se Deus fosse incapaz de sofrer em qualquer aspecto e, portanto, em um sentido absoluto, então ele também seria incapaz de amar. Se amor é aceitação do outro sem considerar o seu próprio bem-estar, então, ele contém em si mesmo a possibilidade da compaixão e da liberdade de suportar a alteridade do outro. A incapacidade de sofrer, nesse sentido, contradiria a afirmação cristã fundamental de que “Deus é amor” [...] Quem é capaz de amar também é capaz de sofrer, pois, este também se abre aos sofrimentos acarretados pelo amor, mantendo-se por causa do seu amor, superior a eles.²⁴⁹

Sendo assim, Deus é Deus e se sujeita a sofrer por amor aos seus filhos. Um Deus que diante dos seus filhos não seja capaz de sofrer não seria Deus e, sim, um demônio.²⁵⁰ Deus e sofrimento não são contraditórios; o ser de Deus está no sofrimento e o sofrimento está no próprio ser de Deus, porque, segundo a Carta de João, Deus é amor e, assim, o próprio Deus ama e sofre a morte de Cristo em seu amor, ou seja, “ele não é um poder celestial frio, nem trilha o seu caminho sobre cadáveres, mas é conhecido como o Deus humano no Filho do Homem crucificado”.²⁵¹ Sobrino defende que a relação Deus-sofrimento deve ser assumida como uma condição de possibilidade para expressar a realidade última de Deus, em seu *conteúdo* que Deus é amor, bem como em sua *formalidade* que compreende Deus como mistério.²⁵²

O silêncio de Deus na cruz não é apenas a sua crítica ao mundo, é também sua solidariedade para com ele, sua demonstração de amor. Deus estava presente com Jesus na cruz, estando ao mesmo tempo ausente, de forma que estava ausente

²⁴⁷ MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p 275.

²⁴⁸ Cf. Id., *O Deus Crucificado*, p 239.

²⁴⁹ Ibid., p 288.

²⁵⁰ Afirmação de Moltmann ao falar de uma pessoa a ser enforcada e que se questiona onde está Deus. Ibid., p 348.

²⁵¹ Ibid., p 284.

²⁵² Cf. SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo*, p 396, grifo do próprio autor.

para Jesus e estava presente para os seres humanos ao se tornar também um abandonado no Filho. “É essa dialética presença e ausência que explica em linguagem humana que Deus é amor. A cruz é contradição aos seres humanos, mas a partir de uma última solidariedade com eles.”²⁵³ Deve-se pensar o evento da cruz como um ato de amor, solidariedade, indignação devido à violência e à injustiça da sociedade.

O fato de o sofrimento afetar a Deus exprime, então, a superação do deísmo e da apatheia dos deuses, mas a partir das vítimas exprime algo mais radical: a possibilidade em Deus não só de salvar a criatura que sofre, mas de salvá-la à maneira humana, mostrando solidariedade com ela. Exprime a possibilidade de ser um Deus-conosco e um Deus-para-nós, embora para isso o próprio Deus se autodetermine a ser também um Deus-à-mercê-de-nós.²⁵⁴

Deus se silencia diante do sofrimento dos seus Filhos/as demonstrando que está ao lado das vítimas e marginalizados da sociedade atual. Não é omissão, é solidariedade e compaixão. Sendo assim, o Pai se revela na cruz mediante o seu silêncio como um Deus solidário, que é amor e que está à mercê das escolhas do ser humano.

A resposta de Deus no momento da dor e sofrimento de Jesus foi o silêncio, o silêncio de solidariedade, porém, que obteve pleno significado, sentido, na ressurreição de Jesus. O Pai viveu o sofrimento da morte do seu Filho Jesus, não impediu que os seres humanos escolhessem assassiná-lo, no entanto, não deixou que a história terminasse assim e protesta contra a morte de Jesus ressuscitando-o dentre os mortos, trazendo uma esperança escatológica. O silêncio de Deus é de quem se solidariza com seu Filho e com todos os marginalizados da história, mas também é um silêncio de quem traz o sentimento de esperança para os injustiçados, assim como para os malfeitores.

Deus silencia diante do sofrimento do seu Filho, que foi rejeitado por amor a Ele e ao Reino de Deus. Ou seja, o silêncio de Deus também é o silêncio de quem sofre a rejeição porque não rejeitaram simplesmente a Jesus, rejeitaram a sua mensagem que provinha de Deus. O Deus solidário que se revela na cruz não é meramente um Deus que se faz presente junto ao que sofre, é o que faz do

²⁵³ SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina: esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*, Petrópolis, Vozes, 1983, p 234.

²⁵⁴ Id., *A fé em Jesus Cristo*, p 140.

sofrimento do outro o seu próprio sofrimento, assim como foi com Jesus, de forma que “onde sofremos porque amamos, Deus sofre conosco.”²⁵⁵ Portanto:

Qualquer um que entra no amor e pelo amor experimenta o sofrimento inescapável e a fatalidade da morte, entra na história do Deus humano, pelo seu abandono é preservado por ele no abandono de Cristo e, desse modo, pode continuar amando, não precisando desviar-se do negativo e da morte, mas podendo suportar a morte.²⁵⁶

Com “Deus-à-mercê-de-nós”, o ser humano participa ativa e passivamente do sofrimento de Deus, ao rejeitar a sua mensagem, ao desprezar os filhos de Deus proporcionando dor e sofrimento, agindo injustamente para com os seus semelhantes. Assim como o ser humano é participante da alegria de Deus ao se solidarizar com os que precisam, amando e ajudando os seus semelhantes. Pode-se dizer que o silêncio de Deus na cruz não é de apatia, mas é um grito por justiça e solidariedade para com os que sofrem. É importante lembrar que a solidariedade de Deus para com os que sofrem não serve como justificativa para provocar sofrimentos uns aos outros, por isso, Moltmann declara que Auschwitz e outros lugares sombrios não são justificáveis porque a cruz é o começo da história trinitária de Deus.²⁵⁷ Também é necessário falar que não é uma apologia ao sofrimento, nem solidariedade com o sofrimento, mas, sim, com os que sofrem. Não é a questão de ter de sofrer, o sofrimento em si não é salvador nem libertador.

3.4.2. Encontro com Deus silencioso

No pensamento moltmaniano, Jesus morreu como abandonado pelo Pai. No entanto, Jesus sofre em solidariedade com os seres humanos, em substituição para muitos e em antecipação para toda a criação sofredora. Os seus sofrimentos não são seus sofrimentos pessoais, são sofrimentos apocalípticos que Ele sofre pelo mundo. A morte de Jesus no Gólgota é a antecipação do fim do mundo presente e do começo do novo mundo.²⁵⁸ “Ele experimentou os sofrimentos apocalípticos não apenas como pessoa particular da Galileia, não apenas como Messias, mas

²⁵⁵ MOLTMANN, J. *O Deus Crucificado*, p 318.

²⁵⁶ *Ibid.*, p 320.

²⁵⁷ *Cf. Ibid.*, p 353-354.

²⁵⁸ *Cf. Id.*, *O caminho de Jesus Cristo*, p 236-248

também como Cabeça e Sabedoria de toda a criação e morreu pela nova criação de todas as coisas.”²⁵⁹

Com os sofrimentos de Cristo, que são decorrência de sua atuação em prol do Reino, há uma antecipação da nova criação, por isso se fala que o dia da ressurreição é o “oitavo dia” por ser o primeiro dia da nova criação.²⁶⁰ A ressurreição de Jesus não deve ser entendida apenas como ato histórico e escatológico, deve ser entendida também como o primeiro ato da nova criação do mundo, por ser também um acontecimento cósmico.²⁶¹ Dado que Deus permanece em silêncio durante os sofrimentos de Cristo, pode-se pensar que no início da nova criação Deus está em silêncio, pois na ressurreição não há palavras da parte de Deus. No princípio, Deus criou a partir de sua Palavra que rompe o silêncio do universo; no entanto, no romper da nova criação com a ressurreição, Deus parece como que em silêncio, ou seja, na nova criação Deus estava em silêncio solidário com Cristo em seus sofrimentos e como ato silencioso de amor ressuscitou a Jesus. Entende-se que a criação de Deus é contínua, pois:

A criação continuada é a história da criação que continua. Neste criar histórico “Deus renova a face da terra” (Sl 104,30) com vista à recriação definitiva de todas as coisas. Ele faz justiça aos injustiçados, exalta os humildes e cumpre suas promessas em experiências históricas. O que se experimenta desta forma no mundo humano, no agir criador e redentor de Deus, tem suas correspondências ocultas no mundo da natureza. No mundo da natureza não se reconhece apenas um agir preservador, mas também uma ação inovadora de Deus.²⁶²

Assim sendo, o ser humano também pode encontrar Deus na natureza, na sua ação criadora da natureza. O indivíduo encontra dificuldade de reconhecer Deus nas simples coisas, como, por exemplo, no silêncio de uma brisa, ou numa bela paisagem do campo, ou do mar, bem como em uma linda flor.²⁶³ O ser humano precisa aprender a encontrar Deus na nova criação silenciosa. Para ouvir Deus, não necessariamente é preciso ter palavras, basta apenas meditar a partir de sua (re)criação silenciosa.

²⁵⁹ MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p 241.

²⁶⁰ Cf. *Ibid.*, p 380.

²⁶¹ Cf. MOLTMANN, J. *Quem é Jesus Cristo para nós hoje?*, Petrópolis, Vozes, 1997, p. 84.

²⁶² *Id.*, *O caminho de Jesus Cristo*, p 431.

²⁶³ O próprio Jesus ensinou ao povo a partir da natureza, como no caso em que Ele fala dos lírios que se vestem bem, ou dos pássaros que não plantam, mas tem seu alimento de acordo com Mateus 6.25-34.

A ressurreição ²⁶⁴ é um momento que pode ser visto na perspectiva do silêncio de Deus. Nesse caso, o silêncio de Deus é de indignação, de protesto contra a injustiça feita ao seu filho. Tanto na crucificação como na ressurreição Deus aparece como que em silêncio. Na ressurreição de Lázaro, Jesus clama com grande voz dizendo: “Lázaro sai para fora” (Jo 11.43), entretanto, em sua ressurreição, de acordo com as narrativas bíblicas, Deus não pronuncia nenhuma palavra, apenas ressuscita Jesus. Logo, a vida nova pode ser entendida como sua palavra.

Moltmann enfatiza que o que aconteceu em Jesus entre sua morte no Gólgota e suas aparições ninguém viu, de forma que não há testemunhas oculares para o processo do ressuscitamento de Cristo na sepultura. Não há nenhuma descrição de como aconteceu a ressurreição de Jesus, e a mensagem da ressurreição resistiu porque foi comprovada a ausência do corpo de Jesus na sepultura. Mas, Moltmann também afirma que “a proclamação do ressuscitamento de Jesus dentre os mortos não é uma interpretação da sepultura vazia. A sepultura vazia apenas nos foi transmitida como sinal exterior da ressurreição de Jesus.” ²⁶⁵

Há uma diferenciação do conceito “ressuscitação dentre os mortos” do “ressuscitou dentre os mortos”. A primeira ressalta o agir exclusivo de Deus no Jesus morto, colocando-o na mesma condição dos demais mortos, enquanto na segunda menciona a ação de Cristo por iniciativa própria acentuando o seu poder divino. Contudo, é preciso lembrar que esses conceitos se sobrepõem, pois quem é ressuscitado precisa se levantar e quem é ressuscitado precisa primeiro ser acordado. Assim, aplicam-se ambos os conceitos para compreender a relação pericorética do Pai com o Filho. ²⁶⁶ A ressurreição acontece no amor de Deus pelo seu Filho.

A esperança da ressurreição da carne viva e animada no amor carrega o amor através de suas chagas e através de seu morrer e não permite que ela resigne. O amor, por força da qual se “semeia” aqui, e a ressurreição, por força da qual se “colhe” lá, são dois aspectos da mesma coisa. O que lá se chama de “ressurreição da carne” aqui se chama “amor que anima a carne” [...] por isso o amor é a força da

²⁶⁴ Não há a intenção de se fazer uma abordagem completa do evento da ressurreição, apenas levantar a questão na perspectiva do silêncio de Deus, mas é pertinente destacar a afirmação de Sobrino que não se deve dizer que a ressurreição é “histórica” porque aconteceu na história, mas pode-se dizer que é histórica porque funda história em que se pode e deve viver, pois assinala a base ao evento futuro, sendo a ressurreição histórica porque abre para o futuro escatológico. SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*, p 263.

²⁶⁵ Cf. MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus cristo*, p 335.

²⁶⁶ Cf. *Ibid.*, p 340.

ressurreição imanente na carne. A ressurreição é a consumação transcendente do amor.²⁶⁷

A ressurreição de Jesus é um ato de amor de Deus para com seu Filho que se manteve fiel até a morte. É demonstração da indignação de Deus diante das dores de Cristo, que são as dores desse mundo. É o silêncio da esperança de vida e vida em abundância. A ressurreição dos mortos não é uma vida após a morte, é uma vida nova, que expressa a aniquilação da morte na vitória da nova vida eternamente. É um ato de amor silencioso, no qual nada foi pronunciado, apenas realizado pelo amor. É o silêncio da esperança de dias melhores. Sobrino sustenta que:

Só foi possível captar a ressurreição de Jesus tendo ao mesmo tempo uma esperança para todos, para o mundo. Mesmo após a ressurreição, o homem deve estar orientado para o futuro de sua própria história, cuja plenificação espera (Co 15,13; Rm 8,11; 1Pd 1,3). A essência da fé cristã na ressurreição de Jesus é inseparável da esperança no futuro da história.²⁶⁸

A ressurreição de Jesus é compreendida como esperança para todos os seres humanos de um mundo mais justo, mais humano, com perspectivas escatológicas. Deus se revela ao ser humano de diversas formas, sendo que a melhor dessas é na pessoa de seu Filho Jesus. Na paixão de Jesus, Deus se revela na contradição e no protesto dos sofrimentos, das injustiças, contradizendo o desejo do ser humano de ser deus poderoso, ou seja, homem-deus. Então, conhecer Deus é um conhecimento crucificante por destruir tudo o que o ser humano busca de glória para si, ou que usa para se afirmar.²⁶⁹ Moltmann fala da figura do teólogo da glória e o teólogo da cruz. O primeiro é o ser humano natural, muito religioso, mas que odeia a cruz e o sofrimento, buscando sucesso e fama, busca por um Deus que é poderoso, algo glorioso. O segundo é o que crê e chega ao autoconhecimento por meio do conhecimento de Deus em sua humanidade desprezada, em sua cruz. O teólogo da glória é o que busca seu próprio interesse, permitindo-o a amar o que lhe é igual, já o teólogo da cruz é transformado pela essência invisível da cruz que o permite amar o que é diferente e o outro.²⁷⁰

Nessa mesma perspectiva, Sobrino reitera o perigo de conceber Deus simplesmente na dimensão do Seu poder na ressurreição, esquecendo-se da Sua

²⁶⁷ MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus cristo*, p 391-392.

²⁶⁸ SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*, p 252.

²⁶⁹ Cf. MOLTSMANN, J. *O Deus Crucificado*, p 262.

²⁷⁰ *Ibid.*, p 264.

“impotência” na cruz. Para superar esse perigo, é preciso fazer a correlação da atividade de Deus na ressurreição com a Sua passividade na cruz, revelando a fidelidade de Deus a Jesus nos dois momentos. Ou seja, o que revela Deus é a cruz do ressuscitado correlacionada com a ressurreição do crucificado.²⁷¹

O encontro com Deus silencioso não poderia ser diferente, é através da luta contra a injustiça, contra a violência, que não precisa de barulhos e grandes destaques, mas que precisa de pessoas dispostas a ser fiéis à causa de Deus até o final. O encontro com Deus se dá por meio das relações com os outros seres humanos e por meio de sua nova criação, que se deu a partir do seu silêncio na ressurreição. Encontra-se Deus no silêncio misterioso da ressurreição, vivido no amor ao seu Filho (mostrando que um dos caminhos para encontrá-lo é o amor ao próximo) e no silêncio que promove a esperança de vida, a esperança que promove dias melhores para todos os seres humanos.

Para encontrar Deus, é preciso compreender, ou melhor, aceitar que Deus se faz presente por meio do silêncio, uma presença silenciosa, que não é vazio ou indiferença; que é um Deus amoroso, o qual permite ao ser humano fazer suas escolhas sem impor o seu poder. É no silêncio que Deus fala profundamente ao ser humano. Deus pode ser encontrado no silêncio dos seres humanos que se solidarizam com os que sofrem injustiças, e também no silêncio de indignação dos que buscam por justiça para todos. A ressurreição de Jesus, que se dá como que no silêncio de Deus, mostra que Deus se faz presente onde há o silêncio de solidariedade, ou de indignação, que impulsiona a ações de justiça e de amor. Deus está no silêncio amoroso.

3.4.3. Deus é Silêncio amoroso

As experiências que o ser humano vive em Deus são revelações de Deus, entretanto, não são Deus; Ele é e está para além do que a mente humana consegue captar e entender. As experiências humanas são pensamentos fragmentados de Deus, “visto que a experiência de Deus suscita múltiplas representações, sendo todas essas visões parciais de uma realidade inacessível ao cálculo racional.”²⁷²

²⁷¹ Cf. SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*, p 272.

²⁷² PAIVA M. A.; DIAS, L. F., *Deus: além do nome, além da significação*, disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/1130/1930>, acesso em 01/06/2011.

Não pode um ser finito, como o são os seres humanos, definir o que é Infinito. Às vezes corre-se o risco de viver o que é chamado de idolatria, que é o culto a uma imagem forjada pelo próprio intelecto, ou até mesmo aprisionar Deus dentro da própria compreensão. Andrés Torres Queiruga diz que:

Impressiona-me cada vez mais a capacidade que temos nós, homens religiosos, de “apoderar-nos” de Deus, reduzindo a grandeza infinita de seu Ser, a generosidade sem limites de seu amor às estritas medidas de nossa compreensão.²⁷³

Sendo assim, não se pretende com esse tópico fazer uma imagem de Deus ou afirmar como é Deus, mas fazer alguns apontamentos na direção de Deus, com ênfase em seu silêncio. Primeiramente pode-se afirmar que Deus é silêncio porque ele está para além de qualquer palavra, de qualquer coisa visível, pensamento ou conceito que o ser humano possa ter.²⁷⁴ O silêncio expressa a dimensão do mistério que Deus é.

Segundo Báez, seguindo a tradição da teologia apofática,²⁷⁵ o não saber e o silêncio de Deus são partes constitutivas de uma verdadeira experiência de Deus. Para ele, a afirmação de que Deus é silêncio significa reconhecer que o caminho de Deus não é só o da palavra e o da resposta, mas que o nada do silêncio e do escondimento possui também a presença divina.²⁷⁶ De acordo com Sartore, o ser humano que se silencia diante de Deus demonstra respeito a Deus por entender que Deus é maior que a sua compreensão e que o silêncio inspira o diálogo entre Deus e os seres humanos.²⁷⁷ A expressão Deus é silêncio implica entender que Deus é mistério.

²⁷³ QUEIRUGA, A. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*, São Paulo, Paulus, 1993, p 21.

²⁷⁴ Báez escreve um capítulo como o título “Deus é Silêncio”, no qual se pode ter mais informações sobre essa afirmação, com base no Primeiro Testamento, em BÁEZ, S. J. *Quando tudo se cala*, p 117-131.

²⁷⁵ A teologia apofática tem nas obras de Pseudo-Dionísio o Areopagita (século VI), especialmente na obra *Teologia Mística*, o seu grande impulso. Pseudo-Dionísio, o Areopagita, afirma que “é no silêncio, com efeito, que se aprendem os segredos desta Treva da qual é muito pouco afirmar que brilha com a mais resplandecente luz no seio da mais negra obscuridade, e que, permanecendo inteiramente ela mesma perfeitamente intangível e perfeitamente invisível.” PSEUDO-DIONÍSIO, o Areopagita, *Obra completa*, São Paulo, Paulus, 2004, p 129. Também se encontra nesta obra a declaração de que quanto mais se sobe em direção ao transcendente, na medida em que mais se aproxima, a quantidade das palavras diminui, retraindo-se de forma que “no termo último da ascensão estaremos totalmente mudos e plenamente unidos ao Inefável.” *Ibid.*, p. 134.

²⁷⁶ Cf. BÁEZ, S. J. *op. cit.*, p. 131.

²⁷⁷ Cf. SARTORE, D, *Silêncio*, in SARTORE, D.& TRIACCA, A. M. (Org.), *Dicionário de Liturgia*, São Paulo, Paulus, 1992, p 1141.

O conceito de “Deus” não é para o ser humano apoderar-se de Deus e do seu mistério; é um deixar-se ser apoderado por um mistério que está presente, mas sempre se subtrai. Este mistério continua sendo mistério mesmo quando se abre para o ser humano e, exatamente assim, antes de mais nada, o embasa, permanentemente, como sujeito.²⁷⁸

Desse modo, Deus é mistério e continua sendo mistério mediante a sua revelação, pois não se revela por completo. A maior revelação de Deus se deu em seu Filho Jesus, que diz: “Eu e o Pai somos um”. Em Jesus, Deus se revelou de diversas formas e umas dessas é que Deus é silêncio porque Ele se fez silêncio em momentos cruciais na vida de Jesus. Tendo como ponto de partida que a ressurreição se deu como que no silêncio de Deus, e que na cruz Deus se revelou em silêncio, logo, Deus é silêncio.

O silêncio de Deus na cruz foi entendido como ausência, pois o Filho sofre a morte no abandono do Pai, no entanto, já foi apresentado que na cruz o Pai se fez presente com o seu silêncio de solidariedade para com o Filho, logo, na cruz Deus é presença na “ausência”. Na ressurreição (entendendo-a com um ato no silêncio), o silêncio de Deus se revela com sua presença em ação amorosa de poder; na ressurreição, o silêncio de Deus é ausência em “presença”. Ou seja, o silêncio de Deus é sempre significativo, o que vai dar o seu sentido é a realidade em que acontece. No entanto, independente da situação, Deus se faz presente, seja mediante a sua solidariedade ou na indignação, demonstrando seu amor em poder para libertar as vítimas de injustiças.

A cruz e a ressurreição são acontecimentos reveladores de Deus na vida de Jesus. É preciso entender que a ação calada e inativa de Deus na cruz não deve ser abafada pela atuação poderosa da ressurreição, por isso não se deve esquecer o que há de revelação de Deus na cruz em detrimento do Deus da ressurreição, essas precisam estar dialeticamente relacionadas. Sobrino declara que:

Na cruz aparece diretamente o silêncio, a inação e – a partir daí – a impotência ou ao menos a inoperatividade de Deus, a manifestação dessa inatividade e impotência não tem formalmente uma dimensão libertadora nem deve necessariamente gerar esperança nos crucificados, as vítimas. Mas se ela é relacionada com a manifestação poderosa de Deus na ressurreição, então pode tornar crível o poder libertador de Deus.²⁷⁹

²⁷⁸ RAHNER, K. apud MÜLLER, G. L. *O Deus anônimo: o problema da experiência de Deus hoje*, in PAULY, S.(Org), *O Deus longínquo em nossos tempos*, São Paulo, Loyola, 2003, p 65.

²⁷⁹ SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo*, p 139.

A razão da “impotência” de Deus no seu silêncio na cruz é a sua máxima proximidade para com as vítimas de injustiças, consumando a sua proximidade para com os seres humanos, e, simultaneamente, a onipotência de Deus revelada no silêncio da ressurreição é digna de fé porque o ato de encontrar na cruz a presença amorosa de Deus faz com que a ressurreição deixe de ser apenas puro poder sem amor.²⁸⁰

Sobrino esclarece que não se pode reduzir o evento da cruz em detrimento do evento da ressurreição. Somente ao tomar, a um só tempo e em dialética, a ação libertadora na ressurreição e a ação passiva da cruz é que se pode dar a Deus o novo e definitivo nome: Deus é amor.²⁸¹ Parafrazeando Sobrino: é na dialética do silêncio como “ausência” na cruz com o silêncio como “presença” na ressurreição que se pode dar um novo nome a Deus: Deus é silêncio amoroso.

Ao afirmar que Deus é silêncio, nota-se a manifestação de Deus como um Deus assustadoramente próximo, do qual não se pode poder fugir, e, ao mesmo tempo, como um Deus longínquo, por quem pode se estar abandonado. O silêncio de Deus é muitas vezes confundido com o silêncio humano no que diz respeito à quietude e à ausência de movimento, mas o silêncio de Deus é fonte dinâmica de diversas reações e revelações. Por isso:

A fé em Deus é um processo que, a nosso entender, deve incluir os seguintes elementos: 1) a esperança da ressurreição, mas em presença de cruces da história; 2) a humildade do caminhar, sem pretender sintetizar na história o que só é sintetizável no fim, sublinhando que se trata de uma humildade específica exigida não só pela pequenez da criatura diante do seu Deus, mas pela própria manifestação de Deus, dialética, feita de silêncio e palavra, de ação e inação; 3) um caminhar prático – agir com justiça, construir, construir o Reino – não só uma esperança apenas expectante, pois se trata de que Deus “seja” tudo em tudo.²⁸²

Para falar de Deus, o silêncio pode ser uma das melhores palavras porque Deus é o Indizível, e nossas palavras são limitadas de significados, ou seja, a nossa finitude em palavras não pode abarcar a infinitude de Deus. Deus é silêncio e assim se mostra um Deus que é próximo, solidário (mediante o silêncio da cruz) e um Deus poderoso em amor (no silêncio da ressurreição). Sendo assim, Deus é mais que qualquer palavra possa expressar e mais do que o silêncio possa dizer. Ou seja, Deus é mistério, Deus é silêncio misterioso que se revela em amor.

²⁸⁰ Sobrino fala que a ressurreição diz *alteridade* com relação às vítimas e a cruz diz *afinidade*. Cf. SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo*, p 139-140.

²⁸¹ Cf. *Ibid.*, p 142.

²⁸² *Ibid.*, p 148.

Sendo assim, pode-se dizer que, em Jesus, o silêncio esteve tão presente quanto o falar. Isso foi visto, primeiramente, de acordo com a narrativa do evangelho de Marcos, na qual Jesus pede o silêncio. Ele pede para que as pessoas façam segredo sobre quem Ele era até a ressurreição, pois só se poderia ter uma compreensão completa de Jesus aos pés da cruz. O segredo que Jesus pede para que as pessoas guardem pode ser entendido como um silêncio de prudência. O silêncio é a oportunidade para compreender melhor a vida de Jesus, porque nem sempre o falar será sinal de conhecimento. O silêncio pode ser mais preciso por permitir que Deus se revele ao invés de tentar revelar Deus dentro do limitado campo linguístico do ser humano. Quando Jesus pede para que se faça silêncio, para que se guarde um segredo, Ele está demonstrando a importância de saber quando falar e quando silenciar-se, é a pedagogia do silêncio que revela que o segredo pode ser revelador e que a revelação pode ser um segredo, sabendo que o importante é compreender quando e onde falar ou silenciar-se. Isto é, é preciso abrir espaço e dar tempo para a compreensão do mistério messiânico.

Durante sua vida, Jesus há intensos momentos de silêncio na presença de Deus. Há os momentos em que Jesus responde com o silêncio diante de Deus e dos seres humanos. Ele possuía uma espiritualidade que integrava o silêncio da oração e a ação pública. Uma das profundas experiências de Jesus acontece em seu batismo, quando Ele ouve Deus dizer: “Tu és o meu Filho amado” (Mc 1.11), e pode-se dizer que sua resposta é um profundo silêncio de quem se põe a escutar atentamente ao que o Pai está a dizer. É um diálogo amoroso no qual o filho escuta e acolhe, em silêncio, o que o Pai tem a dizer; conseqüentemente, isso interfere em sua atuação pública, pois foi a partir daí que Jesus inicia sua vocação.

Para Jesus, a oração era muito mais que palavras, era um momento de estar a sós com Deus em silêncio, não por obrigação, mas pelo desejo de se comunicar com o Pai. Suas orações eram uma oportunidade de confrontar suas práticas com a vontade do Pai, por isso, entende-se que a oração deve produzir atos transformadores ou os atos devem levar a uma oração de meditação, de confrontação. A oração de Jesus é um silenciar-se para reconhecer quem Ele é, qual é a vontade do Pai para a sua vida. Contudo, não se pode esquecer que suas orações não eram de alienação, ou egocêntricas, mas buscavam a vontade do Pai em prol do Reino de Deus, ou seja, é uma oração em que a pessoa se volta para

Deus ao mesmo tempo em que se volta para o próximo. Na oração de Jesus, Ele responde com silêncio à escuta do Pai, porém não se omite ou foge das injustiças de sua época.

Jesus também causa admiração nos seres humanos ao permanecer em silêncio diante das acusações feitas a Ele. Jesus fica em silêncio diante dos processos de acusações por entender que não era a verdade que procuravam e, sim, acusá-lo. É um silêncio de resistência ao poder dominador e de determinação em manter-se íntegro à vontade do Pai, sem barganhar facilidades para si. Assim, Jesus com seu silêncio causou mais admiração aos seus acusadores do que com as suas palavras, mostrando que, em determinadas situações, o silêncio pode ser mais importante do que as palavras.

Seu silêncio foi sinal de sabedoria e dignidade, mas, principalmente, sinal de amor para com os seus acusadores por não os responder como a inimigos. Ele apenas se cala e não os acusa, mesmo tendo argumentos para tal. O silêncio falou mais do que as palavras.

Além disso, Jesus também experimenta o silêncio de Deus como resposta. A relação de Jesus com Deus é uma relação de Filho e Pai (*Abbá*), expressão de profunda intimidade, proximidade e confiança em Deus. Todavia, foi em seus momentos de profunda dor e tormento que Jesus ouviu o silêncio de Deus como resposta à sua oração; Jesus que é o *Logos* de Deus, é a Palavra de Deus que fica em silêncio e também ouve o silêncio de Deus. Sua fidelidade e proximidade com o *Abbá* não o impossibilitaram de ouvir o silêncio de Deus, causando o sentimento de abandono. Jesus morre sentindo-se abandonado pelo Pai, ainda assim, mantém-se fiel ao Pai até o fim, entregando o seu espírito em Suas mãos. Deus não se mantém indiferente ao sofrimento do Filho. O Pai se faz presente junto ao Filho e também sofre, por isso, não o responde com palavras, o sofrimento O emudece.

Dessa maneira, percebe-se que nem sempre Deus *Abbá* irá responder os questionamentos dos seus filhos com palavras, mas também não os tem abandonado. Ele pode respondê-los com o silêncio, resposta esta que mais necessita da proximidade existente com o *Abbá* para sua compreensão. É o silêncio de solidariedade para com os que sofrem e de indignação para com os malfeitores.

O silêncio de Deus não é meramente ausência, é uma ausência que se faz presença solidária, ou seja, é o estar presente, porém não falante, não se impondo,

mas se “ausentando”, retraindo-se para que o ser humano seja ele mesmo, pois o humano não suportaria a total presença de Deus, o Seu poder amoroso. Ao mesmo tempo, é presença “ausência” no ato do poder amoroso de Deus na ressurreição. Quando Deus parece estar em silêncio, age com poder amoroso em relação às vítimas, injustiçadas. Assim, pode-se dizer que Deus é silêncio.

Percebe-se que o silêncio foi parte integrante na vida de Jesus. Mas, em meio à sociedade ruidosa atual, como essa verdade pode e deve ser vivida pelos seres humanos? O próximo capítulo procurará apresentar possíveis caminhos para essa questão.

4

Caminhos para o trabalho pastoral: o silêncio no discipulado

Para Bonhoeffer, o problema da igreja é “como viver hoje uma vida Cristã?”²⁸³ Cada dia torna-se mais difícil viver uma vida cristã em meio á sociedade atual, constituída no capitalismo, no individualismo e na superficialidade.²⁸⁴ Esse capítulo abordará algumas possíveis práticas de um verdadeiro discípulo de Jesus, envolvendo a experiência do silêncio e entendendo que, conforme apresentado no primeiro capítulo, silêncio e palavra caminham juntos.

Não se pode refletir sobre o silêncio sem ressaltar a correspondência entre ele e a palavra, um não existe sem o outro, pois só há diálogo, por exemplo, na relacionalidade entre o silêncio do que escutar e a palavra do que falar, e vice-versa. Não há a intenção de rebaixar o valor da palavra, ou até mesmo, depreciá-la, mas, sim, ressaltar o valor do silêncio e seus possíveis sentidos (que há tempos estão esquecidos) para a vida do ser humano em conjunto com a vivência da palavra. Nunca esquecendo de que o silêncio, em determinadas situações, pode falar muito mais do que palavras, que pode expressar mais sabedoria do que algumas belas palavras.

Sendo assim, é importante ressaltar e valorizar a vivência do silêncio na prática da igreja, sabendo de antemão que nessas há muito barulho e tagarelice,²⁸⁵ e, para isso, a pesquisa caminhará na dinâmica do discipulado. No entanto, não se pretende fazer um tratado sobre o que é o discipulado e suas consequências²⁸⁶ e, sim, apontar possíveis caminhos para a vivência saudável do silêncio na dinâmica

²⁸³ Cf. BONHOEFFER, D. *Discipulado*, São Leopoldo, Sinodal, 2004, p 19.

²⁸⁴ Para mais informações a respeito dessas características e sua influencia na vivência do silêncio, consultar o tópico 2.2. Evolução e fragmentação do silêncio na cultura atual.

²⁸⁵ Para mais informações, consultar o tópico 2.3. Caminhos e descaminhos do silêncio nas tradições eclesiais, da presente pesquisa.

²⁸⁶ Há vários livros que abordam a temática do discipulado, a presente pesquisa usou como suporte o livro BONHOEFFER, D. *Discipulado* e BOMBONATTO, V. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a Cristologia de Jon Sobrino*, São Paulo, Paulinas, 2002. É importante destacar que o livro da Bombonato é uma análise do pensamento de Jon Sobrino que foi um dos autores usados como base para desenvolver o capítulo anterior.

do discipulado. Bonhoeffer, ao escrever sobre o discipulado, faz uma importante distinção entre graça barata e graça preciosa:

A graça barata é a pregação do perdão sem arrependimento, é o batismo sem a disciplina comunitária, é a Ceia do Senhor sem confissão dos pecados, é a absolvição sem confissão pessoal. A graça barata é a graça sem discipulado, a graça sem a cruz, a graça sem Jesus Cristo vivo, encarnado. [...] A graça preciosa é o Evangelho que se deve procurar sempre de novo, o dom pelo qual se tem que orar, a porta à qual se tem que bater. Essa graça é preciosa porque chama ao discipulado, e é graça por chamar discipulado de Jesus Cristo; é preciosa por custar a vida ao ser humano, e é graça, por, assim, lhe dar a vida; é preciosa por condenar o pecado, e é graça por justificar o pecador. Essa graça é sobretudo preciosa por ter sido preciosa para Deus, por ter custado a Deus a vida de seu Filho.²⁸⁷

Ou seja, discipulado está ligado à graça preciosa, é um comprometimento com Cristo, criando uma nova situação, uma nova forma de viver, é um novo estilo de vida.²⁸⁸ Assim sendo, o discípulo simplesmente tem que proclamar e fazer o que Jesus proclama e faz.²⁸⁹

Na época de Jesus, já existia o discipulado, os chamados *Rabbi* eram escolhidos por seus discípulos, que mais tarde se afastariam deles para ensinarem como mestres, tornando-se *Rabbi*. Mas, o discipulado de Jesus é diferente: Ele chama, Ele que escolhe, e o discípulo permanece como discípulo,²⁹⁰ por isso, “a existência do discípulo não consiste na veneração de um bom Mestre, mas, sim, na obediência ao Filho de Deus.”²⁹¹

Nesse percurso, este capítulo tem como objetivo apontar caminhos para uma prática saudável do silêncio na vivência do discípulo de Cristo, pois Jesus viveu o silêncio de diversas formas sem nunca se omitir, nunca se silenciando diante das injustiças ou falando impensadamente, indevidamente, para não baratear a graça de Deus.

²⁸⁷ BONHOEFFER, D. *Discipulado*, p 10.

²⁸⁸ Cf. *Ibid.*, p 21-23.

²⁸⁹ Cf. BOSCH, D. J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*, São Leopoldo, Sinodal, 2002, p 61.

²⁹⁰ Cf. BARRERO, A. *A contemplação da vida de Jesus Cristo: história, método e teologia dos Exercícios Espirituais inacianos*, São Paulo, Loyola, 2009, p 192-192.

²⁹¹ BONHOEFFER, D., op. cit., p 35.

4.1.

O silêncio no discipulado: sua importância na espiritualidade hodierna

Como explicitado em tópicos anteriores, o silêncio é extremamente importante para a vida do ser humano, e, principalmente, na vivência da espiritualidade pessoal. Sabe-se que o silêncio é parte integrante da espiritualidade humana, no entanto, tem sido esquecido, ou desvalorizado no meio cristão. Hoje em dia, o discurso/prática do discipulado está em alta nas comunidades cristãs, no qual muitas vezes não cabe o silêncio. Porém, o verdadeiro discipulado exige a presença do silêncio.

O discipulado é um estilo de vida, é um chamado que vem de Deus por meio da pessoa de Jesus e precisa ser respondido. A resposta a esse chamado pode ser o silêncio da obediência, da “rendição sem impor condições”²⁹² ou o silêncio da omissão diante da missão, das tarefas que o discipulado proporciona:

O discipulado cristão não é algo estático, mas dinâmico. Consiste em seguir Jesus, uma atitude existencial em cuja origem encontramos um chamado e cujo destino é uma missão. O fato de haver um chamado de Deus na origem do seguimento nos recorda que o seguimento é um dom, o qual situa o discipulado em um horizonte de graça, alheio a qualquer forma de voluntarismo. Por sua vez, o fato de o seguimento ter a missão como meta nos faz perceber que ir após Jesus também é uma tarefa e, portanto, não pode ser reduzida a uma experiência narcisista que nos fecha em nós mesmos: vamos atrás dele para compartilhar sua própria missão.²⁹³

O discipulado chama o ser humano a fazer parte de uma missão, de uma tarefa que foi iniciada por Jesus Cristo, impulsionando o indivíduo, que responde a esse chamado positivamente, a se abrir a outras pessoas no intuito de cumprir a missão, sabendo que tal realização é possível mediante a graça de Deus. Para isso, é preciso viver como Jesus, seguir os passos do Mestre, o qual realizou a sua missão também com o silêncio. É de suma importância esclarecer que esse chamado é feito a todas as pessoas porque “o discipulado de Jesus não era a realização meritória de alguns, mas um mandamento divino a todos os cristãos,”²⁹⁴ os quais têm a liberdade para respondê-lo.

²⁹² Bombonato fala que o seguimento exigido por Jesus na “rendição sem impor condições” (expressão de HENGEL, M. usada por Jon Sobrino) é explicável pela absoluta novidade e a radicalidade do Reino de Deus e do Deus do Reino. Cf. BOMBONATTO, V. *Seguimento de Jesus*, p 249.

²⁹³ RETAMALES, S. S.; OPORTO, S. G.; AGUIRRE, R. *Kerygma: discipulado e missão, perspectivas atuais*, São Paulo, Paulinas & Paulus, 2007, p 69.

²⁹⁴ BONHOEFFER, D. *Discipulado*, p 13.

A oração é importante para o discipulado porque Jesus demonstrou em sua vida a necessidade de retirar tempo para a oração. Jesus orava constantemente, contudo, tinha conhecimento de que a oração também poderia ser um perigo quando é: mecânica, vãs repetições, ou seja, muita tagarelice, pouco silêncio para ouvir, vaidosa e hipócrita, ou seja, com pretensões de se engrandecer; cínica, que é de auto-afirmação ou egoísta, na qual o referencial não é Deus e, sim, o próprio ser humano; alienante, quando é oração sem uma prática condizente.²⁹⁵ O discipulado precisa ter um espaço para oração em que realmente o ser humano vá falar com Deus e ouvir a Deus, logo, silenciar-se para Deus. Ratzinger enfatiza também o perigo na oração ao declarar que:

A outra falsa forma de oração, contra a qual o Senhor nos adverte, é a tagarelice, o palavreado, que asfixia o espírito. Todos nós conhecemos o perigo de repetir formas habituais e termos ao mesmo tempo o espírito totalmente longe. Estamos mais atentos quando, a partir de uma necessidade mais profunda, pedimos a Deus algo ou lhe agradecemos, de coração feliz, algum benefício experimentado. Mas o mais importante é - para além destas situações pontuais - que a relação com Deus esteja no mais íntimo do nosso ser.²⁹⁶

O modo como Jesus orava, que expressa sua confiança total e inusitada no Pai, também deve ser o modo dos seus discípulos orarem. Para Bombonato, a estrutura fundamental da oração do discípulo de Jesus pode ser resumida em três momentos simultâneos: ouvir a Palavra de Deus, fazer o que se escutou (concretizando a palavra em sua própria vida) e falar dando graças ou pedindo perdão (o que expressa a resposta à Palavra e a entrega do próprio ser a Deus).²⁹⁷ Então, para uma espiritualidade vivida de acordo com o discipulado de Cristo, é necessário uma vivência de oração silenciosa, que não é apenas ficar sem falar com palavras, mas é silenciar os desejos e pedidos para escutar o que Deus está pedindo e, então, obedecê-lo.

Quando se fala em silêncio, pensa-se em estar sozinho, em momentos de solidão, porém o silêncio também pode e deve ser vivido em comunidade. Nas celebrações cúlticas, por exemplo, também é importante proporcionar momentos de silêncio comunitário, como no momento da ministração da Palavra de Deus. No Dicionário de Liturgia, Sartore afirma que “o silêncio favorece a escuta da

²⁹⁵ Cf. BOMBONATTO, V. *Seguimento de Jesus*, p 234-235.

²⁹⁶ RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré*, p 122.

²⁹⁷ Cf. BOMBONATTO, V. op. cit., p 238.

Palavra e a resposta da meditação e da oração.”²⁹⁸ Ele ainda destaca dois tipos de silêncio presentes nas celebrações cúlticas: silêncio de assimilação, que é de escuta, e de interiorização durante as grandes orações presidenciais, em união espiritual com o sacerdote que profere as partes que lhe compete; e o silêncio de meditação que é o de resposta à proclamação da Palavra de Deus, é o silêncio que convida a meditar no que se escutou, acolhendo no coração a voz do Espírito Santo.²⁹⁹ “O silêncio inspira o diálogo entre Deus e os homens, torna-se manifestação do respeito devido ao Senhor que se revela.”³⁰⁰

Em vários momentos, Jesus fez uso da oração para falar com Deus, para ser instruído por Deus, para conhecer-se a si mesmo e também para apresentar seus pedidos. No entanto, é importante lembrar que a oração não é e não deve ser uma forma de manipular a Deus, é uma forma de expressar a confiança e amor a Deus.

Então, a oração, silenciosa ou não, é fundamental para o discipulado. A oração não é a única forma de se viver o silêncio na espiritualidade, é uma delas. Atualmente, o silêncio é importante para a espiritualidade dentro da dinâmica do discípulo e se faz presente de diversas formas, lembrando que, ao se falar de espiritualidade, refere-se ao ser humano integral (corpo, alma e espírito), a uma vivência que integra a experiência mística, interior, a suas ações práticas.

A seguir serão apresentadas algumas áreas da vida do ser humano que são influenciadas e favorecidas pela presença do silêncio, não se pretendendo esgotar o assunto ou até mesmo limitá-lo à presente abordagem.

4.1.1.

Meditação e contemplação no discipulado (Auto-conhecimento)

A meditação e a contemplação são fundamentais para uma espiritualidade saudável, e, por isso, o discipulado deve ser um lugar autêntico da contemplação do mistério de Deus na sua realidade trinitária.³⁰¹ O discipulado deve favorecer essas ações para que o discípulo se desenvolva gradativamente e constantemente. Entretanto, qual é a diferença entre meditação e contemplação? Moltmann distingue:

²⁹⁸ SARTORE, D, *Silêncio*, p 1139.

²⁹⁹ Cf. *Ibid.*, p 1140.

³⁰⁰ *Ibid.*, p 1141.

³⁰¹ Cf. BOMBONATTO, V. *Seguimento de Jesus*, p 296.

Meditação como conhecimento, envolvimento de amor, sofrimento e participação, de um objeto, e como contemplação o reflexivo torna-se consciente do próprio eu nesta meditação. Os que meditam mergulham em seu objeto. Eles se absorvem inteiramente no objeto e se “esquecem de si mesmo”. O objeto fica mergulhado neles. Na contemplação eles despertam novamente para a lembrança. Percebem as mudanças que se operaram neles próprios. Retornam a si próprios novamente, depois de haverem saído de si. Na meditação percebemos o objeto. Na contemplação associada à meditação percebemos nossa percepção. É verdade que não existe meditação sem contemplação nem contemplação sem meditação.³⁰²

Ou seja, a meditação leva à contemplação, e a contemplação leva à meditação, é o refletir sobre algo e refletir sobre si mesmo. É o conhecimento de algo, que leva ao maior conhecimento de si mesmo, de sua ação diante as situações da vida. Meditação era considerada uma antiga forma de conhecimento, mas que foi reprimida pelo ativismo moderno, porque não há mais tempo “a perder” com o interiorizar-se. Porém, não se pode esquecer que meditação não é uma fuga da realidade e, por isso, existe a inter-relação da meditação com a contemplação.

A meditação cristã não é somente uma interiorização, é um momento de escuta de Deus, é algo que vem de fora e traz questionamento, leva a pessoa à contemplação de tal forma que a impulsiona a uma nova orientação da própria vida.³⁰³ Não é apenas um jogar-se no vazio, mas é um encontro com a Palavra de Deus, que muda o ser daquele que a ouve.³⁰⁴

A meditação e a contemplação são uma forma de conhecer a Deus,³⁰⁵ e, principalmente, de conhecer a si mesmo. Só quem se conhece é capaz de se doar.³⁰⁶ Com base nessa afirmação, é possível dizer que Jesus, ao cultivar momentos de meditações e contemplação junto ao Pai, foi adquirindo maior conhecimento de si mesmo, de seus princípios e valores, e, por isso, se doou por amor à humanidade.

Sendo assim, o discípulo precisa cultivar uma vida de meditação e contemplação para o seu autoconhecimento e, para isso, o silêncio se faz indispensável, é um fiel aliado nessa tarefa. No entanto, muitas pessoas ao se depararem com o silêncio do autoconhecimento vivenciam um momento de terror

³⁰² MOLTMANN, J. *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*, Petrópolis, Vozes, 2010, p 193.

³⁰³ Cf. RETAMALES, S. S.; OPORTO, S. G.; AGUIRRE, R. *Kerygma*, p 66.

³⁰⁴ Cf. BONHOEFFER, D. *Vida en comunidad*, Salamanca, Sígueme, 2003, p 74.

³⁰⁵ Lembrando que Deus nunca se revela por completo, Ele se revela e ao mesmo tempo permanece mistério, conforme o apresentado no tópico 3.4.2. Encontro com Deus silencioso desta pesquisa.

³⁰⁶ Cf. MOLTMANN, J. op. cit., p 192.

por não conseguirem ficar a sós consigo mesmas. O discípulo de Cristo deve viver o silêncio meditativo, contemplativo, para aprofundar a autoconhecimento e melhor servir na missão que lhe é proposta pelo Mestre.³⁰⁷

Retirar tempo para estar a sós, além de beneficiar o autoconhecimento, é importante também para a vida em comunidade, porque quem não sabe ficar a sós, não consegue viver saudavelmente em comunidade e vice e versa. Como doar-se a um relacionamento se não se sabe o que se tem? Bonhoeffer defende que “só quem saber viver dentro da comunidade pode estar sozinho, e só quem sabe viver só pode viver em comunidade. Os dois caminham juntos.”³⁰⁸

Bonhoeffer, ao tratar sobre a relacionalidade entre estar só e estar em comunidade, declara que o silêncio é sinal da solidão e a palavra sinal da comunidade, e que precisam estar intimamente relacionadas, porque a palavra oportuna nasce do silêncio, bem como o silêncio da palavra. Assim, para ele, a Palavra de Deus não se manifesta no ruído, e o silêncio no templo é sinal da presença de Deus em sua palavra.³⁰⁹

Calamos depois de ouvir a palavra de Deus, porque ela ressoa, vive e quer permanecer em nós. Calamos ao levantar de manhã e ao cair da noite porque é a Deus que corresponde a primeira e a última hora do dia. Calamos, portanto, unicamente por causa da palavra, e com esta atitude não significa que a desprezamos, mas que desejamos honrar e recebê-la como é devido. Calar, em definitivo, não significa outra coisa que estar atento à palavra para poder caminhar com sua bênção.³¹⁰

Na espiritualidade, pautada no discipulado, é preciso existir o silêncio da meditação e contemplação para se ouvir a Palavra de Deus, é um encontro com a Palavra de Deus, seja nos instantes de solidão ou em comunidade. Diante da Palavra do Mestre, o discípulo silencia-se em respeito ao que foi dito e para assimilar o que foi ouvido, sabendo que em um determinado momento o silêncio será interrompido, pois está em comunicação com a Palavra.³¹¹ Essa interrupção

³⁰⁷ Moltmann afirma que: “Aquele que pretender agir em favor dos outros sem haver aprofundado sua compreensão de si próprio, sem haver sensibilizado sua capacidade de amar e sem ter encontrado a liberdade para consigo mesmo, este não há de encontrar em si coisa alguma que possa dar aos outros.” MOLTSMANN, J. *O Espírito da vida*, p 192.

³⁰⁸ BONHOEFFER, D. *Vida em comunidade*, p 70.

³⁰⁹ Cf. *Ibid.*, p 71-72.

³¹⁰ *Ibid.*, p 72.

³¹¹ Cf. *Ibid.*, p 72. Ainda dentro dessa vertente, Bonhoeffer declara que o cristão precisa cultivar uma prática de meditação diária, na qual se realiza a leitura da palavra de Deus, a oração e intercessão, sabendo que esse momento também pode ser silencioso, como fruto de uma ação receptiva, e que tudo que não pode ser dito na oração coletiva aqui se pode, seja com palavras ou em silêncio. Cf. *Ibid.*, p 74-78.

pode ser entendida como a necessidade de comunicar o que se ouviu, assim como Jesus se retirava para orar, mas retornava para ensinar ao povo, para cumprir sua missão.

O texto bíblico em João 10 diz que a “ovelha conhece a voz do seu Pastor”, ela primeiramente ouve a voz e a reconhece como sendo do seu pastor. Isso revela que é preciso silenciar as vozes para se ouvir e reconhecer a voz daquele que fala, o Bom Pastor. Quando se está em meio a um grupo em que todos falam ao mesmo tempo, ninguém se entende, assim também acontece no momento de ouvir a voz do Bom Pastor. Se todas as vozes da preocupação, do medo, das pessoas ao redor começarem a falar concomitantemente, não será possível ouvir e entender o Bom Pastor.

Ao se fazer referência à meditação e à contemplação, não se trata apenas de ficar sem falar, mas de silenciar a boca e os pensamentos para então ouvir a Palavra, ouvir o Bom Pastor. Somente quando o indivíduo consegue ouvir a Deus, ouvir a Palavra do Bom Pastor é que ele consegue ter clareza da sua vocação, do seu chamado diante de Deus. O discípulo é chamado por Deus, e, para tal, é preciso ouvi-Lo para responde-lhe. Todos são chamados à vivência do discipulado, porém a cada um é concedida uma característica específica, ou seja, um dom. O discípulo só reconhece o seu dom, o seu potencial, a partir do momento em que fica a sós consigo mesmo e busca se conhecer. Só quem conhece a si é capaz de realizar a sua vocação com êxito, porque conhece os seus limites e o seu potencial. Portanto, o silêncio é momento de conhecer a si mesmo.

O autoconhecimento por meio da meditação e da contemplação proporciona o conhecimento da própria vocação. Barrero declara que “para fazer a experiência do encontro com Deus e para comunicá-la a outras pessoas, é necessária a prática da oração no silêncio [...] Para fazer a experiência do encontro pessoal com Deus é necessário escutar o que o Espírito Consolador nos diz”.³¹²

Assim sendo, o silêncio deve fazer parte da vida do discípulo de Cristo por ser um dos meios para o encontro com Deus, e, principalmente, porque essa foi a prática que o Mestre Jesus deixou ao se retirar para orar, ao ensinar os seus discípulos a orar, ao valorizar os momentos de meditação e contemplação diante do Pai. Dessa forma, o discípulo deve meditar e contemplar a partir do silêncio

³¹²BARRERO, A. *A contemplação da vida de Jesus Cristo*, p 173.

para o autoconhecimento, para melhor viver em comunidade, assim como para escutar a direção de Deus no que diz respeito à sua vocação.

4.1.2. Vocação

Como foi apresentado no segundo capítulo, Jesus em sua vida terrena inicia sua vocação a partir da experiência do silêncio da escuta em que ouve as Palavras de Deus que revelam ser Ele o Seu filho amado. É no silêncio do deserto que Jesus ouve as Palavras de Deus e a partir desse momento inicia-se o seu ministério.³¹³ É na constante dinâmica do silêncio e palavra que Jesus realiza a sua vocação, a sua messianidade.

No silêncio, Jesus ouve Deus para então exercer a sua função. O ser humano, ao vivenciar o silêncio do autoconhecimento, caminha em direção à descoberta de sua vocação. No discipulado, ninguém pode chamar-se a si mesmo,³¹⁴ mas é o mestre Jesus que chama o discípulo. “Sabemos que, na maioria dos casos, foi o próprio Jesus quem tomou a iniciativa, chamando seus discípulos com uma autoridade pouco comum, e que tal chamamento implicava um intenso vínculo a ele.”³¹⁵

Cultivar uma vida de oração como amizade para com Deus é um dos caminhos que revelam para o que o ser humano foi chamado. Uma vida de amizade com Deus envolve diálogo, no qual Deus fala e o outro ouve, e vice-versa; é o doar-se a Deus e, ao mesmo tempo, receber de Deus. E, nesse momento, Deus também se doa e recebe.

Essa relação de amizade com Deus ajuda o ser humano a descobrir sua vocação. De acordo com o Dicionário de Espiritualidade, vocação é o resultado de chamado e de resposta.³¹⁶ Ou seja, o ser humano é chamado por Jesus para ser seu discípulo, e ele, por sua vez, deve responder a esse chamado mediante a fé. Sendo assim, a vocação (do latim *vocatio*, ação de chamar) é o estado e situação

³¹³ Para mais informações sobre o silêncio e a vocação de Jesus, consultar o tópico 3.2.1. Jesus e sua experiência mística de Deus.

³¹⁴ Cf. BONHOEFFER, D. *Discipulado*, p 22.

³¹⁵ RETAMALES, S. S.; OPORTO, S. G.; AGUIRRE, R. *Kerygma*, p 53. Há um consenso entre os autores em afirmar que Jesus se diferenciava dos mestres da sinagoga, porque Ele escolhe os seus discípulos enquanto os mestres da sinagoga eram escolhidos pelos discípulos.

³¹⁶ Cf. CORDOBÉS, J. M. *Vocação*, in FIORES, S. De & GOFFI, T. (Org.), *Dicionário de Espiritualidade*, São Paulo, Paulus, 1993, p 1188.

decorrentes do diálogo entre Deus e os seres humanos, e que está direcionado para uma missão, um serviço.³¹⁷ O ser humano é chamado a ser discípulo de Jesus. Jon Stott enfatiza que:

O chamado universal de Deus para nós não é tanto para fazer alguma coisa (um trabalho), mas para ser alguma coisa (uma pessoa). Embora ele nos chame para diferentes tarefas [...] primeiro ele nos chama para algo ainda mais significativo, isto é, para sermos discípulos de Jesus Cristo.³¹⁸

É possível afirmar que os 30 primeiros anos da vida de Jesus permanecem em silêncio, pouco se sabe, mas que podem assumir a característica de um silêncio de preparação para que ele exercesse a sua missão, o anúncio do Reino. Um tempo de meditação, de autoconhecimento para responder ao Deus que chama com obediência plena, para responder com sua vida. Por isso, “a resposta do discípulo não é uma confissão oral da fé em Jesus, mas sim um ato de obediência”,³¹⁹ ao chamado de Deus. Mais do que falar da fé em Jesus, de Sua vida, é viver a vocação pessoal, olhando e exercendo semelhante atitude de Jesus, tendo consciência de que cada um recebe um chamado específico, porém com um único objetivo: fazer parte da missão de Deus (*missio Dei*), seguindo a Cristo, assumindo a vida de discípulo. Por isso, um coração atento, silencioso e aberto ao chamado de Deus, disposto a obedecer, é mais importante do que muitas palavras, um ato de obediência pode ser vivido em silêncio.

O discípulo de Jesus deve responder ao chamado de Deus como Ele respondeu, ou seja, com suas ações, sua intimidade com Deus, cultivada em oração, ouvindo-O para saber qual o caminho a ser trilhado. Não se pode ouvir Deus em meio a muitos barulhos e ruídos, é preciso acalmar a mente e o coração para ouvir a direção de Deus, para saber se está dentro da vocação a que se foi chamado. Logo, o silêncio torna-se indispensável para o exercício da vocação, para o seu desenvolvimento.

Ao longo da vivência da vocação é preciso que ela seja acompanhada. Discernir a vocação é exercício que não se esgota nos começos da mesma. É algo que continua ao longo de toda a vida, embora em dimensões diferentes. Também é ato de discernimento verificar com precisão se um passo a ser dado se insere no caminho da vocação assumida ou se sai dele. 320

³¹⁷ Cf. QUEVEDO, L. G. *Vocação*, in RODRIGUÉZ, A. A & CASAS, J. C. (Org.), *Dicionário Teológico da vida consagrada*, São Paulo, Paulus, 1994, p 1143.

³¹⁸ STOTT, J. *Ouçã o Espírito, ouça o mundo*, São Paulo, ABU Editora, 2005, p 148.

³¹⁹ BONHOEFFER, D. *Discipulado*, p 20.

³²⁰ CORDOBÉS, J. M. *Vocação*, p 1192.

Jesus é o perfeito exemplo nesse quesito, pois sempre buscava estar a sós com Deus em oração para discernir e refletir sobre suas ações no exercício de sua vocação messiânica. O silêncio como oração atenta ao falar de Deus é essencial para discernir se os passos realmente fazem parte da vida do discípulo cristão.

O discípulo de Jesus não precisa abandonar a sua profissão secular para exercer a vocação na dinâmica do discipulado, mas viver como discípulo de Cristo dentro da sua realidade. O diferencial não é a profissão que se exerce e, sim, como exercê-la. Não significa que todos os discípulos devem se tornar clérigos³²¹ na igreja (sendo que alguns recebem tal chamado), porém, para que dentro de sua habilidade, sua área de atuação, possa revelar a sua vocação com filho/a de Deus, discípulo de Cristo.³²²

O silêncio pode tanto ser uma resposta positiva como negativa ao chamado de Deus. O ser humano pode responder positivamente com o silêncio da obediência como verdadeiro discípulo, assumindo o estilo de vida de Jesus como o seu próprio, ou negativamente, assumindo uma posição de omissão, ou de surdez diante do chamado de Deus, fazendo-se indiferente. É importante dizer que o ser humano tem escolhas a fazer, a vocação não é uma imposição, é um chamado, e cada qual responderá conforme lhe aprouver. O verdadeiro discípulo não responde só com palavras (que são importantes), mas também responde com o silêncio da obediência, silêncio das ações, é aquele que transforma a realidade na qual está inserido.

É importante ressaltar que a vocação não é algo pronto e acabado, ela vai sendo construída a cada dia. Uma das formas de Deus falar ao seu povo, de revelar e confirmar a “vocação à qual foste chamado” é por meio da natureza. A natureza com sua beleza, sua força e mistério tem sido fonte de revelação de Deus.

³²¹ Importante ressaltar que os clérigos também são discípulos de Cristo, porque ser discípulo de Cristo independe do cargo ou função que se exerce na igreja.

³²² Aqui é pertinente lembrar a reforma protestante que afirma a importância do “sacerdócio de todos os crentes” que enfatiza a participação de todo cristão na missão de Deus.

4.1.3. Interação com a natureza (ou mística ecológica)

Uma das formas de Deus falar ao seu povo, de revelar e confirmar a “vocação à qual foste chamado”, é por meio da natureza. A natureza com sua beleza, sua força e mistério tem sido fonte de revelação de Deus.

O mundo criado por Deus é o espaço onde o discípulo pode e deve exercer sua vocação, sabendo que, em conjunto com sua vocação pessoal, existe o chamado coletivo para o cuidado com o mundo criado. O discípulo chamado por Cristo está(rá) sempre na condição de discípulo e, por isso, sempre necessita(rá) aprender mais de Jesus, o Mestre.

Jesus em sua vida terrena falou de diversas formas e uma delas foi por meio da natureza (que é obra da mão de Deus), do mundo criado, para se comunicar, ensinar aos seus discípulos as verdades do Reino de Deus. Em alguns textos bíblicos, Jesus convidava os seus ouvintes a olharem, a admirarem a natureza para que as verdades proferidas fossem compreendidas por eles. Ele lhes falava de forma compreensível, falando da natureza que lhes era comum.

Para a prática da meditação e contemplação, o silêncio é fundamental, entretanto, a natureza também está inserida nessa realidade, pois, ao contemplar a grandiosa obra da criação, o ser humano se questiona com relação à totalidade do universo, com sua formação, depara-se com a “poder” da natureza, a qual é uma das formas de revelação de Deus já que Ele está presente em todas as coisas através do seu Espírito, “Deus está na criação e a criação está em Deus. A comunhão divina plenifica o mundo”³²³

Para Moltmann, a morte e o sofrimento de Jesus na cruz possibilitaram (mediante a ressurreição) a reconciliação de Deus com toda a criação, o que inclui também a natureza, de forma a irromper uma nova criação tanto pessoal quanto cósmica.³²⁴ Por isso, a salvação é uma questão atual, principalmente quando não é restringida à subjetividade humana, porque, ao ser vivida autenticamente, ela transcende a vida privada e assume uma amplitude cósmica.³²⁵ A salvação de Deus não é somente para o ser humano, mas para *toda* a sua criação.

³²³ MOLTSMANN, J. & BASTOS, L. *O futuro da criação*, Rio de Janeiro, Mauad X & Instituto Mysterium, 2011, p 53.

³²⁴ Cf. *Ibid.*, p 108. A nova criação cósmica elaborada por Moltmann é mencionada no tópico 3.4.2. Encontro com Deus silencioso.

³²⁵ Cf. *Ibid.*, p 117.

O ser humano, ao se acalmar, relaxar a sua mente, seu coração, diante da vastidão da natureza e do mundo, ele se depara com algumas novas inquietações, tais como: como tudo isso foi feito, ou quem fez tudo isso? O discípulo de Cristo descansa na confiança de saber que o mistério da criação possui a mão de Deus. Ainda assim se questiona, em sua curiosidade, como tudo se originou.

Essa inquietação leva o ser humano a se perguntar por Deus, pelo transcendente, ou seja, a natureza com o seu silêncio encantador o chama ao diálogo com Deus, que por sua vez o chama, com Seu amor, a fazer parte da constante tarefa de reconstruir e renovar a vida no mundo. O ser humano responde a esse convite agindo responsabilmente para com a natureza, a qual deve ser a resposta do discípulo de Cristo, porque a atitude dos que foram alcançados pelo amor de Deus frente à criação deve ser um ativo engajamento com objetivo de redenção da Criação.³²⁶ Segundo Bastos:

O que se pode concluir é que o ser humano é vocacionado a intervir na história humana e na criação, tornando-se partícipe do agir Divino, visto que a criação ainda não encontrou seu fim, pois, a partir do Messias, o mundo como um todo torna-se uma criação Divina aberta para o futuro.³²⁷

É um convite à responsabilidade de cuidar da natureza, não apenas usufruir dos seus benefícios. É possível dizer que hoje a natureza “tem gritado por socorro” e, alguns seres humanos têm se emudecido, se omitido. No entanto, se essa realidade não mudar, amanhã os seres humanos gritarão e a natureza emudecerá, por não poder responder devido à sua destruição, seu uso irresponsável.

Alguns seres humanos têm vivido o silêncio da omissão diante da destruição ou mau uso da natureza. A natureza silenciará devido ao silêncio do ser humano hoje. Para que isso não aconteça, é preciso mudar a visão do ser humano com relação à natureza, mudar a visão de que tudo foi criado para e por causa dele, é preciso abandonar uma visão antropocêntrica que, muitas vezes, leva o ser humano a se colocar no lugar de Deus, ao invés de parceiro Divino no cuidado com a natureza, de criaturas “cocriadoras”.³²⁸

³²⁶ Cf. MOLTMANN, J. & BASTOS, L. *O futuro da criação*, p 118-119. Esse livro faz uma excelente abordagem da relação do ser humano com o mundo criado.

³²⁷ Ibid., p 127.

³²⁸ Cf. Ibid., p 129-130.

O discipulado cristão precisa despertar para a necessidade de criar, viver uma Teologia Ecológica (ou mística ecológica) que aborde a importância da natureza, não somente pela preocupação pela vida do ser humano, mas por respeitar Deus na natureza e a natureza em Deus, e, ao mesmo tempo, torna-se pertinente criticar a cultura atual de domínio e exploração da natureza, com o intuito de proporcionar uma comunhão da cultura e da natureza que seja duradoura e com possibilidade de sobrevivência.³²⁹ Barrero explica que:

A contemplação é uma dimensão essencial à vida humana. As pessoas que nunca contemplam um rosto, uma flor, um bichinho, uma paisagem e tantas outras coisas belas são pessoas mutiladas. Quando acordamos a criança contemplativa que vive em nós, somos felizes, vivemos num mundo encantador como as crianças e, como elas, descobrimos com os sentidos e criamos com a imaginação mundos novos e encantadores.³³⁰

Sendo assim, a contemplação é essencial ao ser humano e, ao mesmo tempo, pode-se dizer que a natureza é essencial à contemplação. Ao silenciar-se para contemplar a natureza, a sua grandiosidade, a sua beleza, o discípulo silencia-se para crescer no conhecimento de Deus, para ouvir Seus ensinamentos, receber o Seu amor, para conhecer a Deus que se revela na sua criação.

A natureza é como um espelho revelatório da glória de Deus (Sl.8,3-9; Rm. 1,18-20). Nela, o Deus Trino se deixa conhecer a Seus filhos, dando testemunho de Seu eterno poder e misericórdia. Na criação, Deus não responde às perguntas da curiosidade humana, mas sim dá um sentido para a condução da vida. [...] Os que veem na criação como um todo a ação amorosa Divina, a este foi, pois, revelado o seu sentido mais profundo.³³¹

Silenciar-se diante da criação para ouvir as palavras da Palavra, para olhar as ações de Jesus, para contemplar com os sentidos da vida, ou seja, com o ser por inteiro, faz-se necessário à experiência de ser amado por Deus e de responder a esse amor amando a Deus, ao próximo, à natureza. Ao contemplar e refletir em si mesmo em meio à natureza, o discípulo descobre o amor de Deus para como o ser humano e, conseqüentemente, o seu olhar para com o outro deve ser cheio da graça e misericórdia de Deus, por descobrir o imenso amor do Criador para com *toda* a sua obra criada. Por isso, o silêncio pode ser um ato de reverência a Deus,

³²⁹ Cf. MOLTMANN, J. & BASTOS, L. *O futuro da criação*, p 52.

³³⁰ BARRERO, A., *A contemplação da vida de Jesus Cristo*, p 186.

³³¹ MOLTMANN, J. & BASTOS, L. op. cit., p 133.

já que as palavras não são o suficiente para expressar a grandiosidade da experiência vivida nesse Deus que se revela em Sua criação de forma amorosa.³³²

O seguimento de Cristo deve incentivar o silêncio de meditação e contemplação, valorizando tanto o silêncio para ouvir Deus que fala por meio da natureza quanto o silêncio para ouvir o clamor da natureza por socorro, não se isentando da responsabilidade, não se omitindo, mas falando e agindo em favor dela.

4.2. Redescobrimo o Deus silencioso para o discipulado

O silêncio é uma forma de autoconhecimento do ser humano e pode ser um dos caminhos para se conhecer Deus. Na vivência do silêncio, é possível perceber que o Deus de Jesus é também um Deus silencioso, que age em silêncio, que ouve e fala por meio do silêncio.³³³ Isso revela que o verdadeiro discípulo de Cristo precisa viver o silêncio como forma de ouvir Deus, de agir, e de falar de Deus, porque o silêncio pode expressar mais do que muitas palavras.

Se Deus é silêncio amoroso, seus discípulos também necessitam viver esse silêncio. Não existe somente o silêncio do ser humano em escuta ou em resposta de obediência a Deus, há também o silêncio de Deus como resposta ao ser humano, que pode até gerar o sentimento de abandono, mas, o verdadeiro discípulo (que valoriza o silêncio) sabe que esse silêncio não é ausência, porque Deus também se faz presente em meio ao silêncio e fala ao seu povo por meio desse. Bento XVI defende que:

todos nós conhecemos Deus quase só por ter ouvido falar dele, e quanto mais abertos permanecemos ao seu e ao nosso silêncio, tanto mais começamos a conhecê-lo realmente. Esta confiança extrema que se abre ao encontro profundo com Deus amadureceu no silêncio.”³³⁴

Assim sendo, para ser discípulo de Deus não é preciso ser barulhento, é preciso intimidade, confiança em Deus cultivada no silêncio. Às vezes, é

³³² Bastos afirma que “Quando Deus faz existir tudo o que há, o faz movido por um designo gracioso, apaixonado. Criar é para Deus um ato de rebaixamento constante. Somente por meio de Seu autoesvaziamento é que se fez possível a vida. A criação é, pois, um indicativo de que o amor Divino não encontrará jamais qualquer limitação.” MOLTSMANN, J. & BASTOS, L. *O futuro da criação*, p 153.

³³³ Para mais informações, consultar o tópico 3.4.3. Deus é silêncio amoroso.

³³⁴ PAPA BENTO XVI, *O papel do silêncio na vida de Jesus*.

necessário silenciar os barulhos da alma, mente e coração, assim como os barulhos externos, para ouvir Deus. Deus é mistério e permanece mistério mesmo quando se revela por meio de palavras, ações ou silêncio, porque o conhecer a Deus é um conhecimento sempre parcial, nunca o é em sua totalidade. O conhecimento que o ser humano pode adquirir de Deus nunca se esgota, sempre há uma novidade da parte Dele. Por isso, talvez, possa se dizer que o silêncio é uma das formas que melhor revela Deus, por deixar que Ele seja Deus ao invés de aprisioná-lo nas palavras e ações humana.

O discipulado como um estilo de vida deve proporcionar ao ser humano uma experiência de Deus também em meio ao silêncio, nas suas diversas formas, já que Deus também é e está no silêncio, o que é verificável na vida de Jesus que conjugava perfeitamente a dialética do silêncio e palavras, porque Ele falou, mas também ficou em silêncio diante de Deus e dos seres humanos, e também respondeu e recebeu o silêncio como resposta.

Deus em seu trato com os homens também se mostra muitas vezes como o Deus calado, ainda que muito menos do que o Deus que fala. A palavra substancial de Deus a seu povo que encerra em si toda a profundidade do silêncio e palavra tanto de um como de outro é: “Escuta, Israel...” (Dt 6,4) [...] O silêncio constitui parte essencial da linguagem de Deus; sem ele não se revelaria toda a sua verdade, nem seria possível ao homem captar sua revelação. Deus educa o homem por meio da palavra e do silêncio porque assim lhe revela seu próprio mistério.³³⁵

No discipulado de Cristo, o silêncio deve ser entendido como uma forma de falar de Deus, bem como de receber a Sua resposta. A seguir serão apresentadas algumas áreas nas quais a vivência do discipulado pode e deve resgatar a presença do silêncio e seus prováveis significados para o crescimento e realização da missão do discípulo fiel.

4.2.1. Saber quando falar e quando calar

Jesus ensina com sua vida aos seus discípulos que o silêncio pode ser uma forma de sabedoria, de indignação, de solidariedade e, por isso, é preciso saber

³³⁵ KAUFMANN, C., *Silêncio*, in RODRIGUÉZ, A. A & CASAS, J. C. (Org.), *Dicionário Teológico da vida consagrada*, São Paulo, Paulus, 1994, p 1036.

quando, onde e o que falar porque, às vezes, a melhor palavra pode ser o silêncio, assim como foi em algumas situações de sua vida.³³⁶

Seguir Jesus é seguir o seu estilo de vida,³³⁷ e sabe-se que em sua vida o silêncio foi tão importante quanto suas palavras. Então, o discípulo de Jesus precisa saber que tanto o falar como o calar são fundamentais, saber qual a hora exata para o silêncio, ou para o anúncio, saber quando se torna necessário responder com palavras ou com silêncio.

Em sua vida terrena, Jesus ensinava os seus discípulos questões pertinentes a respeito da vida, de como eles deveriam vivê-la, tais como: a oração, os mandamentos, o servir (lava pés), entre outras. Essas questões são importantes não somente para a vida celestial, mas para o momento atual, para a construção do Reino de Deus. “Os discípulos escutam o ensino de Jesus e são eles mesmos destinatários de um ensino particular, aceitando, assim, Jesus como mestre.”³³⁸ Por isso, o discipulado também precisa cultivar a dimensão pedagógica, ensinar para a vida. Rahner, no livro *Curso fundamental da fé*, escreve um capítulo com o título *O ouvinte da Palavra* que fala a respeito do ser humano e de sua condição primeira de ouvinte da palavra:

Se antes de tudo devemos falar do homem que deve ser o ouvinte da mensagem do cristianismo, se, neste sentido, falamos de pressupostos, o que queremos frisar é a maneira como se entrelaçam tais pressupostos e a mensagem do cristianismo. Dizer isso não significa, porém, que o cristianismo considere esses pressupostos como simplesmente dados e prontos e como se tivessem sido já realizados e exercidos por todos os indivíduos de forma reflexiva e, sobretudo livre, de tal sorte que onde esses pressupostos não tivessem presentes não houvesse nenhum ouvinte potencial da mensagem cristã.³³⁹

Assim, entende-se que, antes de o discípulo sair falando do Mestre, ele precisa ouvir, e ouvir atentamente a palavra do Mestre. Na pedagogia de Jesus, o silêncio esteve presente, logo, o silêncio é de suma relevância para o discípulo que deseja obter a instrução de Deus para a sua vida e ser sábio diante dessa sociedade falante.

O discipulado é relacionamento e, como em todo relacionamento, a comunicação é importante. Ao falar de comunicação, fala-se em silêncio e

³³⁶ Para mais informação sobre o silêncio de Jesus diante de algumas situações da vida, consultar o tópico 3.2.3. Silêncio que causa admiração.

³³⁷ Cf. RETAMALES, S. S.; OPORTO, S. G.; AGUIRRE, R. *Kerygma*, p 55.

³³⁸ *Ibid.*, p 54.

³³⁹ RAHNER, K. *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*, São Paulo, Paulinas, 1989, p 37.

palavra, ou seja, para se bem comunicar é preciso saber a hora de calar e a hora de falar. Na vida relacional, o silêncio é fundamental, é necessário saber respeitar a vontade do outro em se manter em silêncio, assim como, saber quando o seu ficar em silêncio é a melhor opção, tornando-se um ato de amor. As pessoas estão sempre procurando palavras para falar, pois o silêncio as incomoda, mas, com isso, acabam caindo no erro de falar na hora errada, ou até mesmo de falar a palavra errada. É *mister* aprender a ouvir o que o silêncio diz e a falar com ele.

O silêncio pode ser a melhor resposta, pode representar maior sabedoria, como foi com Jesus em alguns momentos. A sabedoria não é sinal de tagarelice, ou mesmo necessidade de sempre se ter resposta prontas. O silêncio pode ser a resposta mais sábia, que mostre maior perspicácia. No caso de Jesus diante de Pilatos, o que mais se evidenciou foi a sua determinação ao permanecer em silêncio, causando admiração em seu acusador. O Seu silêncio não o impediu de passar pelas dores/sofrimento e morte na cruz, mas o exaltou diante dos seres humanos.

No entanto, Jesus também ensina que o silêncio pode ser maldoso, de má índole quando usado de forma errada, com intenções de prejudicar, de omitir informações importantes a outras pessoas.³⁴⁰ Por isso, torna-se tão importante para a vivência do discipulado uma instrução eficaz sobre a necessidade de saber calar e como saber falar. O silêncio não deve ser usado pelo discípulo como resposta de indiferença, com o intuito de causar dor ou ser maldoso para com o próximo. O discípulo de Jesus viverá o silêncio como ato de amor, de ensino, de sabedoria. O discipulado também deve favorecer o silêncio nas celebrações cúlticas das comunidades eclesiais.

4.2.2. Liturgia silenciosa (culto)

Sabe-se que, atualmente, a escolha da religião é muito subjetiva, ou seja, escolhe-se a religião/igreja de acordo com o gosto de cada um, com o que lhe agrada. Tal situação favorece o trânsito religioso, que está cada vez mais “engarrafado” devido à intensa movimentação dos “fiéis” (que já não são tão fiéis

³⁴⁰ O salmista, diante de suas transgressões, revela que o silêncio pode causar dor ao declarar que “Com o silêncio fiquei mudo; calava-me mesmo acerca do bem, e a minha dor se agravou.” Salmos 39.2.

assim). Desse modo, os cultos parecem estar mais voltados para as pessoas do que para Deus, as liturgias parecem focar os interesses pessoais, tornam-se mais personalistas, sem contar no preconceito para com a expressão litúrgica por pensar se tratar apenas de ritualismo ou formalidade.

Ao se falar de liturgia³⁴¹, não se fala apenas de ritos, mas de celebração, de vida, de comunicação. A liturgia é obra de Deus por excelência e, ao mesmo tempo, é ação mais profundamente humana, é um verdadeiro encontro dialogal entre Deus e o ser humano na comunidade e através dessa. A palavra *leitourgía* (do grego *laos* = povo e *ergon* = obra) de modo geral significa “obra do povo” ou “obra para o povo”.³⁴² “Liturgia é acolhida, comunhão e resposta.”³⁴³ A espiritualidade litúrgica tem o seu fundamento no discipulado, porque significa viver como Cristo no dom de si mesmo e, conseqüentemente, no serviço ao próximo, crescendo harmoniosamente no dom da vida.³⁴⁴

Nas celebrações cúlticas, nas reuniões de grupos de discipulados, a liturgia deve se fazer presente. Entretanto, em algumas igrejas, as liturgias têm sido substituídas, ou melhor, realizadas apenas por meio das músicas, de forma que os cultos assumem características de shows gospel.³⁴⁵ Por isso, o discipulado precisa resgatar o valor da liturgia, principalmente a questão do silêncio, já que o discipulado não é contrário à liturgia e nem a liturgia é contrária ao discipulado.

É inegável uma “redescoberta” do silêncio litúrgico. Silêncio sagrado: não como elemento absoluto e insubstituível, de caráter mágico, necessário e significativo em si mesmo; mas silêncio de participação: condição espiritual para a inserção no mistério celebrado, para a escuta da Palavra e para a resposta da assembleia, momento privilegiado do Espírito que faz crescer a comunidade em templo santo; silêncio expressivo: que circunda a ação salvífica de Deus e a sua Palavra, sinal de fé e de reverência profunda da comunidade; silêncio pedagógico: “silêncio iniciador”, como dizia Dionísio Areopagita, capaz de criar o clima e as atitudes espirituais necessárias à experiência litúrgica e de oferecer às pessoas,

³⁴¹ Não há a intenção de se fazer uma extensa explanação sobre o significado da palavra liturgia. Para mais definições e esclarecimento a respeito dessa, bem como a evolução em sua conceituação, consultar: MARSILI, S. *Liturgia*, in SARTORE, D.& TRIACCA, A. M. (Org.), *Dicionário de Liturgia*, São Paulo, Paulus, 1992, p 638-651.

³⁴² Cf. BOROBIO, D. *Celebrar para viver: liturgia e sacramentos da Igreja*, São Paulo, Loyola, 2009, p 17-19.

³⁴³ CASTELLANO, J. *Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência*, São Paulo, Paulinas, 2008, p 97.

³⁴⁴ Cf. *Ibid.*, p 85.

³⁴⁵ No primeiro capítulo, foi realizada uma breve análise da igreja a respeito do silêncio no tópico 2.3. Caminhos e descaminhos do silêncio nas tradições eclesiais, que trata de algumas características das igrejas atuais, dentre essas, encontra-se o tópico 2.3.2. Igrejas midiáticas que aborda a questão dos cultos shows.

comprometidas com a ação comunitária, um espaço vital para a inserção, a assimilação e a interiorização.³⁴⁶

O silêncio pode assumir significados diversos na liturgia, conforme apresentado acima, com o intuito de promover uma participação ativa, jamais fazer dos fiéis meros espectadores. O silêncio litúrgico é fundamental para edificar e formar a comunidade celebrante, ele pode assumir o mesmo vigor que as palavras e o canto.³⁴⁷ De acordo com Nereu de Castro Teixeira³⁴⁸, o silêncio, além de ser comunicação em si mesmo, também exerce uma tríplice função na comunicação, são elas: interiorização por predispor a pessoa para a resposta pessoal e comunitária; escuta porque ouvir é tão participativo quanto falar; e enriquecimento da comunicação falada.³⁴⁹

Este princípio — de que sem silêncio não se sente, não se ouve, não se recebe uma palavra — é válido sobretudo para a oração pessoal, mas também para as nossas liturgias: para facilitar uma escuta autêntica, elas devem ser também ricas de momentos de silêncio e de acolhimento não verbal. É sempre válida a observação de santo Agostinho: Verbo crescente, verba deficiunt — «Quando o Verbo de Deus cresce, as palavras do homem faltam» (cf. Sermo 288, 5: pl 38, 1307; Sermo 120, 2: pl 38, 677).³⁵⁰

A liturgia é celebração, e o silêncio não inviabiliza a celebração, é também uma forma de celebrar. Quando algo é extremamente maravilhoso, o ser humano diz “estou sem palavras”, ou seja, o silêncio adquire sentido de grandiosidade, espetacular. Então, por que quando Deus está falando por meio da pregação o discípulo fica falando? Não caberia o silêncio como sinal de reverência diante da grandiosidade de Deus? Silêncio não é vazio, ou um tempo inútil, ou sinal de pouca espiritualidade. Para o discípulo de Cristo, o silêncio deve ser entendido como uma abertura viva e fecunda para a manifestação de Deus, é sinal de hospitalidade à presença Dele,³⁵¹ e pôr-se a escutar a proclamação das Sagradas Escrituras é nutrir-se da Palavra de Deus, entendendo que escutar não é “um simples fato auditivo, mas ato de posicionar-se sob o olhar do Mestre que está agindo na nossa existência e nos comunica o seu Mistério pra que possamos agir

³⁴⁶ SARTORE, D, *Silêncio*, p 1140-1141.

³⁴⁷ Cf. *Ibid.*, p 1141.

³⁴⁸ Nereu de Castro Teixeira é professor de Liturgia no Instituto de Filosofia e Teologia D. João Resende Costa, da arquidiocese de Belo Horizonte, ligado à PUC-Minas. Também é jornalista, radialista, com especialização em comunicação de massa.

³⁴⁹ Cf. TEIXEIRA, N. de C. *Comunicação na liturgia*, São Paulo, Paulinas, 2003, p 87-86.

³⁵⁰ PAPA BENTO VI. *O papel do silêncio na vida de Jesus*.

³⁵¹ Cf. DONGHI, A. *Gestos e palavras na liturgia*, São Paulo, Loyola, 2009, p 40.

na vida cotidiana segundo os seus ensinamentos.”³⁵² Castellano confirma esse argumento ao dizer que:

a escuta da palavra acontece no silêncio e tem como primeira resposta a adesão à fé. Deve-se escutar a Palavra em um silêncio total, não apenas de mente, mas também de coração, em um ambiente de silêncio exterior. A Palavra é dirigida a toda a pessoa e não somente a sua inteligência. Todo o ser humano deve fazer-se silêncio: um vazio que acolhe a Palavra.³⁵³

Não se pretende excluir a palavra das celebrações cúlticas, mas enfatizar a importância do equilíbrio entre palavra e silêncio, saber quando falar e quando calar na liturgia para não cair nas vãs repetições, na tagarelice. No verdadeiro discipulado, há a palavra do discípulo e o silêncio de acolhida de Deus, e também há o momento da Palavra de Deus e a escuta do discípulo, para então agir segundo a orientação de Deus na missão. O discípulo de Cristo sabe que silêncio não é pouca espiritualidade, é uma sede viva da Palavra de Deus, de estar com Deus, é lugar de aprofundamento, da meditação, do discernimento da palavra. “O silêncio faz emergir a urgência de atingir a plenitude da comunhão-comunicação com o Absoluto.”³⁵⁴

No trabalho de elaboração de liturgias, é preciso levar em consideração a realidade das comunidades que irão celebrá-las, reconhecer a característica dessa comunidade, pois a presença do silêncio também pode variar de acordo com essas características. Teixeira apresenta alguns exemplos, tais como:

Assembleia majoritariamente de crianças exige muito mais barulho, movimentação, ação, ruídos. As crianças devem ser iniciadas no silêncio, mas não são maduras para o silêncio. Assembleia marcadamente jovem também não suporta momentos longos de silêncios, a não ser em situações muito especiais (retiros, encontros etc.). Também devem ser iniciados na capacidade de silenciar, especialmente nas celebrações litúrgicas. [...] Assembleia de gente do campo, muito mais habituada a viver em silêncio e isoladamente, separada pelas distâncias, tem mais que falar, cantar, do que silenciar em suas celebrações, a não ser nos momentos próprios de interiorização. Assembleia urbana, dilacerada por todo tipo de ruídos, necessita encontrar na ação de celebrar uma pausa, uma serenidade, uma introspeção que só o silêncio pode ajudar a favorecer. Pelo menos na ação celebrativa, deve haver um repouso à agitação da vida, aos desafios da sobrevivência, à “selva” dos meios de comunicação e ao consumismo atual.³⁵⁵

³⁵² DONGHI, A. *Gestos e palavras na liturgia*, p 49-50.

³⁵³ CASTELLANO, J. *Liturgia e vida espiritual*, p 306. “O Concílio voltou a destacar o valor do silêncio sagrado para acolher a Palavra (SC 30) como expressão de escuta, de meditação e de resposta plena e inefável. A palavra brota do silêncio, exige-o, preenche-o. As palavras e as orações que não procedem desse silêncio são apenas ruídos.” *Ibid.*, p 306.

³⁵⁴ DONGHI, A. *op. cit.*, p 41.

³⁵⁵ TEIXEIRA, N. de C. *Comunicação na liturgia*, p 88.

As liturgias precisam sempre proporcionar momentos de silêncio, porém, não necessariamente devem ter a mesma forma, a mesma intenção, o mesmo tempo de duração, contudo, em todas ele é indispensável. O silêncio é parte integrante da celebração cúllica, da vida de um discípulo de Jesus, não como alienação ou fuga, mas como momentos fecundos na presença de Deus.

Na vivência do discipulado cristão, a liturgia não deve ser feita apenas de silêncio, no entanto, é preciso separar espaço e valorizar o silêncio. Para o discípulo de Cristo, o silêncio não é expressão de pouca espiritualidade ou falta de intimidade com Deus, mas é encontro com Deus, é profundidade no relacionamento com Ele, é sede de ouvir Deus e obedecê-Lo, é expressão de louvor e adoração ao Deus silencioso. No silêncio da liturgia, das meditações pessoais, ouve-se de Deus e o discípulo é convidado a falar desse Deus, a expandir o Reino de Deus, vivendo a evangelização, que também precisa do silêncio.

4.2.3. Silêncio Evangelizador

A igreja deve ser essencialmente missionária, logo, o discípulo de Cristo deve estar inserido diretamente na missão de Deus. “A missão precede o discipulado e, ao mesmo tempo, é consequência dele.”³⁵⁶ De acordo com Bombonato, o discipulado e a evangelização são realidades totalizantes da vida cristã que devem ser harmoniosamente inter-relacionados, porque para evangelizar é preciso ser um discípulo de Cristo e o discipulado conduz à evangelização.³⁵⁷ O foco da missão de Deus não é o discípulo como o anunciador, e, sim, a mensagem anunciada, que é Jesus como salvador, porque Cristo não é só o arauto ou mensageiro de Deus, mas é a mensagem e seu único proclamador.³⁵⁸ David J. Bosch faz uma distinção de missão e missões:

Temos de distinguir entre missão (no singular) e missões (no plural). O primeiro conceito designa primordialmente a *Missio Dei* (missão de Deus), isto é, a autorevelação de Deus como aquele que ama o mundo, o envolvimento de Deus no e com o mundo, a natureza e atividade de Deus, que compreende tanto a igreja quanto o mundo, e das quais a igreja tem o privilégio de participar. *Missio Dei* enuncia a boa nova de que Deus é um Deus-para as/pelas pessoas. Missões (as

³⁵⁶ RETAMALES, S. S.; OPORTO, S. G.; AGUIRRE, R. *Kerygma*, p 5.

³⁵⁷ Cf. BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p 251

³⁵⁸ Cf RETAMALES, S. S.; OPORTO, S. G.; AGUIRRE, R. *Kerygma*, p 11.

missiones ecclesiae [“missões da igreja”]: os empreendimentos missionários da igreja) designa formas particulares, relacionadas com tempos, lugares ou necessidades específicos, da participação na *missio Dei*.³⁵⁹

Assim sendo, entende-se que a missão é de Deus e o discípulo (igreja) tem a alegria de participar fazendo missões, ou seja, participando do movimento de amor de Deus para com as pessoas, pois Deus é uma fonte de amor que envia.³⁶⁰ A missão da igreja está enraizada na revelação de Deus na pessoa de Jesus de Nazaré, anunciando a boa nova de salvação. A *Missio Dei* inclui a evangelização.³⁶¹

A evangelização é a proclamação da salvação em Cristo às pessoas que não creem nele, chamando-as ao arrependimento e à conversão, anunciando o perdão do pecado e convidando-as a tornar-se membros vivos da comunidade terrena de Cristo e a começar uma vida de serviço aos outros no poder do Espírito Santo.³⁶²

Ganhar pessoas para Jesus significa ganhar sua dedicação às prioridades de Deus. Deus deseja não apenas que sejamos resgatados do inferno e redimidos para o céu, mas também que em nós – e, através de nosso ministério, igualmente na sociedade em torno de nós – a “plenitude de Cristo” seja recriada, a imagem de Deus seja restaurada em nossas vidas e relacionamentos.³⁶³

Na evangelização, mais importante que falar da Palavra de Deus é vivê-la, porque “a Palavra de Deus é palavra de vida: Palavra do Deus vivo, que comunica a vida, dirigida a homens vivos, para ser vivida! Sua natureza exige que seja experimentada, que seja posta em prática. Do contrário trai-se a mensagem.”³⁶⁴ Ou seja, mais importante do que a palavra é o exemplo, as ações, realizadas pelo discípulo de Jesus que não deve simplesmente falar de Jesus, e, sim, viver como Jesus.³⁶⁵

Ao estudar os textos bíblicos, é possível perceber que Jesus ouve os que o procuravam antes de realizar os milagres. Em algumas narrativas, Ele pergunta “O que queres que eu te faça?” Jesus que é a Palavra de Deus se fez silêncio no anúncio do Reino de Deus ao calar-Se para ouvir a necessidade daqueles que o procuravam. Assim, seus discípulos, ao evangelizar, ao anunciar a Palavra de

³⁵⁹ BOSCH, D. J. *Missão transformadora*, p 28.

³⁶⁰ Para mais informações sobre missão como *Missio Dei*, consultar Ibid., p 466-470.

³⁶¹ O termo evangelização aqui empregado refere-se às atividades que implicam na difusão, na propagação do Evangelho.

³⁶² Ibid., p 28.

³⁶³ Ibid., p 500. Essa é uma das afirmações de Bosch ao desenvolver uma excelente abordagem para a compreensão construtiva do evangelismo. Ibid., p 492-503

³⁶⁴ CASTELLANO, J. *Liturgia e vida espiritual*, p 308.

³⁶⁵ Bosch enfatiza que “ação sem palavra é muda; a palavra sem ação é vazia. Palavras interpretam ações, e ações validam a palavra, o que não significa que cada ação tenha que se fazer acompanhada de uma palavra ou vice-versa.” BOSCH, D. J. op. cit., p 502.

Deus, devem também silenciar-se para ouvir a necessidade das pessoas evangelizadas, “quem ouve mal não é um bom discípulo.”³⁶⁶

Bonhoeffer afirma que o primeiro serviço que um discípulo de Cristo deve realizar dentro da comunidade é ouvir o seu próximo, pois já que o amor a Deus começa em ouvir a sua Palavra, assim também o amor ao próximo consiste em ouvi-lo e, por isso, ao ouvir o próximo, se faz a obra de Deus.³⁶⁷

Alguns cristãos, especialmente os pregadores, muitas vezes acreditam que cada vez que eles se encontram com outros homens, seu único serviço é o de “oferecer-lhes” algo. Esquecem-se de que a escuta pode ser mais útil do que o falar. Muitas pessoas estão procurando alguém que vai ouvi-las e não encontram entre os cristãos, porque eles começam a falar, mesmo quando eles deveriam ouvir.³⁶⁸

Na evangelização, é comum a falação, a tagarelice. O “discípulo” acredita sempre ter o que falar e que, para anunciar o amor salvador de Deus, precisa falar compulsivamente, esquecendo-se de que o silêncio da escuta também pode ser uma forma de revelar o amor de Deus. O silêncio na evangelização não é só ficar sem falar, mas é estar com os ouvidos atentos ao que o outro tem a dizer, é se importar/valorizar com o que o outro está dizendo. Assim, o verdadeiro discípulo de Cristo deve ouvir com os ouvidos de Deus e falar com a Palavra de Deus.³⁶⁹

A evangelização é constituída de silêncio e palavra. Quem não se põe em silêncio para ouvir com paciência o que os outros falam, ou que pensa que o seu tempo é valioso demais para perder ouvindo os problemas dos outros, nunca encontrará tempo para Deus e para o próximo, torna-se uma pessoa egoísta, voltada somente para si e para os seus interesses. Dessa maneira, não está apta a ser um verdadeiro discípulo de Cristo, porque Jesus parava para ouvir atentamente ao Pai e às pessoas que o procuravam.

Bosch diz que a missão não é simplesmente transformar pessoas em novas criaturas, consiste em tornar os novos crentes sensíveis às necessidades de outras pessoas, porque o Evangelho não pode ser boa nova se suas testemunhas são incapazes de se atentar para as necessidades reais das pessoas.³⁷⁰

O caminho do diálogo deve ser o caminho trilhado na evangelização. O diálogo implica ouvir com atenção para depois responder. Dialogar não é

³⁶⁶ STOTT, J. *Ouçã o Espírito, ouçã o mundo*, p 113.

³⁶⁷ Cf. BONHOEFFER, D. *Vida en comunidad*, p 90.

³⁶⁸ *Ibid.*, p 90.

³⁶⁹ Cf. *Ibid.*, p 92.

³⁷⁰ Cf. BOSCH, D. J., *Missão transformadora*, p 110-152.

sinônimo nem tão pouco um substituto da evangelização, é uma conversação séria na qual se está disposto a ouvir e a aprender, bem como a falar e a ensinar. A evangelização vai além do falar de Deus, de Jesus, está inter-relacionada com a comunhão, com as relações humanas e, assim, com Deus. Em alguns casos, é realizada com certa soberba, porque o evangelizador julga ser possuidor de toda verdade, menosprezando o que o outro tem a falar ou até mesmo o que ele sente, e, principalmente, esquecendo que Deus é Mistério, e, por isso, não é possível conhecê-lo em sua totalidade.³⁷¹

É importante lembrar que o próprio Jesus anunciava o Reino de Deus a partir do conhecimento dos seus ouvintes. Sendo assim, na evangelização, é preciso ouvir as necessidades das pessoas para então poder revelar a salvação em Jesus. Mas, é preciso lembrar que a pessoa que está sendo evangelizada, além de falar de suas necessidades, também tem a liberdade para responder ao convite de Jesus para se tornar seu discípulo. Aquele que aceita ser discípulo de Cristo deve viver como Jesus viveu, falar e silenciar como Ele, torna-se parte do Reino de Deus e, por isso, se coloca a serviço.

Então, pode-se dizer que o Deus silencioso também usa o silêncio na concretização da *missio Dei*, para viabilizar a tarefa da evangelização. O discípulo de Cristo na tarefa da evangelização precisa estar pronto a ouvir, a silenciar-se para que Deus seja revelado em seu amor no ouvir as pessoas.

4.3. Discipulado e silêncio solidário: A eloquência da solidariedade

Ao viver o silêncio, o discípulo torna-se um bom amigo de Deus, pois se põe a escutá-lo e a ser escutado por Ele, é uma profunda relação de amizade na qual à escuta é primordial.³⁷² Ao tornar-se amigo de Deus, Ele revela a sua vontade, o que O entristece. Mediante essa revelação, o discípulo pode responder

³⁷¹ Não se pretende tratar a questão da pluralidade religiosa, apenas declarar que o ser humano, discípulo de Cristo, não possui todo o conhecimento de Deus, toda a Verdade de Deus, o seu conhecimento é parcial e limitado, até porque “Mais que verdades abstratas e conservadoras num depósito como receitas infalíveis, o conteúdo da revelação é o próprio Deus que se autocomunica como amor em nosso favor, para que façamos a verdade livremente e por amor. O que Deus nos entrega não são verdades isoladas, mas sua íntima amizade.” ESPEJA, J. *Espiritualidade cristã*, Petrópolis, Vozes, 1994, p 200.

³⁷² Em João 15.15, Jesus não chama os seus discípulos servos, mas amigos porque eles tinham tomado conhecimento do que Jesus ouviu do Pai, ou seja, uma relação de amizade na qual eles escutaram a Jesus, sabiam o que Ele ia fazer. O silêncio da escuta é importante para a amizade com Deus, demonstra o interesse em saber e disposição em estar atento ao Seu falar.

de diversas formas, até mesmo com o silêncio: silêncio da omissão ou silêncio de obediência. O discipulado que se põe em constante tagarelice dificilmente desenvolverá fieis amigos de Deus, porque não está disposto a ouvir o desabafo de Deus contra a injustiça.

O discípulo como amigo de Deus se põe a serviço do Reino³⁷³ com o intuito de colaborar com o seu Amigo (Deus), logo, é aquela pessoa que se envolve com as questões sociais e não fica indiferente ao sofrimento na sociedade atual. Não busca no barulho a fuga do seu compromisso com a sociedade, e não faz do silêncio um ato de omissão.

Não se pode julgar da autenticidade do evangelho anunciado pela análise das palavras. As palavras podem significar muitas coisas de acordo com a mentalidade de quem as recebe. Um discurso de libertação pode produzir alienação dos ouvintes. O caso não é imaginário. Aconteceu que havia pessoas que repetiam sem cessar um discurso de libertação e nunca faziam nada: as palavras serviam de cobertura para esconder a alienação da pessoa. O fato é tão comum que somente os interessados não se dão conta dele.³⁷⁴

Sendo assim, não adianta falar de um Deus solidário se não há ações solidárias na vida dos cristãos, ou mesmo dizer que Deus é amor se não encontra atitudes de amor na vida do cristão. Fazer parte do discipulado de Jesus é fazer o mesmo que Ele e, certamente, Ele se dedicou para mudar aspectos importantes na realidade de sua sociedade, para transformar situações de morte em vida. Assim sendo:

realizar a identidade cristã segundo o seguimento [discipulado] de Jesus significa viver em constante tensão entre reproduzir e atualizar o seguimento. O seguidor deve reproduzir a estrutura fundamental da vida de Jesus e, ao mesmo tempo, historicizá-la de acordo com o contexto em que vive.³⁷⁵

Portanto, seguir Jesus não é simplesmente imitá-lo, mas refazer processualmente a estrutura fundamental de sua vida nas mais variadas situações históricas. O discipulado pode ser definido como um caminhar para Deus e com Deus na história, com práticas de justiça e amor terno.³⁷⁶ Dessa forma, o seguimento de Jesus não se torna uma verdade quando o discípulo foge do mundo, mas sim ao amar e servir ao Deus do Reino e as pessoas no mundo.³⁷⁷

³⁷³ Cf. BOMBONATTO, V. *Seguimento de Jesus*, p 251.

³⁷⁴ COMBLIN, J. *Pastoral urbana: o dinamismo na evangelização*, Petrópolis, Vozes, 1999, p 31.

³⁷⁵ BOMBONATTO, V. op. cit., p 273.

³⁷⁶ Cf. *Ibid.*, p 292-295.

³⁷⁷ Cf. BARRERO, A. *A contemplação da vida de Jesus Cristo*, p 194.

É comum as pessoas se refugiarem no barulho para não ter que se posicionar com relação à realidade social em que se está inserido, torna-se conveniente fechar os ouvidos para os gritos de aflições da sociedade. Porém, essa não é a atitude de um verdadeiro discípulo de Jesus, pois ele não buscou nem no barulho e nem no silêncio uma forma de refúgio, ou omissão. Por isso, o Evangelho de Jesus não pode ser pregado desvinculado das preocupações reais, é preciso que as pessoas que sofrem sejam libertas, as pobres recebam cuidados, as excluídas e rejeitadas sejam levadas para casa e todas as pecadoras recebam a oferta de perdão e salvação.³⁷⁸

Os discípulos não devem fazer do seu compromisso com o anúncio do Evangelho um mero falar palavras a respeito de Jesus. O Deus de Jesus é um Deus solidário,³⁷⁹ que, por meio do Seu silêncio, se fez presente com Jesus na cruz e solidarizou-se com todos os injustiçados, rejeitados e marginalizados da sociedade. Automaticamente, os discípulos de Jesus também devem ser solidários para com as pessoas, devem assumir sua responsabilidade junto à sociedade.

4.3.1. Responsabilidade social X assistencialismo

Como explicitado anteriormente, segundo Bonhoeffer, a graça de Deus não dispensa o discipulado porque sem discipulado a graça preciosa transforma-se em graça barata,³⁸⁰ ou seja, não isenta das responsabilidades sociais atuais, pois ser discípulo de Jesus implica seguir o Seu exemplo, e Ele transformou sua sociedade. O discípulo que participa de uma comunidade cristã e vive as transformações que a graça proporciona em sua vida, automaticamente, deve também ter ações que transformem sua sociedade.

Hoje em dia, pode-se dizer que algumas igrejas têm se transformado em verdadeiros “monastérios”, onde os fiéis se separam do mundo, se isolam, criando seu próprio mundo “espiritual”, esquecendo-se do compromisso de ser discípulo de Cristo neste mundo, isentando-se de sua responsabilidade social. A responsabilidade social não é a missão do discípulo, mas faz parte dessa e deve ser vivida por todos os cristãos.

³⁷⁸ Cf. BOSCH, D. J., *Missão transformadora*, p. 153.

³⁷⁹ Para mais informações, consultar o tópico 3.4. Significado do silêncio de Deus: “ausência” como presença solidária.

³⁸⁰ Cf. BONHOEFFER, D. *Discipulado*, p 14-15.

O caminho de Jesus não vai do mundo a Deus, mas de Deus ao mundo, e, por isso mesmo, também deve ser o caminho de todo pensamento cristão. Isto significa que o Evangelho não põe sua essência em resolver problemas temporários, e que tampouco pode consistir nisto a missão essencial da Igreja. A partir daí não se segue, entretanto, que a Igreja não tem qualquer missão a este respeito. Sabemos apenas que a sua missão é legítima se temos encontrado o verdadeiro ponto de partida.³⁸¹

Há situações em que a igreja silencia-se no assistencialismo para não assumir a sua responsabilidade social, omite-se diante dos problemas sociais fazendo-se muda diante das injustiças. Prefere realizar ações assistenciais a favorecer ações que realmente irão fazer a diferença, todavia, que exigem maior compromisso e dedicação de sua parte. Em algumas ocasiões, é comum ela se separar do mundo, ao invés de ser luz no mundo, ao invés de ser voz de Cristo no mundo.

O fiel discípulo de Cristo tem de ter uma ação responsável no mundo, porque imitar a Cristo é se envolver com as necessidades da sociedade, é ter a ação responsável não somente perante Deus, mas também em lugares específicos onde a vida é moldada. “Não se pode ser responsável por si mesmo sem viver em solidariedade com pessoas que compartilham do mundo uns com os outros. Não se pode ser responsável somente por ser a igreja.”³⁸² Por isso, a vida Cristã é vida para o outro.

Moltmann alega que por meio da “inação” o ser humano se torna ainda mais culpado, porque o agir responsável necessita de um amor disposto a se tornar culpado visando à salvação de vidas. Assim, a inocência não é uma virtude cristã, e mais, somente Pilatos é que lavou as mãos na inocência.³⁸³ Jesus tornou-se culpado, colocando a sua inocência de lado e assumindo a sua responsabilidade pelas pessoas, falando com o silêncio diante dos seus acusadores o seu amor para com a humanidade, o qual deve ser seguido pelos seus discípulos.

O amor ao inimigo não é uma opinião ética, mas uma forma convicta de ética da responsabilidade. Não existe paz quando todos os inimigos possíveis e reais são exterminados, mas sim quando a inimizade que mata é superada. [...] Amor ao inimigo não é a mesma coisa que amor à inimizade, mas amor pela pessoa e pela vida do inimigo. Amor também não é a tolerância da inimizade, a qual destrói

³⁸¹ BONFOEFFER, D. *Ética*, Madri, Trotta, 2000, p 276.

³⁸² Cf. CHAVES, I. S. *Ética cristã e pós-modernidade*, Niterói, Epígrafe, 2009, p 96.

³⁸³ Cf. MOLTSMANN, J. & BASTOS, L. *O futuro da criação*, p 66. Moltmann fala de um “engajamento amargo”, ou seja, quando não resta alternativa a não ser a resistência violenta por amor às vítimas, o que não dispensa o reconhecimento da culpa, mas que tem absolvição, sendo que jamais se torna igual aos opressores.

interiormente o inimigo, mas é um trabalho inteligente e criativo pela libertação do inimigo e de sua inimizade.³⁸⁴

Jesus chama os seus discípulos a viver esse amor no qual as pessoas se fazem responsáveis umas pelas outras, o amor que supera a inimizade. Ele chama a uma situação concreta e também quer ser compreendido concretamente, o que é visível em sua obediência também concreta.³⁸⁵ O seu amar não foi emocionalismo, foi um ato concreto de entrega por amor a Deus e à humanidade.

Atualmente, muitos “discípulos” têm endurecido os seus ouvidos ao chamado concreto de Cristo para assumir a sua responsabilidade social, ética. Não é incomum ouvir as pessoas se apoiarem na lei para nada fazer e, ao mesmo tempo, responsabilizar o outro de acordo com a lei, deixando de se responsabilizar pelas suas próprias ações.³⁸⁶

Agora têm que ser o que são ou então deixam de ser seguidores de Jesus. Os seguidores são a Igreja visível, seu discipulado é ação visível através da qual eles se destacam do mundo, ou então não são discípulos. E o discipulado é visível como a luz na escuridão, como monte que se eleva na planície.³⁸⁷

Os discípulos podem esconder a sua luz de Cristo colocando-se debaixo do “alqueire”, ou seja, esconder a sua luz na conformidade com este mundo,³⁸⁸ na acomodação com a realidade presente, omitindo-se em meio ao barulho da correria da vida pós-moderna para não ouvir o grito por socorro dos excluídos e marginalizados da sociedade. “A igreja é Igreja somente quando ela existe para os outros... a igreja deve compartilhar os problemas seculares da vida humana comum, sem dominar, mas ajudando e servindo.”³⁸⁹ Ela deve ser igreja com os outros, pois discipulado é o colocar-se a serviço do Reino de Deus assim com Jesus o fez.

Sem empregar nenhuma estratégia social transformadora, Jesus exerce a práxis profética por meio da palavra. Denuncia e desmascara o anti-reino e toda forma de poder - religioso, econômico, intelectual e político - que oprima estruturalmente e,

³⁸⁴ MOLTMANN, J. & BASTOS, L. *O futuro da criação*, p 69.

³⁸⁵ Cf. BONHOEFFER, D. *Discipulado*, p 41.

³⁸⁶ Um exemplo simples: o ser humano responsabiliza o governo pela sujeira das ruas, mas não deixa de jogar o lixo no chão. A questão aqui não é descobrir o responsável, se o governo ou as pessoas, mas refletir sobre a necessidade do ser humano tomar consciência das suas responsabilidades, das suas ações que influenciam tanto a própria vida com a de outras pessoas.

³⁸⁷ *Ibid.*, p 68.

³⁸⁸ Cf. *Ibid.*, p 68.

³⁸⁹ BOSCH, D. J. *Missão transformadora*, p 450.

sub specie contrarii, anuncia como deve ser uma sociedade forjada de acordo com o Reino de Deus.³⁹⁰

Nem sempre o silêncio é adequado, nesse caso, a palavra pode ser a denúncia contra a injustiça e o silêncio pode ser omissão. Aquele que silencia diante das injustiças, diante da opressão exercida sobre os menos favorecidos, torna-se irresponsável e distancia-se da prática de Cristo. A libertação em Deus é holística, integral, ela deve acontecer em três níveis diferentes, mas que estão interconectados: a libertação da situação social de opressão e marginalização, libertação de qualquer forma de escravidão e libertação do pecado.³⁹¹

De acordo com Moltmann, pode-se afirmar que o caminho do discipulado é o seguimento de Cristo na resistência contra os poderes que se opõem a Deus, os poderes desumanos que causam morte, de forma que “O seguimento espiritual de Cristo na alma tenta corresponder ao seguimento corporal-político de Cristo.”³⁹² Ser discípulo de Jesus é o voltar-se para Deus, e também um voltar-se para o próximo, para auxiliar no seu desenvolvimento.

O silêncio se faz presente na vida do discípulo de Cristo igualmente no que diz respeito à responsabilidade social, à libertação das pessoas, sabendo que ao silenciar-se, com o sentido de omissão diante das injustiças, a pessoa torna-se conivente com tais situações e não mais segue o exemplo de Cristo que não se importou com as consequências, mas foi fiel até o fim, favorecendo a prática da justiça e o amor com seu silêncio e suas palavras. Sendo assim:

Para seguir Jesus Cristo é necessário viver os binômios comunhão-missão, contemplação-ação, fé-justiça, gratuidade-eficácia, mística-política. O primeiro polo desse binômio nos dá o "gosto", o "faro" de Jesus; no segundo, concretizamos o seguimento de Jesus.³⁹³

Viver como discípulo de Jesus exige viver do mesmo modo o binômio palavra-silêncio na vivência da responsabilidade social. Denunciar com a palavra ou com o silêncio de indignação as injustiças sociais. Expressar, seja com a palavra (prática) ou com silêncio, a sua responsabilidade como luz de Cristo. O silêncio do cristão nunca deve ser de omissão, de complacência, de indiferença para com o sofrimento das pessoas. Porém, o cristão também não deve ser tagarela, falante a tal ponto de não poder ouvir as necessidades do outro, de não se

³⁹⁰ BOMBONATTO, V. *Seguimento de Jesus*, p 307.

³⁹¹ Cf. BOSCH, D. J. *Missão transformadora*, p 529.

³⁹² MOLTSMANN, J. *O Espírito da vida*, p 199.

³⁹³ BARRERO, A. *A contemplação da vida de Jesus Cristo*, p 197.

fazer sensível ao que o outro diz. Seja silêncio ou palavra a atitude do discípulo deve ser de responsabilidade para com a sua sociedade, proporcionar transformações em sua sociedade conforme a graça de Deus tem transformado sua própria vida.

4.3.2. Silêncio solidário no discipulado

O discipulado precisa romper com as estruturas desse mundo para inaugurar um novo estilo de vida de acordo com a vida de Jesus. Por isso, tem que estar presente na vida dos discípulos a boa nova de Jesus, não somente em suas palavras, mas principalmente em seu agir, porque não é apenas uma questão de anunciar que o Reino de Deus está próximo e, sim, fazê-lo presente de forma visível e concreta neste mundo.³⁹⁴ Ou seja, através de ações que reflitam práticas concernentes com os valores do Reino de Deus, com os ensinamentos de Jesus. Isso implica assumir um compromisso com a sociedade e não somente com a Igreja. É não buscar no barulho a isenção do seu dever de ouvir ao próximo, ou não silenciar diante de situações em que se deve denunciar com palavras.

O discípulo deve viver o silêncio solidário em relação ao seu próximo. Jesus fala para os seus discípulos exercerem uma prática solidária em silêncio ao ensinar que, ao dar esmolas com a mão esquerda, não se deve dizer para a direita o que se fez, assim como não se deve tocar trombetas ou sair gritando para se gloriarem.³⁹⁵ Jesus ensina que o silêncio solidário é precioso, que não é necessário se autoexaltar, é necessário ser humilde para ajudar sem humilhar o próximo. Pode-se dizer que o silêncio solidário fala mais alto/profundamente do que muitas palavras.

Jesus também fala do silêncio da indiferença, Ele diz que aquele que escuta os seus ensinamentos e não os coloca em prática é semelhante ao insensato (Mt 7. 24-27), isto é, exerce uma escuta sem compromisso, faz silêncio para ouvir a direção, entretanto, permanece no mesmo lugar, logo, é um silêncio de indiferença a quem fala ou ao que se foi falado. O discípulo verdadeiro é aquele que ouve e pratica, é aquele que vive o silêncio positivamente. O silêncio do discípulo é de

³⁹⁴ Cf RETAMALES, S. S.; OPORTO, S. G.; AGUIRRE, R. *Kerygma*, p 56-57.

³⁹⁵ Cf. Mateus 6. 1-4.

quem se envolve com as questões sociais, não fica indiferente ao sofrimento da sociedade atual, nem mesmo ouve por ouvir.

O silêncio também está presente em meio ao sofrimento, seja por meio da solidariedade para com os que sofrem ou a indiferença. Mas, para o discípulo de Jesus, o silêncio deve ser de solidariedade. Bonhoeffer defende que o sofrimento faz parte do discipulado, porém o sofrimento em si não salva ninguém. A cruz de Cristo não é um sofrimento casual, mas necessário.³⁹⁶ Não é uma questão de sofrer simplesmente, e, sim, de exercer amor para com os outros, para com os que sofrem. Não é uma apologia à teologia sacrificialista, é o fazer-se solidário com o próximo, é levar a carga um dos outros. O discipulado é união com o Cristo sofredor, e o suportar a cruz é a única maneira de triunfar sobre o sofrimento. A cruz assume dimensão de vitória na ressurreição.³⁹⁷ O chamado ao discipulado é morte e vida³⁹⁸

da mesma forma que os caminhos especiais dos místicos e dos mártires, também a vida diária no mundo possui sua mística secreta e seu martírio silencioso [...] o sofrer-com-Cristo abrange também as dores incompreendidas de uma criança e o sofrimento sem consolo de pais desamparados. Abrange as decepções e as depressões da vida pública dos fracos e dos pequenos. [...] Quem ama morre muitas mortes. O viver-com-Cristo anima-nos a continuar vivendo e a ressurgir no amor.³⁹⁹

No entanto, o lema atual “pare de sofrer” é uma constante em algumas igrejas. Poucos são os que realmente querem ser discípulos de Cristo no que diz respeito a viver situações de sofrimento por amor ao próximo. As pessoas preferem se mostrar cheias de palavras prontas, frases de efeito, em vez de mostrar a sua fragilidade humana diante das adversidades da vida e solidarizar-se com aqueles que sofrem. Só pode ser discípulo de Jesus quem ama, e quem ama sofre, porque Jesus amou (e ama) e sofreu em prol do Reino de Deus e de uma sociedade mais justa, mais igualitária.

O discípulo de Jesus não tenta resolver todos os problemas somente com a oração porque sabe que também é preciso agir. Jesus orou e também agiu. No discipulado, não deve existir a dicotomia entre oração e ação, mas integração de momentos de oração com ação solidária. Ou seja, oração silenciosa e silêncio solidário. Deve-se cultivar a importância de buscar a Deus no silêncio, da mesma

³⁹⁶ Cf. BONHOEFFER, D. *Discipulado*, p 45-65.

³⁹⁷ Cf. *Ibid.*, p. 49.

³⁹⁸ Cf. *Ibid.*, p. 47.

³⁹⁹ MOLTMANN, J. *O Espírito da vida*, p 200.

maneira, seguindo a Sua orientação, agir solidariamente para com os marginalizados dessa época. Diante do sofrimento do outro, o cristão não deve ficar alheio como se o problema não lhe dissesse respeito. Por isso:

Um critério de autenticidade das manifestações extraordinárias do Espírito são: seguimento de Jesus, que implica encarnação na realidade dos pobres, missão a serviço do Reino e luta contra o anti-reino, perseguição e cruz. O Espírito não inventa uma estrutura do discipulado, mas o discipulado é dado pela vida terrena de Jesus que consiste em: encarnação, missão libertadora, perseguição e cruz e ressurreição.⁴⁰⁰

Sendo assim, um verdadeiro discípulo de Cristo se põe a serviço do Reino de Deus, empenhando-se por uma sociedade mais justa, mais humana, contra todo tipo de dominação. Jesus fica indignado com o silêncio dos fariseus em Marcos 3.1-6 por ser um silêncio de quem planejava fazer o mal. Não é necessário simplesmente dizer com palavras que se deseja uma sociedade mais justa, é necessário agir em silêncio solidário em favor de uma sociedade mais justa.⁴⁰¹ O silêncio solidário é aquele que se coloca no lugar do outro, que se põe a carregar o fardo do outro, que se põe a servir. O silêncio pode ser uma forma de demonstrar afeto e amor aos necessitados; às vezes, o ser humano não sabe ajudar o outro com palavras, todavia pode usar o silêncio solidário como sua palavra.

O discipulado de Cristo não é apenas uma vertente da vida do indivíduo, mas a forma que se vive a vida, entendendo que o seguimento de Cristo não deve ser um privilégio para algumas pessoas apenas, tem de ter um alcance universal, com objetivo de formar uma nova sociedade mais justa, na qual se busca um bem-estar integral, ou seja, a concretização do Reino de Deus inaugurado em Jesus.

Para Moltmann:

O que é feito no seguimento de Cristo, segundo as medidas do Sermão da Montanha, não é algo sectário, mas algo de alcance universalmente redentor. Uma sociedade com liberdade individual, com justiça social e equilíbrio ecológico, não é uma utopia, mas a única alternativa realista ao Holocausto social, ecológico e militar da humanidade.⁴⁰²

Para tal, o discipulado deve praticar o silêncio de diversas formas e diversos sentidos. O discipulado precisa do silêncio, porque o fiel discípulo silencia-se para

⁴⁰⁰ BOMBONATTO, V. *Seguimento de Jesus*, p 406.

⁴⁰¹ Isso não significa que a palavra é desnecessária nessa tarefa, às vezes, ela é extremamente necessária. Mas é importante enfatizar que o silêncio pode ser uma forma inteligente para superar a injustiça e demonstrar afeto para com os que sofrem.

⁴⁰² MOLTSMANN, J. & BASTOS, L. *O futuro da criação*, p 71.

ouvir Deus, para conhecer-se melhor e descobrir a sua vocação, ouvir Deus falar por meio da natureza. Entretanto, o silêncio precisa do discipulado para que não venha adquirir sentido de omissão, um simples calar-se diante das situações da vida, porque o discipulado de Cristo deve ensinar a hora de falar bem como a hora de calar, para que o silêncio seja considerado como uma atitude de sabedoria e de virtude adquirindo um valor precioso, de indignação ou solidariedade. Logo, o discipulado precisa do silêncio, assim como o silêncio precisa do discipulado.

O Deus de Jesus é um Deus que se revelou no silêncio, que se manifestou por meio do silêncio, e chama os seus discípulos a viverem a excelência do silêncio. As igrejas precisam rever as suas práticas de celebração cúlticas para proporcionarem aos discípulos de Cristo um espaço de silêncio no qual se exerça a meditação e a contemplação. Entretanto, não é um mero ficar sem palavras, é silenciar a mente, coração, inquietações da vida, para escutar o que Deus tem falado à Igreja.

É comum as pessoas silenciarem-se diante das injustiças desse mundo, porém, ao mesmo tempo, se atormentam com as muitas vozes interiores. Por isso, o silêncio do discípulo de Cristo não deve ser de consentimento com a injustiça, mas deve assumir um caráter de indignação, e para isso deve vir atrelado a uma prática coerente com o Reino de Deus. O discípulo pode falar por meio do silêncio solidário, quando as palavras não são suficientes ou não são necessárias, respondendo com sabedoria contra a iniquidade e não se tornando conivente com este mundo, mas transformando-o.

Tão importante quanto falar de Jesus para as pessoas é o silenciar-se para revelar o amor de Jesus às pessoas. Na tarefa de evangelização, no discipulado, o silenciar-se é fundamental, pois o próprio Jesus calava-se para ouvir o que as pessoas estavam passando ou precisando. A evangelização não pode ser feita somente com palavras, pois necessita tanto do silêncio como da palavra. O silêncio amoroso de quem escuta atentamente ao próximo pode revelar muito mais do amor de Deus do que o falar compulsoriamente do amor de Deus. Com isso, compreende-se que o silêncio pode ser uma poderosa forma de se conhecer, conhecer a Deus, de melhor servi-Lo e ao próximo.

O verdadeiro discipulado de Cristo valoriza e disponibiliza oportunidades de vivenciar o silêncio como uma forma de cultivar a Deus, de servi-Lo, de

solidarizar-se com as pessoas, de se indignar contras as injustiças e de evangelizar, ou seja, anunciar o amor salvador em Jesus.

5 Conclusão

A presente pesquisa defende que o silêncio é uma profunda forma de expressão fundamental para o ser humano e, principalmente, para o cristão. Esse pode ser vivido de diversas formas, tanto positiva como negativamente; as circunstâncias e a intenção em que ocorre irão determinar o seu sentido. Optou-se por desenvolver um capítulo dedicado à prática pastoral (capítulo 4) recolhendo o conteúdo da pesquisa, devido a experiências vivenciadas nessa área, no entanto, é pertinente apresentar aqui algumas perspectivas que surgiram ao longo do estudo.

Após o capítulo introdutório, coube ao segundo capítulo definir o que é o silêncio e como ele é vivido na sociedade e na igreja atualmente. O silêncio não é somente a ausência de palavras ou sons, é também o silêncio na mente, das preocupações, para se ouvir o que esse tem a dizer. O silêncio fala, é a palavra não dita, e que, em muitas ocasiões, tem se tornado a palavra não ouvida. Esse é essencial para um diálogo, não existe diálogo sem o silêncio da escuta, da acolhida. Assim, o silêncio e a palavra não são contrários, eles estão inter-relacionados, se completam.

A sociedade atual está cada vez mais barulhenta e, de acordo com as características abordadas, essa procura cada vez mais o barulho como forma de fugir de si mesma e também porque o silêncio tem sido entendido como perda de tempo. Em consequência disso, os relacionamentos estão mais escassos e fragmentados, as pessoas que vivem o sentimento de solidão não necessariamente vivem os benefícios do silêncio apesar de estarem sozinhas, pois estão imersas nos barulhos de suas emoções. Muitas vezes, as pessoas usam da tagarelice para abafar as vozes do seu interior, por não querer enxergar as feridas existentes, o seu ser. Em alguns momentos, o silêncio aparece na sociedade atual com o sentido de indiferença ou de omissão diante das injustiças sociais. A vivência do silêncio é necessária para o autoconhecimento, para restaurar os relacionamentos, para demonstrar solidariedade de forma a preencher o vazio que a palavra não é suficiente para preencher.

Um filme muito interessante que retrata de forma lúdica a necessidade do silêncio em nossa sociedade, principalmente no que diz respeito aos relacionamentos, é *As mil palavras*, com Eddie Murphy, sob a direção de Brian Robbins. O filme trata de um agente de uma editora de livros chamado Jack McCall que deseja fechar um negócio com um líder religioso sem denominação chamado Sinja, que tinha como filosofia de vida o fato de que “no silêncio, há verdade”. Jack MacCall, devido ao acordo, fica ligado a uma árvore, que aparece do nada em seu quintal, e a cada palavra sua uma folha caía da árvore, de forma que, se todas as folhas caíssem, ele morreria. Já com poucas folhas na árvore, Jack procura Sinja, que declara não saber como ele poderia se desvincular da árvore, mas aconselha-o dizendo: “Você precisa descobrir a verdade sobre si mesmo, precisa ficar em silêncio, não só a boca, mas sua mente também. No silêncio, você ouvirá a verdade.” Então Jack abre os braços com se perguntasse “Como?”. Sinja pergunta: “Você tem algum relacionamento mal resolvido?” Sinja diz que os relacionamentos estavam construídos apenas sobre palavras, como folhas insignificantes que caem de uma árvore moribunda; era necessário não só falar, mas *mostrar* que ele amava a sua família. E então, ele diz: “faça as pazes. Mostre que ama sua família. E seja verdadeiro.” Jack reluta, porém depois decide silenciar-se para se ouvir, para avaliar os seus relacionamentos. A mensagem desse filme faz pensar não no simples ficar sem falar, mas na necessidade de se silenciar para se ouvir, ouvir as outras pessoas, e assim usar as palavras adequadas, no momento certo. Para a restauração dos relacionamentos, é necessário o silêncio sábio e a palavra sábia.

Durante a pesquisa, também se verificou que as igrejas estão se afundando nas muitas palavras e sons. Com o intuito de crescer, essas têm se expandido com os ruídos da mídia, da Teologia da Prosperidade, sem contar nas constantes alusões às batalhas espirituais e à espiritualidade baseada no falar em línguas estranhas (glossolalia). A espiritualidade de uma pessoa tem sido pautada pelo seu muito falar ou não, de tal maneira que uma pessoa pode ser considerada pouco espiritual se não ficar falando os jargões espirituais durante as celebrações cúlticas, tais como: Aleluia! Amém! Diga para o seu irmão que Jesus o ama, entre outras. Além da ausência de momentos que favoreçam a prática da contemplação e meditação no silêncio.

No terceiro capítulo, abordou-se o fato de as igrejas também precisarem reaprender a usar o silêncio para restaurar os seus relacionamentos, principalmente com Deus, pois Jesus, que é a Palavra de Deus, viveu o silêncio de diversas formas, e os seus seguidores devem também fazer o mesmo. Esse capítulo constatou a presença do silêncio na vida de Jesus e como isso interferiu em Sua vida.

Para Jesus, o silêncio foi tão importante quanto o falar. Jesus, ao pedir para que as pessoas ficassem em silêncio (“segredo messiânico”), estava ensinando que há uma hora certa para se falar, que não se deve falar tudo o que se sabe, às vezes, é preciso guardar o silêncio da prudência. O “segredo messiânico” contém parte da pedagogia de Jesus ao correlacionar segredo e revelação, ou seja, saber quando calar e quando falar, sendo uma forma de ensinar sobre a compreensão do mistério messiânico.

Há momentos em que Jesus também responde com o silêncio, tanto diante de Deus quanto diante dos seres humanos. Jesus fica em silêncio ao dialogar com o Pai, se põe a escutar o que o Pai tem a dizer. É um silêncio acolhedor da Palavra de Deus, de tal maneira que a sua oração era muito mais do que palavras, era uma oportunidade de estar a sós com Deus em silêncio. Entretanto, é importante ressaltar que a sua oração não era uma alienação, era um momento de confrontação de suas práticas com a vontade de Deus, era um voltar-se para Deus e voltar-se para o ser humano. Era a oração que levava à ação e a ação que levava à oração.

Jesus também responde os seres humanos com silêncio, causando admiração nos seus acusadores mediante a cruz. Diante dos seus acusadores, Jesus permanece em silêncio por entender que as perguntas não eram feitas com interesse de obter a verdade, porém, também demonstra amor a eles ao não lhes responder como inimigos. É um silêncio de resistência contra o poder dominador, é uma forma de se manter íntegra a vontade de Deus. Assim, o seu silêncio falou mais, causou mais impacto do que suas palavras, revelando que o silêncio pode ser uma forma de mostrar sabedoria, amor e resistência ao poder dominador.

Não foi só Jesus que ficou em silêncio, o próprio Deus também se cala com relação a Jesus. De acordo com as narrativas do Evangelho de Marcos, Jesus clama a Deus no Getsêmani e na Cruz e não obtém resposta nenhuma em palavras, foi no momento de profunda dor e tormento que Jesus ouviu o silêncio

de Deus como resposta. Na cruz, Jesus chega a se sentir abandonado pelo Pai. Sendo assim, O *Logos* de Deus, que é a Palavra de Deus, fica em silêncio e também ouve o silêncio de Deus. Porém, o silêncio de Deus na cruz não é ausência, nem indiferença, é o silêncio da dor de um Pai que fica sem palavras ao ver o seu Filho amado morrer. Desse modo, infere-se que nem sempre Deus vai responder com palavras aos seus filhos, mas também não os abandona, sofre juntamente com eles. A resposta silenciosa do Pai é a que mais necessita de intimidade para ser ouvida e entendida. Esse silêncio pode ser de solidariedade com os que sofrem e também de indignação com os malfeitores.

Deus é um Deus silencioso, que age em meio ao silêncio. Se na cruz Deus fica calado, a ressurreição é sua resposta poderosa contra as injustiças realizadas com que em meio ao silêncio. Não há, nos relatos da ressurreição de Jesus, nenhuma expressão de palavras poderosas de Deus, apenas sabe-se que Jesus ressuscitou. A ressurreição de Jesus acontece como que no silêncio de Deus, um silêncio amoroso que se mostra contrário a toda iniquidade e que age em favor das vítimas. Então, pode-se dizer que o Deus de Jesus é um Deus silencioso, que sofre com os que sofrem e age em favor das vítimas também no silêncio. Deus é “ausência” que se faz presença solidária na cruz e, simultaneamente, é presença “ausência” na ressurreição.

Em síntese, a presente pesquisa entende que seja necessário o despertar para a importância do silêncio dentro da dinâmica do discipulado nas igrejas cristãs. Para que as igrejas vivam como discípulas de Cristo, precisam seguir o exemplo de Cristo e, como tal, precisam viver a prática do silêncio, precisam proporcionar momentos de silêncio. O discípulo cristão precisa cultivar a prática da meditação para se autoconhecer, descobrir sua vocação e melhor servir ao Reino de Deus. As igrejas precisam criar em suas celebrações cúlticas momentos de silêncio, nos quais o discípulo de Cristo venha silenciar-se para ouvir a Deus e até mesmo ouvir o silêncio de Deus.

Outro ponto importante para a dinâmica do discipulado é a evangelização, que também precisa do silêncio para ser eficiente, porque, conforme a ação de Jesus, Ele primeiramente ouvia o que a pessoa que O procurava tinha a dizer. O silêncio é importante para a relação com Deus, com os seres humanos e com a natureza, até porque o “Reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder”

(1Coríntios 4.20), o poder do amor, da solidariedade, da resistência contra a injustiça.

Desse modo, o objetivo proposto ao início desta pesquisa foi alcançado por conseguir descobrir a presença do silêncio em Jesus e como isso O afetou, redescobrando o Deus silencioso de/em Jesus. No entanto, enfrentou-se certa dificuldade devido à escassez de referencial bibliográfico diretamente concernente ao tema proposto. Há poucos textos a respeito do silêncio na sociedade e nas igrejas, do mesmo modo, a respeito do silêncio de Jesus nas vertentes apresentadas. O tema que possui uma gama maior de material é aquele referente ao silêncio de Deus. Essa foi uma das grandes limitações encontradas nessa dissertação.

Reconhece-se que a pesquisa não explorou toda abrangência do tema e que ainda há muito que analisar, entretanto, para um aprofundamento futuro, seria pertinente a realização de uma pesquisa de campo, que pode vir a ser construída e implementada. Esse não era o objetivo dessa pesquisa, e é uma lacuna conscientemente reconhecida. Sendo assim, criam-se possibilidades para posteriores pesquisas, esperando que se tenha estimulado a outros a preencherem tais hiatos e a prosseguirem avançando no conhecimento da temática.

6

Referências Bibliográficas

BÁEZ, S. J., *Quando tudo se cala: o silêncio na bíblia*, São Paulo, Paulinas, 2011.

BALDINI, M, *Il mistico fra silenzio e parola*, in *Le forme del silenzio e della parola*, Brescia, Morcelliana, 1989.

BALBINOT, R., *Metodologia pastoral: mística do discipulado missionário*, São Paulo, Paulinas, 2009.

BALLESTER, M. G, *Escuchar la voz y el silencio de Dio*, in *Veritas*, Vol. III, n 19, 2008, p 383-398.

BARRERO, A., *A contemplação da vida de Jesus Cristo: história, método e teologia dos Exercícios Espirituais inacianos*, São Paulo, Loyola, 2009.

BAUMAN, Z, *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.

_____, *Amor líquido*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2007.

_____, *O mal-estar da pós-modernidade*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BERTELLI, G. A, *Mística e compaixão: a teologia do seguimento de Jesus em Thomas Merton*, São Paulo, Paulinas, 2008.

BÍBLIA, Português, *Bíblia de Jerusalém*, São Paulo, Paulus, Nova Edição, revista e ampliada, 2002.

BINGEMER, M. C., *Jesus Cristo: servo de Deus e messias glorioso*, São Paulo, Paulinas & Valência, Siquem, 2008.

BOFF, L.; BETTO, F. *Mística e espiritualidade*. Rio de Janeiro, Rocco, 1996.

BOMBONATTO, V. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a Cristologia de Jon Sobrino*, São Paulo, Paulinas, 2002.

BONFOEFFER, D., *Discipulado*, São Leopoldo, Sinodal, 2004.

_____, *Vida en comunidad*, Salamanca, Sígueme, 2003.

_____, *Ética*, Madri, Trotta, 2000.

BOSCH, D. J., *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*, São Leopoldo, Sinodal, 2002.

BOROBIO, D., *Celebrar para viver: liturgia e sacramentos da Igreja*, São Paulo, Loyola, 2009.

CALLEJO, J., *El silencio: núcleo ético de la comunicación*, disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/158/15802025.pdf> acesso em 16/03/2012.

CASTELLANO, J., *Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência*, São Paulo, Paulinas, 2008.

CARRANZA, B. *Catolicismo Midiático*, Aparecida, Idéias & Letras, 2011.

CATALÁN, J. O., *A experiência mística e suas expressões*, São Paulo, Loyola, 2008.

CHAVES, I. S., *Ética cristã e pós-modernidade*, Niterói, Epígrafe, 2009.

COMBLIN, J., *Pastoral urbana: o dinamismo na evangelização*, Petrópolis, Vozes, 1999.

_____, *A oração de Jesus*, Petrópolis, Vozes, 1973.

CONGAR, Y., *Revelação e experiência do espírito*, São Paulo, Paulinas, 2005.

CORDOBÉS, J. M., *Vocação*, in FIORES, S. De; GOFFI, T. (Org.), *Dicionário de Espiritualidade*, São Paulo, Paulus, 1993, 1187-1192.

CUNHA, M. N., *Vinho novo em odres velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil*, 2004, Tese, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2004.

CUNHA, T. C. e, *O Silêncio na Comunicação*, disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-tito-cardoso-silencio.pdf> acesso em 15/03/2012. CUSTÓDIO, R, C de F e, *Outras faces do silêncio*, disponível em www.nelool.ufsc.br/palestras/raquelcardoso.pdf acesso em 14/03/2012.

D'INCAO, D. B., *Silêncio que Cala, ou Silêncio que Fala?*, disponível em www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php acesso em 01/03/2012.

DONGHI, A., *Gestos e palavras na liturgia*, São Paulo, Loyola, 2009.

ESPEJA, J., *Espiritualidade cristã*, Petrópolis, Vozes, 1994.

EVDODIMOV, P., *O silêncio amoroso de Deus*, Aparecida, Santuário, 2007.

FISICHELLA, R., *Silêncio* in LATOURELLE, R.; FISECHELLA, R. (Org.), *Dicionário de Teologia Fundamental*, Petrópolis, Vozes & Aparecida, Santuário, 1994, p 892-896.

FORTE, B., *Teologia da história: ensaio sobre a revelação, o início e a consumação*, São Paulo, Paulus, 1995.

FRESTON, P., *Nem anjos nem demônios, interpretações sociológicas do pentecostalismo*, Petrópolis, Vozes, 1994.

GARCIA RUBIO, A. *O encontro com Jesus Cristo vivo: um ensaio de cristologia para nossos dias*, São Paulo: Paulinas, 2007.

_____, *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz e da reflexão cristã*, São Paulo, Paulus, 2006.

GNILKA, J., *El evangelio segun San Marcos: Mc. 1, 1-8, 26, I*, Salamanca, Sígueme, 1999.

_____, *Teología del Nuevo Testamento*, Madrid, Trotta, 1998.

IZQUIERDO, C, *Palabra (y silencio) de Dios*, Scripta Theologica 41 (2009/3), p 945-960.

JEREMIAS, J., *Abba: El mensaje central Del Nuevo Testamento*, Salamanca, Sígueme, 2005.

KASPER, W, *Jesus, el Cristo*, Salamanca, Sigueme, 1986.

KAUFMANN, C., *Silêncio*, in RODRIGUÉZ, A. A.; CASAS, J. C. (Org.), *Dicionário Teológico da vida consagrada*, São Paulo, Paulus, 1994, p 1035-1042.

KESSLER, H., *Cristologia* in Schneider, T., *Manual de Dogmática*, vol I, Petrópolis, Vozes, 2000, p 393-394.

LE BRETON, D, *Do Silêncio*, Lisboa, Instituto Piaget, 1997.

LIBANIO, J. B, *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*, São Paulo, Loyola, 2001.

LIPOVETSKY, G, *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*, São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

_____, *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, Barueri, Manole, 2005.

MAGGIONI, B, *Era verdadeiramente homem: visitar a figura de Jesus nos Evangelhos*, São Paulo, Loyola, 2003.

MARIANO, R, *Neopentecostais : sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, São Paulo, Loyola, 1999.

MARSILI, S., *Liturgia*, in SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Org.), *Dicionário de Liturgia*, São Paulo, Paulus, 1992, p 638-651.

MELLO, R. de, *O silêncio faz sentido*, disponível em www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_146.pdf acesso em 26/02/2012.

MERTON, T, *Contemplação num mundo de ação*, Petrópolis, Vozes, 1975.

MOLTMANN, J., *O Deus crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*, Santo André, Academia Cristã, 2011.

_____, *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*, Petrópolis, Vozes, 2010.

_____, *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*, Santo André, Academia Cristã, 2009.

_____, *Quem é Jesus Cristo para nós hoje?*, Petrópolis, Vozes, 1997.

MOLTMANN, J.; BASTOS, L., *O futuro da criação*, Rio de Janeiro, Mauad X & Instituto Mysterium, 2011.

MYERS, C., *O Evangelho de São Marcos*, São Paulo, Paulinas, 1992.

OLIVEIRA, V. M. R de; CAMPISTA, V. do R, *O silêncio: multiplicidade de sentido*, Sinais - Revista Eletrônica, Ciências Sociais, Vitória, CCHN, UFES, Ed. 02, v.1, Outubro 2007.

ORLANDI, E., *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*, Campinas, Editora UNICAMP, 2007.

PAGOLA, J. A., *Jesus: aproximação histórica*, Petrópolis, Vozes, 2011.

_____, *Silencio y escucha frente a la cultura del ruido e la superficialidad*, disponível em http://www.mercaba.org/FICHAS/Vida_consagrada/silencio_y_escucha_frente_a_la.htm acesso em 30/11/2011.

PAIVA, M. A.; DIAS, L. F. P., *Deus: além do nome, além da significação*, disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/1130/1930> acesso em 01/06/2011.

PALMA, L., *Camino Espiritual*, in *Obras completas del padre Luis de la Palma de la compania de Jesus*, Recopilación, introducción y notas del P. Camilo María Abad, Madri, BAC, 1962.

PAPA BENTO XVI, *O papel do silêncio na vida de Jesus* disponível em <http://pnsfatimadeolaria.wordpress.com/2012/03/15/o-papel-do-silencio-na-vida-de-jesus/>, acesso em 03/08/2012.

PASCAL, B, *Pensamentos*, São Paulo, Difusão Europeia do livro, 1961. Clássicos Garnier.

PAULY, S. (Org.), *O Deus longínquo em nosso tempo*, São Paulo, Loyola, 2003.

PERES, F, S, *Com a palavra o silêncio*, disponível em [http://www.cprj.com.br/imagenscadernos/12.Com a palavra o silencio.pdf](http://www.cprj.com.br/imagenscadernos/12.Com_a_palavra_o_silencio.pdf) acesso em 14/03/2012.

PESEUDO-DIONÍSIO, o Areopagita, *Obra completa*, São Paulo, Paulus, 2004.

PICARD, M, *Il mondo del silenzio*, Sotto il Monte, Provincia di Bergamo, Servitium, 2007.

QUEIRUGA, A., *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*, São Paulo, Paulus, 1993.

QUEVEDO, L, G., *Vocação*, in RODRIGUÉZ, A. A.; CASAS, J. C. (Org.), *Dicionário Teológico da vida consagrada*, São Paulo, Paulus, 1994, p 1142-1181.

RAHNER, K., *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*, São Paulo, Paulinas, 1989.

RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré: do batismo no Jordão à transfiguração*, São Paulo, Planeta do Brasil, 2007.

RETAMALES, S. S.; OPORTO, S. G.; AGUIRRE, R., *Kerygma: discipulado e missão, perspectivas atuais*, São Paulo, Paulinas & Paulus, 2007.

RIBARIC, S. A., *O silêncio de Deus segundo Hans Urs Von Balthasar*, dissertação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – SP, São Paulo, 2011.

ROMERO, P *Decepcionados com a graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal*. São Paulo, Mundo Cristão, 2005.

SANTOS, F. A. Dos, no site da Assembleia de Deus, disponível em <http://www.assembleia.org.br/site/em-que-cremos/> acesso em 04/04/2012.

SARTORE, D, Silêncio, in SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Org.), *Dicionário de Liturgia*, São Paulo, Paulus, 1992, p 1135-1142.

SAVIGNANO, A., *Henri Bremond: inquietudine religiosa e silenzio di Dio*, in *Il silenzio e La parola da Eckhart a Jabès*, Brescia, Morcelliana, 1987, p 159-171.

SCHILLEBEECKX, E., *Jesus: a história de um vivente*, São Paulo, Paulus, 2008.

SILVA, J. A. da, *Jesus Cristo e a celebração do culto*, in MIRANDA, M. de F. (Org), *A pessoa e a mensagem de Jesus*, São Paulo, Loyola, 2002, p 109-124.

SILVA, M. *Palavra, silêncio, escritura: a mística de um currículo a caminho da contemplação*, 2008, Tese, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2008.

SOBRINO, J., *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*, Petrópolis, Vozes, 2000.

_____, *Jesus, o libertador: a história de Jesus de Nazaré*, Petrópolis, Vozes, 1994.

_____, *Cristologia a partir da América Latina: esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*, Petrópolis, Vozes, 1983.

STOTT, J., *Ouçá o Espírito, ouçá o mundo*, São Paulo, ABU Editora, 2005.

SUDBRACK, J., *Mística: a busca do sentido e a experiência do absoluto*, São Paulo, Loyola, 2007.

TEIXEIRA, N. de C., *Comunicação na liturgia*, São Paulo, Paulinas, 2003.

WENZEL, J, I, *Pedagogia de Jesus segundo Marcos*, São Paulo, Loyola, 1997.

WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.